

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

DIEGO DETONI SILVEIRA

**AS RELAÇÕES DOS ESTADOS UNIDOS DURANTE O GOVERNO RONALD
REAGAN (1981-1989) COM A UNIÃO SOVIÉTICA**

**Sant'Ana do Livramento
2017**

DIEGO DETONI SILVEIRA

**AS RELAÇÕES DOS ESTADOS UNIDOS DURANTE O GOVERNO RONALD
REAGAN (1981-1989) COM A UNIÃO SOVIÉTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Relações
Internacionais da Universidade Federal do
Pampa, como requisito parcial para
obtenção do Título de Bacharel em
Relações Internacionais.

Orientador: Dr. Flávio Augusto Lira
Nascimento

**Sant'Ana do Livramento
2017**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

327 Silveira, Diego Detoni
S587r AS RELAÇÕES DOS ESTADOS UNIDOS DURANTE O GOVERNO
RONALD REAGAN (1981-1989) COM A UNIÃO SOVIÉTICA /
Diego Detoni Silveira.
120 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) --
Universidade Federal do Pampa, RELAÇÕES
INTERNACIONAIS, 2017.

"Orientação: Flávio Augusto Lira Nascimento".

1. Estados Unidos. 2. União Soviética. 3. Ronald
Reagan. 4. Mikhail Gorbachev. 5. Novo Pensamento. I.
Título.

DIEGO DETONI SILVEIRA

**AS RELAÇÕES DOS ESTADOS UNIDOS DURANTE O GOVERNO RONALD
REAGAN (1981-1989) COM A UNIÃO SOVIÉTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Relações
Internacionais da Universidade Federal do
Pampa, como requisito parcial para
obtenção do Título de Bacharel em
Relações Internacionais.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 27/11/2017.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Flávio Augusto Lira Nascimento
Orientador
(UNIPAMPA)

Prof.^a Dr.^a Anna Carletti
(UNIPAMPA)

Prof.^a Dr.^a Kamilla Raquel Rizzi
(UNIPAMPA)

AGRADECIMENTO

Agradeço a meus pais por tudo feito durante a graduação. Agradeço também aos meus amigos, em especial da CLEP e da CDL, que me apoiaram no caminho e que geraram momentos impagáveis. Agradeço ao meu orientador que me ajudou a concluir esta fase.

Dedico este trabalho aos que incansavelmente trabalham pela difusão do conhecimento pela rede.

“The fact that someone says something doesn't mean it's true. Doesn't mean they're lying, but it doesn't mean it's true.”
Carl Sagan

RESUMO

Os anos 1980 foram o palco do acirramento da Guerra Fria, seguido de um relaxamento das tensões entre as superpotências, abrindo o caminho para o fim do conflito e para a ordem multipolar vigente. O Governo conservador Reagan propositalmente vigoriza o conflito, busca fortalecer o poderio militar americano e leva a diante a sua cruzada contra o comunismo. Contudo, após uma série de fatalidades, Gorbachev chega ao secretariado-geral e seu governo muda a direção da União Soviética, seus interesses e inicia uma reforma sem precedentes na história nacional. No período concomitante aos governos Reagan e Gorbachev, ocorre um apaziguamento nas relações outrora muito tensas entre as superpotências, chegando a haver assinatura de um tratado de destruição de uma classe de armamentos nucleares, por vezes chamada de “Nova Détente”. Tal ocorrência é complexa e é pouco usual um país tão poderoso como a União Soviética mudar seus interesses tão radicalmente em tão pouco tempo, assim como é intrigante o fato de o país ceder tanto em negociações que envolvem a sua segurança com o seu maior rival. Este trabalho se propõe a analisar as relações entre Estados Unidos e União Soviética no período do governo Reagan e entender a razão de as tensões serem tão reduzidas na segunda metade quando compara com a primeira. O trabalho permite notar que não coincidentemente as relações melhoram e os Estados Unidos abrandam seus discursos quando a União Soviética de Gorbachev muda seus interesses e aceita negociar de uma posição de desigualdade, fazendo ofertas muito generosas e recebendo pouco em troca. O trabalho afirma que a causa principal desta redução de tensões foi o Governo Gorbachev e suas políticas. Para argumentar, analisa-se a forma como se davam as relações no primeiro mandato de Reagan e compara com o segundo, observando a diferença entre os quatro secretariados-gerais que existiram neste tempo, bem como interesses e visões dos EUA e da URSS.

ABSTRACT

The 1980s were the scene of the intensification of the Cold War, followed by a relaxation of tensions between the superpowers, opening the way to the end of the conflict and to the current multipolar order. The Conservative Reagan Government purposefully invigorates the conflict, seeks to strengthen the American military power and carries forward its crusade against communism. However, after a series of fatalities, Gorbachev arrives at the General Secretariat and his government changes the direction of the Soviet Union, its interests and initiates an unprecedented reform in national history. In the concomitant period of the Reagan's and Gorbachev's governments, there is a restraint in the once very tense relations between the superpowers, with the signing of a treaty for the destruction of an entire class of nuclear weapons, a period sometimes called the "New Détente". Such an occurrence is complex, and it is unusual for a country as powerful as the Soviet Union to change its interests so radically in such a short time, also it is intriguing the fact that the country gives in so much in negotiations involving its security with its biggest rival. This paper proposes to analyze the relations between the United States and the Soviet Union during the Reagan period and to understand why tensions are so small in the second half when compared with the first. The monograph notes that non-coincidentally relations between those countries improve and the United States slows down its speeches when Gorbachev's Soviet Union changes its interests and agrees to negotiate from a position of inequality, making very generous offers and receiving little in return. The monograph states that the main cause of this reduction of tensions was the Gorbachev Government and its policies. To argue, we analyze the relationship between Reagan's first term of office and compare it with the second, noting the difference between the four general secretariats that existed at this time, as well as interests and visions of the US and the USSR.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABMT - Anti-Ballistic Missile Treaty

EUA - Estados Unidos da América

INF - Intermediate-Range Nuclear Forces (tratado)

KGB - Komitet Gosudarstvennoi Bezopasnosti

MAD - Mutual Assured Destruction

MIRV - Multiple Independently Targetable Reentry Vehicle

NP – Novo Pensamento

OTAN - Organização do Tratado do Atlântico Norte

PCUS - Partido Comunista da União Soviética

SALT - Strategic Arms Limitation Talks

SDI - Strategic Defense Initiative

START - Strategic Arms Reduction Treaty

URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 OS ESTADOS UNIDOS E O GOVERNO REAGAN	12
2.1 O 40º presidente, de Hollywood à Casa Branca	12
2.2 A visão de mundo e da Guerra Fria do presidente.....	13
2.3 Como estava fundamentada a política externa de Reagan	15
2.4 A equipe da administração.....	21
2.5 A Doutrina Reagan	26
2.6 A iniciativa de Defesa Estratégica ou <i>Strategic Defense Initiative</i>	30
2.7 Conclusão do capítulo	35
3 A UNIÃO SOVIÉTICA E SEUS QUATRO SECRETÁRIOS-GERAIS.....	37
3.1 Os anos 1970, a Era Brejnev e a détente.....	37
3.2 Os últimos bolcheviques: Andropov e Chernenko	44
3.3 O enigmático Gorbachev	49
3.3.1 A Política Externa soviética no começo do governo Gorbachev.....	53
3.3.2 O Novo Pensamento	56
3.4 Conclusão do capítulo.....	63
4 ESTADOS UNIDOS DE REAGAN E UNIÃO SOVIÉTICA.....	65
4.1 Reagan e Brejnev (1981-1982).....	65
4.1.2 <i>Zero option</i> e START	71
4.2 Reagan e Andropov (1982-1984).....	74
4.3 Reagan e Chernenko (1984-1985)	79
4.4 Uma nova fase: O segundo mandato da administração Reagan e a União Soviética na Era Gorbachev	81
5 EMBASAMENTO TEÓRICO.....	105
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
7 REFERÊNCIAS.....	115

1 INTRODUÇÃO

Estados Unidos da América e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas travaram por quase toda a segunda metade do século XX a Guerra Fria. As superpotências competiam em poder militar, economia, influência e expansão de seus sistemas socioeconômicos, capitalismo e socialismo respectivamente. As relações entre estes dois gigantes ora pendiam para a crescente tensão, ora pendiam para uma relativa calma. Contudo, nunca deixava de ser uma disputa e o status de Guerra Fria se mostrava muito forte para ser abatido por meras aproximações.

A chegada do republicano conservador Ronald Reagan à presidência em 1981 indicava que a Guerra Fria iria caminhar para uma distensão que deixaria a moribunda aproximação da década anterior no passado. De fato, foi o que ocorreu. A década de 1980 foi o ponto final do conflito. Nela a tensão aumentou a níveis não vistos desde à Crise dos Mísseis em 1962. O primeiro mandato de Reagan ficou marcado pela tensão crescente, o discurso ríspido e o clamor do 40º presidente pelo aumento de gastos militares devido à suposta ameaça da superioridade militar soviética e sua visão do país euroasiático por vezes não condizente com a realidade. A situação fica ainda mais intrincada com a sucessão de líderes em Moscou, devido à morte de três secretários-gerais entre 1982 e 1985. O período do quarto secretário-geral que este trabalho compreende mostra-se extremamente inovador e complexo. Não apenas mudanças internas a União Soviética passa, mas também na sua forma de fazer política externa e o que se vê é que Estados Unidos e União Soviética têm relações bastante diferentes e consideravelmente menos tensas que no período equivalente ao primeiro mandato de Ronald Reagan e o final do Governo Leonid Brejnev, seguido pelos breves Governos Lúri Andropov e Konstantin Chernenko.

A importância de se entender a relação entre as duas superpotências para o mundo e para as Relações Internacionais é indubitável e este período é um dos grandes merecedores de atenção. A aproximação entre os Estados Unidos de Reagan e a União Soviética de Gorbachev, e até a afinidade que surge entres os chefes de Estado, afeta profundamente não apenas estes dois países, mas o mundo

inteiro. Desde afetando questões de segurança, passando mudanças no bloco soviético, até abrindo espaço para o fim da Guerra Fria. É de importância crucial entender este período, entender como EUA e URSS se aproximaram e tiveram suas relações alteradas tão significativamente e tão rapidamente indo do temor de um ataque em 1983 para assinatura do primeiro tratado que destruía uma classe de armas nucleares em 1987. Compreender o mundo pós Guerra Fria passa por compreender o fim da Guerra Fria. A União Soviética já não existe, mas a Federação Russa, não negando as diferenças substanciais, não surge do zero, tampouco seria correto pensar no gigante euroasiático sem considerar o passado soviético.

Este trabalho busca entender a mudança das relações entre Estados Unidos e União Soviética quando comparados os períodos equivalente ao primeiro mandato de Reagan (1981-1985) concomitante ao final da Era Brejnev e governos Andropov e Chernenko e o período do segundo mandato (1985-1989) que tinha Gorbachev como contraparte em praticamente toda a sua extensão. A hipótese apresentada é que o maior responsável para a mudança foi Gorbachev como seu Novo Pensamento, reformas e mudanças internas.

Considerando o caráter histórico do tema a ser trabalhado e sua delimitação temporal entre os anos 1981 e 1989, usar-se-á o método Histórico Descritivo e Analítico. A base do trabalho será feita com fontes secundárias como artigos e livros, sobretudo da literatura acadêmica estrangeira. Eventualmente, serão utilizadas fontes primárias como discursos e documentos de ambos os Estados americano e soviético que elucidam ideias apresentadas. Como embasamento teórico, usar-se-á conceitos da Teoria Construtivista de Alexander Wendt, pois explica pontos difíceis de se interpretar como a complexa mudança de comportamento da União Soviética e sua relação com política externa.

O trabalho também dedica uma seção a explicar os EUA do período com destaque para assuntos que são considerados essenciais para a compreensão das relações EUA-URSS, sobretudo visão de mundo do governo, a Doutrina Reagan, a equipe da administração e a Strategic Defense Initiative (SDI). Na sequência, dedica-se um capítulo similar a União Soviética, aproveitando para retomar a détente, a sucessão de secretários-gerais com suas visões e chegando a Gorbachev. Então, explica-se sua política externa, o Novo Pensamento e como suas políticas eram vistas internamente no Politburo. Dando continuidade, chega-se ao

que pode ser chamado de núcleo do trabalho, nele são tratadas as relações entre Estados Unidos e União Soviética de fato. Isso é feito procurando mandar a ordem cronológica para que se possa mais facilmente entender os fatos como uma evolução, dividindo de acordo com o secretário-geral do momento. Discorre-se, então, sobre os fatos mais importantes entre os dois países relacionados a área militar e de defesa. Por exemplo, explana-se o desejo soviético pela retomada da détente, a tensão elevada no ano de 1983, a forma de Reagan se referir a União Soviética. Ao chegar no período de Gorbachev, foca-se nas reuniões ocorridas, devido ao limite de tempo e mostra-se o diálogo, as ofertas soviéticas, a reação americana e os resultados. Deste modo, é mais nítido observar as diferenças e facilita o entendimento. Por fim, chega-se à conclusão que confirma que Gorbachev foi o maior responsável pela redução de tensão e aproximação entre os dois países, cabendo aos EUA de Reagan um papel marginal, muito mais reativo, obviamente não o trabalho de modo nenhum afirma que o governo americano não tem importância nessa história, reconhece-se que se muito deseja, Washington poderia barrar os esforços de Moscou para a aproximação dos dois países.

2 OS ESTADOS UNIDOS E O GOVERNO REAGAN

O desenvolvimento do trabalho é a revisão de literatura ou referencial teórico, sendo a parte mais importante do trabalho, por isso exige-se organização, objetividade e clareza. No desenvolvimento, ressaltam-se as partes mais importantes, formulam-se e discutem-se hipóteses, onde se desenvolve e analisa a ideia principal. Em virtude de sua extensão, deve ser dividido em seções (capítulos) e subseções que variam de acordo com a abordagem do tema e do método utilizado.

2.1 O 40º presidente, de Hollywood à Casa Branca

Ronald Wilson Reagan se torna o 40º presidente dos Estados Unidos da América em 20 de janeiro de 1981. Republicano, ex-ator, ex-governador da Califórnia, conservador. Conhecido popularmente como “o grande comunicador”, Reagan realmente era capaz discursar de forma convincente para o povo americano, sobretudo pessoas já com alguma simpatia pelo conservadorismo. Seu eleitorado era constituído, notavelmente, por cristãos, conservadores de classe média. Desde sua campanha promete ser bem diferente de Jimmy Carter (quem derrotou na eleição de 1980). Era a representação da direita insatisfeita com Carter e com as decisões tomadas pelos governos dos anos 1970. Já era perceptível o caráter anticomunista ou mais precisamente antissoviético que carregava desde os tempos de Hollywood.

No final dos anos 1970, havia uma ideia entre a população americana de decadência dos Estados Unidos com o trauma do Vietnã (e consequente diminuição do seu poder militar), a inflação, a invasão soviética ao Afeganistão e a crise dos reféns americanos no Irã. A política externa de Jimmy Carter se baseava em, no máximo, conter a expansão do poder soviético (similar ao que se via desde Truman), aceitação da União Soviética como potência com seus direitos e incorporação da defesa de direitos humanos como objetivos dos EUA. Reagan vinha para reverter esse aparente pessimismo e baixa proatividade. O novo presidente falava em restaurar os EUA em seu devido lugar: a nação mais grandiosa do mundo, rejeitando, assim, a ideia de declínio americano. O governo liberal de Carter havia

fracassado; chegava a hora de uma guinada conservadora supostamente capaz de corrigir esses enganos. (BILSLAND, 2015).

Quando Reagan chega ao poder, a détente já havia ruído. Em 1979 ocorre um fato simbólico: a URSS invade o Afeganistão. Os EUA respondem com embargo de grãos, retirada do SALT I (acordo que congelava por cinco anos o número de mísseis balísticos de ataque, assinado em 1972) que estava para ser analisado pelo senado e com o que ficaria conhecido como Doutrina Carter. O presidente anuncia, em janeiro de 1980, que qualquer invasão com tentativa de tomar controle do Golfo Pérsico, será visto como danosa aos interesses vitais americanos e os EUA a repeliriam da forma que fosse necessária, inclusive militar. Jentleson considera a Doutrina Carter como um eco da Doutrina Truman ao buscar conter a expansão da influência soviética, ou seja, nada que pode ser considerado como inovador (JENTLESON, 2010). Já Busch (1997) afirma que o governo Carter após a invasão soviética ao Afeganistão era apenas uma acomodação, servia como ligação entre a administração do democrata e a de Reagan. De fato, ocorre uma mudança no final do governo Carter, porém tal mudança se deve muito mais a uma ação da URSS que gerou uma reação americana que a um desejo de Washington de divergir. Com Reagan, a mudança, isto é a rispidez para com Moscou vem de Washington como uma política intencionada a gerar atritos.

2.2 A visão de mundo e da Guerra Fria do presidente

O presidente não era chamado de “o grande comunicador” sem razão. Gostava de discursar, falar na televisão e no rádio. Muitas vezes seus discursos e pronunciamento era ríspidos, de tom agressivo contra a União Soviética e acabavam por causar apreensão na outra superpotência. Reagan mantinha uma visão maniqueísta, de bem e mal, em especial quando se tratando da URSS. Para o presidente, a URSS era traiçoeira e capaz de tudo pela expansão do comunismo. Para que os EUA voltem a sua glória anterior deveria tomar medidas simples: livre comércio, parar de duvidar de si, retomar seu propósito democrático e se rearmar para enfrentar a ameaça vermelha (BILSLAND, 2015).

Ainda segundo Bilsland (2015), Reagan tinha uma ideia que EUA e URSS estavam, necessariamente, amarrados em jogo de soma-zero já que o objetivo

soviético seria a expansão do marxismo-leninismo em escala global, suplantando as democracias capitalistas e os EUA deveriam fazer o que fosse preciso para impedir. Assim, sua percepção de política externa soviética era bastante simplista ao mesmo tempo em que creditava a ela uma ambição enorme. O autor ressalta que a percepção que Reagan tinha dos comunistas era fortemente baseada nos seus tempos de Hollywood e não possuía um conhecimento muito grande de como funcionava a política externa soviética. A visão de Reagan também entra em contradição acerca do estado da União Soviética. Fez sua campanha e continuou advogando que os EUA precisavam se fortalecer militarmente, criticava Carter por sua suposta fraqueza que abria brecha para o expansionismo soviético. Afirmava que se os EUA não fossem fortes o suficiente (e essa era a única forma de parar o país euroasiático), estaria em risco. Porém, afirmava que o Ocidente não apenas venceria o comunismo, mas o transcenderia. Assim, não fica claro se URSS estava se expandindo ou prestes a se arruinar.

O autor lembra de uma situação no mínimo curiosa. Reagan nunca esteve na URSS antes de ser chefe de Estado, o mais próximo de ter um contato com uma liderança comunista internacional foi quando governador da Califórnia, conheceu Leonid Brejnev (que estava nos EUA) a convite de Richard Nixon. Então, quando presidente, Reagan só permitiu que Schultz marcasse uma reunião entre ele e o então embaixador soviético nos EUA, Anatoly Dobrynin, em 1984. Depois da reunião, Reagan ficou surpreso e comentou como alguém poderia ser comunista e ser tão educado. Esta história exemplifica como a noção que Reagan tinha dos soviéticos era muito pessoal e pouco elaborada do ponto de vista mais científico (BILSLAND, 2015).

Quando eleito, Reagan ainda não tinha um plano de política externa pronto. Porém, sua visão de mundo já era velha. O maior empecilho para a paz mundial era a União Soviética, com destaque para o expansionismo soviético. Assim, o maior objetivo de política externa seria o reavivamento da vontade nacional para conter a URSS e restaurar a confiança entre os aliados de que os EUA estão determinados a parar a URSS. O país deveria ainda fazer os outros países ficarem cientes do perigo que a URSS representava (McCORMICK, 2010).

Sua visão extremamente desconfiada da União Soviética (isto é, mais que tipicamente os governantes americanos costumavam ter) o levava a ficar

estarecido, ao menos se portava como se estivesse, com a ideia da MAD (*Mutual Assured Destruction*, Destruição Mútua Assegurada). A Política da MAD partia do pressuposto de que nenhum dos dois países atacaria com armas nucleares o outro, pois haveria outros ataques e ambos seriam destruídos. Para ele, era absurdo pensar que metade dos americanos poderiam morrer assim. (SCHALLER, 2007).

É nítido que o republicano tinha muitas opiniões e nem tanto conhecimento técnico sobre a União Soviética, tampouco sobre a história ou a sociedade russa. O anticomunismo era um elemento forte na personalidade e na vida política de Reagan. Tais opiniões vão marcar sua administração e o presidente (que não gostava de ver suas ideias contrariadas) vai se cercar de subordinados com visões semelhantes. O aspecto religioso também era muito importante. Seja quando Reagan fazia uma associação entre o armageddon e o perigo nuclear, numa espécie de apocalipse nuclear que ele tinha a missão de impedir; seja quando Reagan se horrorizava com o ateísmo do comunismo e da URSS. Na prática, seja de forma intelectual ou ignorante, Reagan tinha ideias e estas afetaram as relações americanas-soviéticas. Claro, não importa apenas as visões do presidente, por isso haverá um tópico sobre a equipe da administração.

2.3 Como estava fundamentada a política externa de Reagan

Muitos estudiosos afirmavam no começo do governo Reagan, não haver uma política externa de fato. Haveria apenas a retórica usada como política. Assim, mesmo aparentando haver coerência entre os membros do governo, isso não se transformava em algo concreto. McCormick considera exagerada tal afirmação, apesar de não negar a falta de algo mais concreto (McCORMICK, 2010). Em seu argumento, retoma os quatro importantes pilares descritos pelo primeiro Secretário de Estado da administração, Alexander Haig em 1981 que deveriam ser buscados concomitantemente e tendo as relações com a URSS como o elo de ligação indispensável:

- A restauração da força econômica e militar
- O revigoramento de alianças e amizades
- A promoção do progresso em países em desenvolvimento, através de mudanças pacíficas

A relação com a União Soviética caracterizado por contenção e reciprocidade¹ (McCORMICK, p. 128, tradução nossa, 2010)

Percebe-se, então, que havia, sim, objetivos para a política externa. Contudo, não são, ainda no começo da administração, um plano, pois não apresentam maiores detalhes nem como deveriam ser buscados os quatro pilares de Haig. Também, é cabível lembrar que Haig ficou no cargo até julho de 1982 apenas e sua relação com o presidente não era das melhores, sendo seu sucessor, Shultz, muitos mais duradouro e de visões diferentes, como será tratado mais à frente.

Walter LaFeber (1994) (apud SILVA, p. 7, 2014) divide em quatro pilares centrais a política externa americana no período, sendo eles: “(...) extensão dos poderes presidenciais de Reagan, o anticomunismo, a diferenciação entre Autoritarismo e Totalitarismo e a militarização da política e da economia (...)”. Silva explica os pilares a partir de sua interpretação do escrito de LaFeber. O primeiro pilar diz respeito a Reagan pressionar o Congresso dividido entre apoiadores e opositores para obter respaldo para suas ações militares que, por vezes, eram mal vistas pela população. Assim, Reagan usava sua oratória e deixava os congressistas receosos de serem vistos como inimigos nacionais, caso eles fossem contra uma ação que depois obtivesse sucesso.

O segundo pilar, o anticomunismo, foi componente de toda a Guerra Fria. Porém, em períodos como o da *détente*, foi abrandado. Seu auge foi nos anos 1950 com o chamado *Macarthismo*, em uma época quente do conflito bipolar. Reagan o torna forte novamente e o faz elemento da Nova Guerra Fria. O terceiro pilar diz respeito aos conceitos de totalitário e autoritário. Tais conceitos foram feitos pela intelectual Jeane Kirkpatrick, embaixadora de Reagan para a ONU. A administração diferenciava conceitualmente as ditaduras no mundo como forma de respaldar o porquê de só combater os países próximos à URSS (ora, o governo Reagan falava tanto em liberdade; por que não levar democracia para todos?). Assim, eram classificados como autoritários os regimes de direita, capitalistas que possuíam os respaldos americanos. Tais países supostamente teriam uma tendência natural a caminharem para a democracia, pois era capitalistas. Havia vários países assim

¹ O texto original: “• The restoration of economic and military strength

- The reinvigoration of alliances and friendships
- The promotion of progress in the developing countries through peaceable changes
- A relationship with the Soviet Union characterized by restraint and Reciprocity”

como Brasil, Argentina ou África do Sul. Totalitários eram os países hostis a forma de democracia americana, anticapitalistas e sem possibilidade de convergirem (ao menos de forma simples) para o capitalismo. URSS, China e Cuba são alguns dos exemplos citáveis. (SILVA, 2014).

Por fim, o quarto pilar, era militarização pesada que a administração Reagan advogava e realizou. Os gastos entre o final do governo Carter e o final do primeiro mandato Reagan nesse setor, foi expandido em 40%. Nesse pilar também se pode citar a atuação no terceiro mundo, a preocupação grande com movimentos esquerdistas nessa área, o projeto SDI que será tratado mais adiante e a Doutrina Reagan que também ganhará mais espaço adiante (SILVA, 2014).

Para Busch (1997) o primeiro desafio de Reagan era prevenir mais reduções no papel dos EUA no planeta e restaurar o vigor da contenção, além de fortalecer as forças militares para evitar a expansão soviética. Os três maiores componentes dessa política de contenção e também de dissuasão eram: acumulação, construção de maior força militar (*military buildup*), restabelecimento da contenção e solidificação das alianças dos EUA.

O *military buildup*, também chamado de *defense buildup*, possuía três aspectos de destaque: modernização estratégica, acúmulo (*buildup*) de forças convencionais e, por fim, melhoras em mobilidade e prontidão. O acúmulo estratégico (*strategic buildup*), por sua vez, tinha seus próprios motivos: manter o balanço estratégico ameaçado pela modernização estratégica que a URSS havia realizado, tornar praticável uma alocação de um contra-ataque e restaurar o nível necessário para os EUA serem, de fato, negociadores (que ganham ao invés de perder em suas negociações). O gasto militar do último ano de Carter (que já estava na Doutrina Carter) foi de US\$134 bilhões, o do último ano do primeiro governo Reagan foi de US\$253 bilhões. Os gastos foram desde forças convencionais, marinha, forças especiais a projetos inovadores (BUSCH, 1997, p. 452).

Quanto à restauração da política de contenção, esta foi pausada após os traumas do Vietnã, segundo Busch. No contexto do isolacionismo americano entre 1975-1980, a URSS se expandiu, aproveitando-o, pois só assim ela seria capaz de aumentar tanto a sua influência no exterior, de acordo com a visão da administração trabalhada. Portanto, era essencial que os EUA retomassem tal política e foi o que Reagan fez. O Caribe era a região estratégica para a URSS, se esta fosse capaz de

desafiar os EUA lá perto do país, seria capaz de fazê-lo na Europa e Oriente Médio. A ameaça era que a União Soviética conseguisse assumir controle depois do México e, logo a segurança dos EUA estaria por um fio. Para Busch, foi na América Central que Reagan enfrentou o maior desafio e defende a grandiosidade e necessidade de combater as forças revolucionários na Nicarágua e El Salvador. (BUSCH, 1997). A ação da América Central foi parte importantíssima da Doutrina Reagan, mas os movimentos da região não ofereciam um perigo extremo aos EUA.

Quanto ao fortalecimento de alianças, merece citar a aproximação da República Popular da China o que se não acontecesse, aumentaria a dificuldade e os custos da política de contenção da URSS. De tal aproximação pode-se questionar se o caráter de Reagan e de sua administração como um todo eram tão anticomunista como o presidente queria que seu eleitorado acreditasse ou se era, na verdade, antissoviético. Na OTAN a contenção e a dissuasão continuavam válidas, porém havia ocorrido um atrito recente, pois Carter cancelou a colocação da bomba de nêutron devido a pressão de ativistas, mesmo os líderes europeus apoiando o que causava desconfiança nos aliados europeus quanto a força e constância das políticas americanas. Ainda envolvendo a OTAN, o desenrolar de um acontecimento merece ser citado. A URSS começou a instalar mísseis balísticos de médio alcance do tipo SS-20 em 1977, apontado para a Europa Ocidental. Em contrapartida, em 1979, EUA e aliados concordaram em instalar mísseis nucleares Pershing II e mísseis de cruzeiro em 1983 caso as negociações de desarmamento não tivessem resultados. Mesmo com movimentos populares muitos fortes na Europa, contra a instalação dos Pershing II, Reagan manteve sua posição. Com o fim do prazo, os mísseis começaram a serem instalados e a URSS de Andropov se sentiu extremamente ameaçada e desrespeitada, a ponto de optar por sair das conversações de redução de armas. (BUSCH, 1997).

O governo Ronald Reagan assume com o propósito de reconfigurar as quatro dimensões do interesse nacional. Jentleson descreve como os “4 p’s” de Reagan. Estes “p’s” de interesse nacional seriam um misto de objetivos da administração em política externa com a retórica de Reagan e ainda elementos internos do país (em especial o ponto “prosperidade”), sendo paz, poder, princípios e prosperidade. (JENTLESON, 2010).

O primeiro ponto é a Paz. Aqui se parte do pressuposto de que a détente falhou, não foi capaz de trazê-la. A URSS manteve sua estratégia tradicional, expandiu-se, fortaleceu-se militarmente, enfim, não mudou. Reagan considera que não haveria pontos de conflito no mundo se URSS não estivesse envolvida nesse jogo de dominós. Portanto, líderes democratas e republicanos da década anterior como Nixon, Ford, Kissinger e Carter não estavam cientes do perigo em que colocaram os EUA. (JENTLESON, 2010).

Na sequência há o ponto poder onde “O poder americano tinha que ser reafirmado, de um jeito grande, e em todos os aspectos.”² (JENTLESON, 2010, p. 177, tradução nossa). Nesse contexto, é criada a Doutrina Reagan que objetivava não apenas a contenção mas o retrocesso (*rollback*) de regimes socialistas, removendo mesmo os que já estavam no poder, mas não muito firmes. O grande exemplo foi no Afeganistão, causando danos enormes a URSS durante a década de 1980. Depois será tratada melhor a Doutrina Reagan.

Ainda havia a “janela de vulnerabilidade” causada pelo acúmulo (*buildup*) nuclear que URSS realizava e a forma supostamente negligente de Carter conduzir o assunto de defesa. Assim, enfrentando esse problema, Reagan expande gastos em defesa, retoma projetos adiados por Carter como sistemas de armas nucleares como o submarino *Trident* e o míssil MX. Nesse campo também se pode incluir o que SDI - *Strategic Defense Initiative* ou Iniciativa Estratégica de Defesa. Jentleson considera que duas mudanças na doutrina de dissuasão nuclear foram as guias do acúmulo nuclear implementado: 1) a segurança deveria ser garantida pelos próprios EUA, prevalecendo o ceticismo em relação a controle de armas se comparado com governos anteriores. Os *reaganites* não rejeitavam por completo acordos para redução de armas nucleares, mas desejavam mais força para poder negociar melhor. 2) Duvidam da MAD (destruição mútua assegurada), Reagan a chamava de louca (trocadilho com a palavra em inglês). Queriam substituí-la por NUTS (*nuclear utilization targeting strategy* – estratégia de utilização nuclear) (outro trocadilho com loucura). A NUTS se baseava em capacidade de realizar uma guerra nuclear, assim, dissuasão só seria forte se EUA fossem capaz de resistir a guerra nuclear. Movimentos sociais contra armas nucleares crescem no anos 1980 na Europa

² O texto original: “American power had to be reasserted, in a big way, and in all its aspects.”

Ocidental e nos EUA. Estes conseguiram diminuir o *buildup* de Reagan, através de pressão popular, mas não pará-lo. (JENTLESON, 2010).

Os princípios eram o terceiro ponto e afirmavam que os Estados Unidos como a nação destinada a dar e ser o exemplo, como a última esperança contra o totalitarismo, cheios de seus valores e princípios democráticos, de liberdade e capitalismo. Já a URSS como o foco do mal, totalitária, comunista e destinada ao fracasso. Ocorre, então, a junção do excepcionalismo americano com a visão da URSS como vilã. O autor ressalta que apesar (e na verdade por ter) esses princípios e juntando com o *poder*, a administração pôde dar suporte a combatentes como a ditadura salvadorenha e os contras na Nicarágua, a partir de uma racionalização de Kirkpatrick que se não fossem as ditaduras pró-EUA, viram outros piores como ela afirma ter sido o caso do Irã do Xá, substituído pelo governo totalitário islâmico. (JENTLESON, 2010).

Discursando para o Parlamento Britânico em 1982, o presidente afirmou

Nós estamos chegando ao final de um século sangrento praguejado por uma invenção política terrível – o totalitarismo. O otimismo vem com mais dificuldade hoje, não porque a democracia está menos vigorosa, mas porque os inimigos da democracia refinaram seus instrumentos de repressão.³ (REAGAN, 1982, s.p., tradução nossa).

E ironizou o que acreditava ser a situação da URSS e a teoria marxista

De um jeito irônico Karl Marx estava certo. Testemunhamos hoje uma grande crise revolucionária, uma crise onde as demandas da ordem econômica estão em conflito com aquelas da ordem política. Mas esta crise não está acontecendo no Ocidente livre, não-marxista, mas na casa do Marxismo-leninismo, a União Soviética.⁴ (REAGAN, 1982, s.p., tradução nossa, 1982).

Por fim, há a prosperidade. Na economia o governo Reagan ficou conhecido como próspero e a inflação foi reduzida. Parte da prosperidade se deve aos gastos militares enormes que aqueceram a economia e permitiram Reagan ser reeleito.

³ Texto original: "We're approaching the end of a bloody century plagued by a terrible political invention -- totalitarianism. Optimism comes less easily today, not because democracy is less vigorous, but because democracy's enemies have refined their instruments of repression."

⁴ Texto original: "In an ironic sense Karl Marx was right. We are witnessing today a great revolutionary crisis, a crisis where the demands of the economic order are conflicting directly with those of the political order. But the crisis is happening not in the free, non-Marxist West, but in the home of Marxist-Leninism, the Soviet Union."

Contudo, geraram déficits absurdos, mesmo Reagan neoliberal criticando democratas por estes gastarem muito. O país viveu no começo da década, a mais forte recessão desde a crise de 1929. (JENTLESON, 2010).

A administração Reagan podia não ter um plano complexo de política externa assim que começou, mas certamente já tinha algo além das palavras duras do presidente: possuía pontos que considerava importante a serem buscados e com ele, objetivos. Como ficou claro, o governo Reagan desde o começo se preocupava em conter a União Soviética e o comunismo, fortalecer-se militarmente, pois via os EUA como muito defasados em relação a URSS na área militar, garantir a continuidade das alianças, além do alegado desejo pessoal de Reagan de um mundo sem armas nucleares. Também será visto em outro capítulo que há uma intenção americana em dialogar com a URSS, mas suas ações muitas vezes parecem indicar o oposto durante o primeiro mandato, e acabando por criar ainda mais receio nos líderes soviéticos.

2.4 A equipe da administração

Reagan queria que sua equipe tivesse a mesma visão que a sua: o sistema internacional era um jogo de soma zero e a URSS era o grande inimigo. Nesse mundo, os EUA seriam o bem e a URSS o mal, sempre, necessariamente assim. Para conseguir uma equipe tão ideológica, o presidente optou por indicar nomes conservadores que trabalharam para Nixon e Ford e neoconservadores que despontavam nos anos 1980. Reagan chegou ao poder já sabendo como queria que a política externa fosse conduzida. Para que sua presidência não mergulhasse no caos que acreditava que a anterior (de Jimmy Carter 1977-1981) havia afundado com disputa de poder pelos homens de confiança do democrata: Cyrus Vance e Zbigniew Brezezinski, o republicano decide que seus conselheiros mais importantes seriam os chefes dos departamentos. Logo, evitar-se-ia confusões burocráticas também e faria similar à forma que governou a Califórnia. Uma importante alteração que o presidente fez foi tornar o Secretário de Estado a figura mais importante em produção de política externa, reduzindo o poder do conselheiro de segurança nacional que, a partir de então, não trabalharia direto com o presidente, mas se reportaria ao Conselho da Casa Branca. O Secretário de Estado seria, então, o

responsável por formular e ser porta-voz de política externa, além de maior conselheiro neste assunto. (BILSLAND, 2015).

Apesar de seu desejo, graças as escolhas do presidente, a equipe da administração Reagan já mostrava que iria entrar em conflito no começo do governo. Para a equipe da Casa Branca, o presidente nomeou a sua troika: James Baker como chefe da equipe, Michael Deaver como vice-chefe da equipe e Edward Meese como conselheiro da Casa Branca. Estes três deveriam favorecer os interesses de Reagan e tinham o enorme poder de controlar o acesso ao presidente. Alexander Haig (que foi secretário de Estado antes de Shultz) reclamou que a equipe dificultava o acesso pessoal dele a Reagan. Assim, mesmo Reagan defendendo um governo do gabinete de secretários, a Casa Branca se fazia presente toda vez que se ia fazer política, não apenas os secretários. Em especial em política externa, a realidade era muito diferente do que Reagan pretendia quando foi eleito: não era apenas o gabinete que fazia política, mas os três homens de confiança da equipe estavam presentes em tudo. (BILSLAND, 2015).

O Conselho Nacional de Segurança (NSC na sigla local) foi um setor que sofreu bastante com as interações de Reagan. Mesmo com o seu chefe tendo seu poder reduzido em formulação de política externa, na verdade tendo que trabalhar como um outro membro qualquer do NSC, o conselho não teve seu poder reduzido, mas ganhou importância. Era responsável por formular os NSDD's (sigla de *National Security Decision Directive*) como o já falado anteriormente, NSDD 75. Estas diretivas deveriam ser a base de como os Estados Unidos deveriam agir no que tange a sua segurança, assim como foram os NSC de Truman (vale lembrar do NSC 68 do começo da Guerra Fria que deu as diretrizes de como os EUA deveriam agir). Segundo as normas do NSDD 2, o NSC seria o lugar onde se discutiria assuntos de política de segurança que necessitavam de autorização presidencial. O secretário de Estado seria o principal conselheiro de política externa bem como o responsável por executá-la, além de coordenar as atividades interdepartamentais. O secretário de defesa seria o nome mais importante na política de defesa. Já o conselheiro de segurança nacional teria seu poder reduzido em política externa. A situação começa a complicar quando Reagan decide criar três interações responsáveis por política externa, defesa e inteligência que deveriam auxiliar o NSC. Acreditava-se que o Departamento de Estado não seria capaz de resolver todos os problemas de política

externa. As agências se comunicariam ao departamento de Estado ou ao NSC caso o assunto em trabalho necessitasse de uma consideração deles. (BILSLAND, 2015).

O que realmente aconteceu foi que o fazer política externa ficou extremamente complicado, não se sabia bem quais funções era de um grupo ou de outro. A intenção de Reagan era que o secretário de Estado fosse o grande nome na formulação de política externa, mas por dar muito poder ao NSC, o secretário de Estado, na consideração de Bilsland (2015) era no máximo um grande nome entre grandes nomes que ainda tinha que conviver com o poder não oficial de Meese, Baker e Deaver enquanto o NSC fortalecido tinha suas interagências. O governo neoliberal de Ronald Reagan começa a vivenciar um complexo de burocracia que atrapalhava o funcionamento estatal digno de um estereótipo comunista.

Na prática o resultado foi desastroso. Richard Allen ficou apenas um ano como conselheiro de Segurança Nacional. Era o chefe do NSC, portanto, deveria coordenar os departamentos e agências que participavam da formulação de política externa. Contudo, viu Reagan diminuir seu poder publicamente e não tinha o necessário acesso ao presidente nem sua autorização para realizar seu trabalho. O conselheiro da Casa Branca, Edwin Meese, não apenas dificultava o acesso de Allen ao presidente como tornava quase impossível que o secretário cumprisse com suas funções. Como Reagan havia decidido dar maior poder aos NSC para política externa, ele poderia aumentar o poder do conselheiro de segurança nacional o que se mostrou necessário depois do primeiro ano. Assim, Reagan substituiu Allen por William Clark e permitiu que o secretário se reportasse diretamente ao presidente. Clark tinha boas relações com o presidente e se tornou a figura mais influente em política externa. Porém, isso incomodava Alexander Haig, o Secretário de Estado que supostamente teria o papel mais importante em política externa. Como se não fosse suficiente para haver atrito na administração, Haig tinha uma visão de mundo diferente da de Reagan: para ele, a União Soviética não era todo esse mal que Reagan via. Os Estados Unidos não deveriam fazer uma cruzada pela liberdade, a partir de questões morais. Haig via a Guerra Fria como um conflito geoestratégico e os EUA deveriam buscar seus interesses levando em conta o balanço de poderes. Reagan tinha uma visão mais ideológica e moralista, enquanto Haig era mais realista. (BILSLAND, 2015).

Haig é substituído por George Shultz que ficou no cargo até o final do governo. Shultz se tornou um dos mais importantes Secretários de Estado da segunda metade do século XX e homem de confiança de Reagan. Entendia sua função primária como servir o presidente e era leal ao chefe. Reagan, por sua vez, viu a necessidade de aumentar o poder do conselheiro de segurança nacional. As medidas tomadas melhoraram o funcionamento da administração e questões de decisão de política externa. Ainda que se deva ressaltar que problemas internos geraram problemas de formulação de política externa em todo o governo por vezes, inclusive no segundo mandato. (BILSLAND, 2015).

Reagan, mesmo sendo “o grande comunicador” e fazendo discursos tão convincentes sobre os valores americanos e o perigo vermelho, não era muito ativo no fazer política. Como lembra Schaller, Haig afirma que Reagan praticamente nunca discutiu política externa com ele e o presidente era para o secretário um enigma. Reagan não era como Dwight Eisenhower que estrategicamente deixava que seus secretários levassem os créditos e, eventualmente, a culpa das políticas adotadas pela administração. Reagan gostava de falar, mas não de tomar as decisões políticas em si, delegando-as a seus subordinados. Nas reuniões, o presidente preferia ler cartas de fãs e admiradores a discutir política externa. Por vezes, Reagan apenas dava o aval quando houvesse consenso na reunião a tomada de uma política ou postergava caso sua equipe não fosse unânime na ideia. Já seus subordinados costumavam exibir o assunto da reunião de forma bem simples para que o presidente mantivesse a atenção e entendesse. Ao menos um membro da troika que controlava a agenda do presidente, conversava com ele a cada manhã. Esse grupo temia que surgisse algum conselheiro de segurança nacional tão poderoso quanto foi Kissinger com Nixon. Assim, dificultaram a vida de Allen e seus três primeiros sucessores Clark, Robert McFarlane e John Poindexter. Haig se torna a maior figura na administração, em especial no segundo mandato, pois no primeiro era ofuscado algumas vezes por seus rivais Caspar Weinberger, Secretário de Defesa e Willem Casey, diretor da CIA. (SCHALLER, 2007).

Schaller (2007) divide em dois grupos de acordo com suas visões sobre a estratégia que os Estados Unidos deveriam tomar. Um grupo, eram os pragmáticos que partiam da ideia de que os EUA deveriam se fortalecer militarmente e, assim, poderiam negociar controle de armamentos com a União Soviética a partir de uma

posição de força bem como Reagan pensava “paz pela força”, “*peace through strength*”. Deste grupo faziam parte Nancy Reagan (que mesmo não tendo um cargo era muitíssimo influente sobre Reagan e gostava de participar), Shultz, Haig, Baker e Deaver. Os outros eram os linhas-duras ou neoconservadores. Estes simplesmente rejeitavam a possibilidade de negociar, os EUA deveriam se fortalecer e enfrentar Moscou em todos os aspectos. Entre eles estavam Weinberger, Kirkpatrick, Casey e Perle, do Pentágono.

As disputas internas eram intensas e por vezes subordinados reclamaram da falta de atitude de Reagan. Os últimos conselheiros de segurança nacional, Frank Corlucci e Colin Powell (ao todo a administração teve seis) decidiram ditames de acordos de desarmamento já que o próprio Reagan não sabia o que decidir. Schaller lembra um caso que consegue exemplificar a confusão que a administração estava mergulhada e como isso dificultava a tomada de decisões. O secretário de defesa Weinberger (um linha-dura) que era contra os EUA intervirem diretamente na América Central, pois temia que isso faria a população se opor ao aumento de gastos militares, entrou em confronto com o secretário de Estado Shultz (um pragmático) que considerava que se os EUA agissem de tal forma, ficaria mais forte para barganhar com a URSS. No meio da discussão, Reagan, ao invés de tomar uma decisão, simplesmente mandou que os dois se resolvessem. Depois, o chefe do NSC, McFarlane comentou que essa solução entre os dois secretários era inviável. (SCHALLER, 2007).

Bilsland (2015) também divide os membros da administração Reagan em dois grupos: linhas-duras e moderados. Ambos viam a URSS como grande perigo, porém os linhas-duras afirmavam que os EUA deveriam ter uma política externa agressiva a URSS, diplomacia era inútil e os EUA deveriam intervir diretamente no terceiro mundo. Os moderados já viam que intervenções no terceiro mundo e a própria Doutrina Reagan eram parte de um todo que seria combinado com a diplomacia. O ideal de Shultz era que os EUA deveriam ser fortes para mostrar ao comunistas que ele não poderiam se intrometer no hemisfério Ocidental e ser diplomáticos para resolver os problemas. Como será falado no subcapítulo “A Doutrina Reagan” (deixar-se-á esta parte em outro subcapítulo, pois considera-se necessária para entender a doutrina e, assim, evitasse descontinuar a linha de pensamento), Scott (1996) a partir de Rodman (1994) divide os membros em pragmáticos (equivalentes

a moderados) e defensores (equivalentes a linhas-duras). Logo, pode-se perceber que a ideia destes três autores citados é quase idêntica quanto à divisão da equipe da administração americana, mudando os termos e alguns detalhes, mas nada que implique em uma confrontação de autores mais séria.

2.5 A Doutrina Reagan

A Doutrina Reagan foi uma iniciativa política que buscava aproveitar as insurgências antissoviéticas que ocorriam no mundo nos anos 1980 para enfraquecer a superpotência soviética. Assim, dava-se suporte (técnico, militar, financeiro e ideológico) aos combatentes. A intenção era mudar o rumo que os EUA havia tomado após o trauma do Vietnã e reverter a chamada Doutrina Brejnev, além de reafirmar o poder americano que estava em questionamento. Passou a ser chamada assim apenas em 1985, após um jornalista se referir a política do governo com este nome. Na sequência, até membros do governo e o presidente passaram a utilizar a nomenclatura. (SCOTT, 1996).

Já nos anos 1960, Reagan discordava da forma que os Estados Unidos levavam suas relações exteriores. Considerando que a URSS iria buscar se expandir e dominar sempre, pois esta era, aparentemente, a sua natureza, a política de Truman e que depois foi seguida por outros presidentes não bastava, pois se limitava a conter o comunismo. Era necessário reverter o comunismo (*roll back*). Reagan não aceitava a legitimidade da União Soviética no sistema internacional. Não admitia também, ao menos publicamente buscava transparecer esta ideia, que o Ocidente aceitasse que tantas pessoas vivessem sob o jugo do totalitarismo atrás da chamada Cortina de Ferro. Esses velhos pensamentos do ex-ator irão fazer parte da Doutrina que leva seu nome. Logo, como observa Bilsland, o pensamento e a doutrina não são apenas questões estratégicas, mas também ideológicas e morais. (BILSLAND, 2015).

A ideia de reverter (*roll back*) o domínio soviético e a crítica da política de contenção não eram novas. Porém, Reagan as revive no imaginário e o mais importante: na prática. Já na década de 1950, Burnham, fervoroso opositor à estratégia de contenção, afirmava que os EUA deveriam dar suporte a grupos que pudessem causar a saída de um Estado satélite da esfera soviética. Durante o

governo Eisenhower, houve o que ficou conhecida como Doutrina Dulles, em referência ao Secretário de Estado John Dulles. Por ela se condenava a ideia de que pessoas vivessem sob o domínio socialista soviético e que não bastava a política de contenção. Entretanto, o próprio governo Eisenhower pouco fez além de falar e não realizou nenhuma ação concreta contra a intervenção soviética na Hungria em 1956. (SCOTT, 1996). Bilsland afirma que Reagan se lembrava desse episódio da Hungria e que sabia que não havia como enfrentar a URSS militarmente, portanto, a política de *roll back* não seria muito aplicada a Europa Oriental. (BILSLAND, 2015).

Scott (1996) elenca os três fatores internacionais que possibilitaram (e para os apoiadores clamavam) a Doutrina Reagan. A primeira era a aparência de que a URSS conseguiu contornar a política de contenção e expandiu-se para vários países do Terceiro Mundo, logo, era preciso que os EUA evitassem mais expansões. A segunda era que o risco de confronto direto era muito pequeno, pois o palco de combate seria a periferia do Terceiro Mundo. A terceira era que quanto mais se expandia, mais vulnerável ficava a URSS. Com tantos movimentos de resistência, era oportuno aproveitá-los e atacar a vulnerabilidade soviética. Já no plano interno, foram importantes a ascensão da direita conservadora, a Guerra do Vietnã e o maior destaque: a eleição de Reagan.

Reagan foi eleito criticando a suposta falta de ação de Carter que permitia que a URSS se expandisse. A política de *rollback* era importante por causa da já falada visão que o presidente tinha do mundo como um jogo de soma zero, onde o ganho da URSS era perda dos EUA. Assim, cada novo país que se tornasse socialista (ou mesmo de esquerda) era uma perda para os EUA. A Doutrina Reagan focaria, então, o *rollback* em países com governos esquerdistas que há pouco chegaram ao controle. Ali que se daria a ajuda aos rebeldes anticomunistas. (BILSLAND, 2015).

Mesmo acreditando que a influência dos EUA havia sido reduzida graças a Carter e considerando que a URSS se expandiu no vácuo da *détente* Terceiro Mundo a fora; Reagan e o pessoal de seu governo acreditavam na existência de uma revolução democrática (isto é, democrática segundo as definições americanas) em escala global e tal revolução era a oportunidade de fazer o comunismo retroceder. Isso se combinava a divisão do mundo entre bem e mal que o governo Reagan fazia. Scott afirma que outro governo poderia ver os conflitos do mundo

como conflitos regionais ao invés de responsabilizar a URSS. Assim, outro governo teria outra doutrina, o governo Reagan que decidiu ver a suposta expansão de governos esquerdistas como ameaça aos EUA e responsabilizar a URSS por isso. (SCOTT, 1996).

Para que houvesse uma pureza na administração, Reagan decidiu que seus secretários, conselheiros e pessoas de confiança fossem conservadores ou neoconservadores, em especial no começo do governo. Boa parte dos empregados de carreira do Estado que agiam em relações exteriores e que não tinha a mesma visão que administração buscava, foi afastada, seja por demissão, aposentadoria ou transferência e foi dada prioridade para anticomunistas ocuparem posições de chefia. (SCOTT, 1996).

Scott (1996) considera que o rascunho da Doutrina Reagan pode ser quando o diretor da CIA, William Casey, em 1981, sugere a Reagan que os EUA deem suporte a rebeldes no Afeganistão (também se considera outros países, mas o Afeganistão é, sem dúvidas, o caso mais relevante) para exaurir as forças soviéticas. Reagan responde positivamente e manda que se descubra grupos a serem ajudados. De qualquer modo, ao menos o formato do da Doutrina Reagan foi elaborada pelo *National Security Planning Group* (NSPG) com destaque para Casey. Um funcionário da CIA para a América Latina, Constantine Menges, pode ser a fonte para tal ideia, pois já havia sugerido que insurgências democráticas na América Central poderiam ter o mesmo efeito que independentistas marxistas no Terceiro Mundo e ameaçarem a segurança americana.

Produzido em 1982 e assinado em janeiro do ano seguinte, o NSDD-75⁵ (National Security Decision Directive 75) mostra que os EUA procuravam fraquezas na periferia soviética e buscavam empurrá-la de volta para suas fronteiras. É o portador oficial da forma de racionalização da Doutrina Reagan. Exibe a intenção de conter a União Soviética e reverter a expansão dela, dando prioridade militar a regiões estratégicas para os EUA. Sua linguagem é inovadora e é considerada a única diretiva em toda a administração Reagan completa com objetivos, estratégias (descreve-se as estratégias, mas não de forma detalhada, muito vagamente) e como seria a relação com a URSS. (SCOTT, 1996). Já Dobson ressalta que apesar de

⁵ O documento foi desclassificado em 1994, está disponível na íntegra em: <<https://fas.org/irp/offdocs/nsdd/nsdd-75.pdf>> Acesso em 21 jun. 2017.

deixar claro no documento a intenção de revigorar a aliança Ocidental, renovar os EUA e competir com a URSS de modo a desafiá-la, não há precisão de táticas e estratégias exatas. (DOBSON, 2016).

Scott (1996) destaca alguns discursos que dão o tom da doutrina. Lembra que Reagan discursou no aniversário da Heritage Foundation (um organização *think tank* conservadora). Nesse discurso de 1983, o presidente fala de uma onda democrática em oposição ao totalitarismo que está em alta no Terceiro Mundo. Diz: “(...) o objetivo do mundo livre não deve mais ser negativo, isto é, resistência ao expansionismo soviético. O objetivo do mundo livre deve ser afirmativo. Nós devemos ser ofensivos, com uma estratégia além para a liberdade.”⁶ (REAGAN, 1983, s.p., tradução nossa). Segundo o autor, tal estratégia clamada era a Doutrina Reagan. Também lembra que em 1982, Casey em discurso afirma que apoiar insurgências que já existem é muito mais barato e fácil para os EUA e aliados e ressalta que não custa muito para criar o caos em um país pequeno, desestabilizando a paz e a economia.

Mesmo havendo uma aparente pureza de ideologia na administração, havia três grupos que pensavam a doutrina de uma forma diferente, fazendo os resultados divergirem do esperado inicialmente. Scott (1996) a partir de Rodman (1994) apresenta os seguintes grupos de acordo com suas percepções acerca do poder e diplomacia: defensores (*advocates*), pragmáticos (*pragmatists*) e oponentes (*opponents*). Os primeiros eram favoráveis ao uso do poder, mas não da diplomacia. A doutrina deveria ser aplicada em qualquer país onde houvesse rebeldes anticomunistas, podendo em alguns casos, criar rebeldes também, pois consideravam a expansão soviética um perigo enorme. Casey e Kirkpatrick são dois dos mais importantes dessa facção.

Os pragmáticos consideravam tanto uso do poder quanto da diplomacia. A doutrina deveria ter um uso limitado, assim, ajudar-se-ia rebeldes em alguns casos em que os EUA tivessem realmente o que ganhar. Shultz (secretário de Estado a partir de 1982) é o principal nome. Por fim, os oponentes só tinham membros no

⁶ Texto original: “The goal of the free world must no longer be stated in the negative, that is, resistance to Soviet expansionism. The goal of the free world must instead be stated in the affirmative. We must go on the offensive with a forward strategy for freedom.”

Congresso (os outros estavam presentes tanto no Congresso quanto no Executivo). Opunham-se a doutrina como um todo.

Com tamanha divisão sobre como deveria ser a doutrina, era consequente que houvesse objetivos diferentes de acordo com o pensamento de cada facção. Havia aqueles que pretendiam reverter os ganhos da URSS na década anterior, aumentando o custo de manutenção e fazendo a URSS pensar duas vezes antes de buscar novas expansões. Havia aqueles que pretendiam que a doutrina fizesse os EUA retomarem a atitude e o respeito que supostamente foram perdidos com o trauma do Vietnã. Neoconservadores queriam a democratização não apenas de pequenos países, mas também da própria URSS. Pragmáticos pretendiam obrigar a URSS e seus pupilos a negociar e retirarem tropas do Terceiro Mundo a partir do enfraquecimento através da Doutrina. Já os mais radicais dos defensores eram contra negociações. Contudo, ao menos nas palavras, o grupo que teve maior sucesso em implementar a sua visão foi os pragmáticos, pois era a Secretaria de Estado (chefiada por Shultz) que na maioria das vezes preparava os pronunciamentos de Reagan. Logo, com tanta disputa interna na administração, na maioria dos casos a doutrina foi aplicada de forma parcial e acabou não sendo tão coesa. (SCOTT, 1996).

Em meio a discordância sobre o uso da Doutrina, a intelectual Kirkpatrick (mesmo sendo uma defensora) junto de Gerson produzem a fórmula que mostra quando a Doutrina deveria ser posta em prática. Assim, o local onde se pretende pôr a doutrina em funcionamento deveria cumprir com três requerimentos: 1) um movimento de independência local, 2) o governo deveria estar sendo apoiado pela URSS diplomática e militarmente e 3) esse governo ser ilegítimo, sem participação popular. Na prática, cada caso era considerado em particular como sendo apto (e vantajoso) para a aplicação da doutrina, o que a tornou bem menos praticável que inicialmente se planejava, mesmo os mais linha duras tanto na administração quanto no congresso, clamando para a aplicação da doutrina em todos os países em que houvesse movimento comunista. O que ficou claro era que Reagan não conseguia resolver a falta de consenso dentro da própria administração. (SCOTT, 1996).

2.6 A Iniciativa de Defesa Estratégica ou *Strategic Defense Initiative* - SDI

Considerada como parte da Doutrina Reagan, a SDI foi tornada pública em março de 1983. Logo, tornou-se fonte de preocupação para todos os secretários-gerais soviéticos que teriam de conviver com ela (Andropov, Chernenko e Gorbachev). Partia do pressuposto de que a União Soviética possuía uma força militar convencional tão enorme que os Estados Unidos não conseguiram se equiparar. Assim, a administração Reagan lança a *Strategic Defense Initiative* – SDI (Iniciativa de Defesa Estratégica), um programa inovador baseado no espaço que logo ganharia o apelido de “*Star Wars*” ou “Guerra nas Estrelas”.

A SDI foi concebida como um projeto capaz de deter os mísseis soviéticos antes que chegassem ao solo americano. Extremamente cara e complexa, a SDI teria um sistema de satélites no espaço, além de aviões, mísseis e modernos computadores. Protegeria os EUA e aliados mais importantes enquanto tornaria defasado o enorme complexo de mísseis que a URSS possuía. Qualidade americana capitalista que superaria quantidade russa comunista. (LOBO e CORTEZ, 2015). No final dos anos 1970, o físico Doutor Edward Teller já havia dito a Reagan sobre a possibilidade de um escudo antimísseis. (SCHALLER, 2007).⁷

Em 1984 finalmente o Departamento de Defesa, através da *Strategic Defense Initiative Organization* (SDIO) ou Organização da Iniciativa de Defesa Estratégica, consegue montar o começo de como se daria o funcionamento da SDI. Era, de fato, algo como nunca visto, um projeto ambicioso ao extremo. A primeira fase do projeto só foi lançada em 1987 e como um plano, não era prática ainda. Era composto de um interceptor balístico na Terra e outro no espaço, três sensores triangulados para determinarem o alvo sendo que um era espacial, o outro era formado por dois sensores terrestres e o terceiro era um moderno sensor capaz de gerenciar uma batalha de mísseis. Assim, muitos mísseis soviéticos poderiam ser destruídos logo após serem lançados; os mísseis que sobravam seriam alvo de ataques lançados pela inteligência artificial da SDI. Contudo, nem tudo eram flores para o projeto. Além de extremamente caro e ter sua funcionalidade nos anos 1980 bem questionável (não havia tecnologia suficiente e não é tão rápido desenvolver uma tecnologia deste porte), era um alvo não tão difícil para o sistema de armas antissatélites que a URSS

⁷ Schaller (2007) ironiza a situação e escreve que o presidente pode ter se lembrado do filme “*Murder in the Air*” em que a personagem de Reagan deveria proteger um equipamento capaz de parar aviões inimigos no ar. Independentemente de onde surgiu a ideia ambiciosa, Reagan a teria fixamente em todo o segundo mandato e será um empecilho que irá dificultar e atrasar as negociações com a URSS de Gorbachev.

já possuía e podia aprimorar. Ainda causava um problema diplomático com a URSS: segundo o Tratado Antimísseis Balísticos (ABMT na sigla em inglês) de 1972, os EUA não poderiam realizar algo como a SDI. (LOBO e CORTEZ, 2015).

Reagan desprezava a MAD (destruição mútua assegurada), considerava estúpida a ideia de que a garantia de segurança dos EUA estaria toda depositada na MAD, isto é, que a URSS não atacaria simplesmente porque haveria retaliações nucleares. Precisa-se mais que dissuasão, precisa realmente estar preparado para um ataque soviético. Busch considera que mesmo sem ter sido posto em prática durante o governo conservador, a SDI teve efeitos: reduziu o movimento antinuclear, pois estes viam que a SDI diminuía os problemas da dissuasão e, o mais importante, deixou a URSS entre a cruz e a espada. O gasto que o país teve com os mísseis ICBM poderia agora ser inútil. Se a URSS tentasse copiar a SDI, sua economia debilitada poderia não aguentar e mesmo a cópia poderia não ser funcional. Sua tecnologia era muito precária se comparada a americana e não fornecia a base para a tentativa. (BUSCH, 1997).

Os críticos a SDI viam com maus olhos a ideia de oposição a MAD. Para eles, essa objeção a tal doutrina poderia causar temor na URSS, levando a uma corrida armamentista ainda mais perigosa aos EUA. Boa parte dos congressistas estava preocupada com os custos do projeto, ameaçando-o. Contudo, quem defendia o projeto, considerava que ele dava vigor a MAD, pois deixaria a salvo os arsenais nucleares americanos em caso de ataque soviético. Assim, os EUA teriam uma capacidade de contra-atacar e, logo, desestimularia a URSS a realizar o primeiro ataque. (LOBO e CORTEZ, 2015).

A *Joint of chiefs Staff* do Departamento de Defesa, responsável por aconselhar o presidente, não era crente quanto a praticabilidade da SDI do jeito que Reagan imaginava: protegendo os cidadãos de todo o país, mas acreditava que seria possível proteger alguns sítios nucleares em caso de ataque. Deste modo, a dissuasão ganhava força, ao invés de perdê-la. Os mais linha-duras nos EUA acreditavam que o programa seria capaz de humilhar a URSS e abrir caminho para os Estados Unidos serem armados mais ainda. Já especialistas em controle de armas, tinham esperança que a SDI pressionasse a URSS a aceitar negociar a partir do ponto de vista americano. Praticamente só Reagan acreditava que SDI fosse realmente um escudo para EUA e aliados. Robert Gates afirmou que SDI não

precisava se tornar real, pois já amedrontava Moscou. O projeto representava a superioridade dos EUA em tecnologia, sua riqueza e habilidades técnicas. Schaller ironiza ao afirmar que na verdade, Reagan e os chefes do Politburo eram os únicos que acreditavam no SDI. Para Gates, o SDI era uma resposta ao incremento no sistema de mísseis que a URSS teve, mesmo que estes equipamentos fossem de tecnologia inferior. Assim, os soviéticos temiam que os mísseis se tornassem inúteis, logo, tentavam travar a SDI. (SCHALLER, 2007).

Mesmo havendo alguns ex-funcionários da administração Reagan afirmando que a SDI foi parte da estratégia do governo americano, implementada entre 1981 e 1982, de fazer a economia soviética sucumbir, Gates nega. McFarlane, assessor de segurança, diz que plano da SDI objetivava conter o poderio soviético de mísseis e evitar gastos, já que Reagan pensava que se fosse competir de um jeito mais tradicional, gastar-se-ia mais. General Rowny, que participou de negociações de desarmamento, tem pensamento similar. (SCHALLER, 2007). Para Dobson, também não há razões suficientes para acreditar que SDI fez parte de uma guerra econômica, na verdade, nem se pode dizer que há uma guerra econômica, principalmente a partir de 1984-1985. O que realmente o SDI tinha de ligação entre intenções americanas e debilidade da economia soviética era que, em especial após a chegada de Gorbachev, Reagan acreditava que União Soviética aceitaria reduzir seu arsenal sem mexer no SDI devido a fragilidade econômica que vivenciava. Os mais linha duras do governo até poderia querer fazer a URSS falir, mas essa não era intenção de Reagan. (DOBSON, 2016).

Considerando os requerimentos da SDI e nível tecnológico da época, seriam necessárias décadas para que o projeto ficasse totalmente operante. Levar as peças ao espaço para serem montadas, demandava várias viagens bastante caras. Essas viagens ocorriam poucas vezes no ano e era difícil que este número fosse muito expandido. Logo, em teoria os EUA seriam capazes apenas de montar um equipamento que derrubaria poucos mísseis soviéticos, não todos. Mesmo assim, a URSS tinha uma perspectiva assustada, pois considerava que a SDI tornariam os EUA capazes de realizar o primeiro ataque e suportar a retaliação, deixando a MAD no passado e trazendo a ameaça nuclear a um ponto crítico no futuro. (SCHALLER, 2007).

Saber qual era o grande objetivo da SDI nos anos 1980 era muito complicado. Não era à toa que o Politburo ficou apreensivo e sem saber o que esperar. O próprio Reagan aparentava não saber. Wilson lembra que o presidente escreveu a um aliado dizendo não fazer ideia do que esperar do SDI, apenas ordenou que os cientistas pesquisassem na área de defesa. Já em uma conferência de imprensa em 1983, o “grande comunicador” afirmou que apenas mandou os cientistas pesquisarem sobre o projeto e possibilidade SDI, mas sem muita pressa. Assim, mesmo que 20 anos depois que se obtenha resultados com as pesquisas, já se poderia nos anos 1980 por fim a armas nucleares, pois elas ficariam obsoletas no futuro. (WILSON, 2007). Em coletiva de imprensa em 29 de março de 1983, quando questionado se o desenvolvimento de armas antimísseis no espaço não iria aumentar a corrida armamentista e desestabilizar relações com a URSS, Reagan respondeu:

Na minha opinião, se uma arma defensiva que reduziria a utilidade deles ou mesmo os fizesse obsoletos, pudesse ser feita, então quando chegasse essa hora, um presidente dos Estados Unidos estaria apto a dizer: “agora temos tanto a dissuasão quanto os mísseis –como tínhamos no passado–mas temos esta outra coisa que altera a situação.” E ele poderia seguir um número de caminhos. Ele poderia oferecer dar essa mesma arma defensiva a eles para provar que não haveria mais necessidade e de manter aqueles mísseis. Ou esta defesa, ele poderia dizer a elas, “Eu estou disposto a me desfazer dos meus mísseis, vocês se desfaçam dos seus.”⁸ (REAGAN, 1983, s.p., tradução nossa)

Wilson lembra que Reagan escreveu em suas memórias que ele não acreditava no SDI como um escudo impenetrável, apesar da ironia de Schaller, e sabia que nada tem eficácia total. Contudo, esperava que se SDI funcionasse, ao menos um pouco, pois acreditava que assim ficaria mais fácil de os países dialogarem e abandoaram as armas nucleares e protegeria os EUA caso um louco tivesse acesso a este tipo de armamento. Então, Wilson menciona que Reagan reclamou em suas memórias que os linhas-duras da administração não queriam negociação de jeito nenhum com os soviéticos, mas ele considerava que valia a pena tentar. Porém, Reagan por vezes falava publicamente que os soviéticos não

⁸ Texto original: “In my opinion, if a defensive weapon could be found and developed that would reduce the utility of these or maybe even make them obsolete, then whenever that time came, a President of the United States would be able to say, “Now, we have both the deterrent, the missiles -- as we've had in the past -- but now this other thing that has altered this.” And he could follow any one of a number of courses. He could offer to give that same defensive weapon to them to prove to them that there was no longer any need for keeping these missiles. Or with that defense, he could then say to them, “I am willing to do away with all my missiles. You do away with all of yours.””

eram confiáveis ou questionava a honestidade do russos, aproveitando-se a até da tragédias como quando a URSS abateu por engano um avião civil que acidentalmente entrou em seu espaço aéreo em 1983. (WILSON, 2007).

A SDI foi fruto do pensamento de Reagan alimentado pelas noções de segurança de uma equipe conservadora. Somente quem via a URSS com olhos tão maus e creditava a ela tamanho perigo poderia ser favorável a um projeto tão custoso e com probabilidades tão altas de não funcionar. O SDI como planejado nos anos 1980 já foi abandonado, portanto, não é possível ter certeza se ele seria praticável. Mas uma coisa é certa: o SDI, realizável ou não, preocupou muito a URSS e influenciou bastante as relações entre os dois países, especialmente dificultando acordo de desarmamento.

2.7 Conclusão do capítulo

Reagan vence o então presidente Jimmy Carter em 1980 e chega ao poder em 1981. Não era um novato no mundo da política, já havia sido governador da Califórnia, mas mesmo apresentando um discurso convincente para o povo americano e ríspido para a União Soviética, não mostrava conhecimento profundo da política internacional. Em contrapartida, mostrava convicções fortes sobre a URSS e como deveria ser a relação dos EUA com o país. Era, então, hora de os Estados Unidos retomarem a sua glória (o slogan de campanha era "Let's Make America Great Again" ou "Vamos Fazer a América Grande Novamente"). A visão que Reagan tinha era foi muito importante, pois o presidente se cercou de pessoas que pensavam na mesma linha (obviamente e já tratado neste capítulo, havia as divergências; mas eram outras versões da mesma convicção). Tais visões como o anticomunismo, o conservadorismo, o desprezo pela détente, a crença na necessidade de fortalecimento militar, desprezo pela MAD, a visão da URSS como traiçoeira, o dualismo no mundo onde EUA sendo o bem e URSS sendo o mal formaram o caráter da administração e sua política externa.

Graças a tais visões, conjuntos de ideias como a Doutrina Reagan e projetos como a "Guerra nas Estrelas" e a SDI floresceram e impactaram o mundo e as relações com a URSS. De fato, os resultados não forem sempre os esperados, talvez em parte devido a divisão de ideias e competição interna na equipe que

Reagan escolheu para ajudá-lo na empreitada. Mesmo tendo a intenção de montar uma equipe coesa, pura nas ideias, obediente e com os secretários sendo os pensadores principais, o obtido, em especial no primeiro mandato, foi bastante diferente.

Este capítulo buscou contextualizar a situação interna dos EUA, porém focando no que mais importa a este trabalho. Por isso, a escolha de trabalhar fatores como a SDI e a Doutrina Reagan e a escolha de apresentar a questão da disputa dentro da administração, além das visões que o presidente e seu governo tinham, pois no caso do Governo Reagan, ideologia é especialmente influente, enquanto racionalidade às vezes parecia ceder o lugar (obviamente, mantinha-se, mas o papel da crença era forte além do típico). Tais fatores ainda que nem sempre diretamente, impactaram nas relações dos EUA com a URSS; na maioria das vezes, dificultando-as.

3 A UNIÃO SOVIÉTICA E SEUS QUATRO SECRETÁRIOS-GERAIS

Este capítulo é dedicado a uma contextualização a respeito da União Soviética. Deste modo, discorrer-se-á acerca da situação do país no período em que o trabalho se propõe a analisar. Por vezes, pode-se retornar a um tempo anterior, sobretudo os anos 1970 para se explicar algum ponto que é importante para uma compreensão melhor de eventos ocorridos entre 1981-1988. O período abordado é bastante turbulento para o país euroasiático que não era muito acostumado a trocar de liderança, mas devido a mortes em sua elite tomadora de decisões, conheceu quatro chefes ou secretários-gerais do Partido Comunista da União Soviética, o termo mais correto de seus cargos. Em 1982 morre Leonid Brejnev que liderava a nação desde 1964. Foi substituído pelo chefe da KGB, Yuri Andropov que morreu em 1984. Seu sucessor foi o homem de confiança de Brejnev, o burocrata Konstantin Chernenko que também morre em 1985. Por fim, o último secretário-geral da história soviética é o relativamente jovem Mikhail Gorbachev, um reformista, mas naquele ponto, pouco se sabia da profundidade de suas ideias.

3.1 Os anos 1970, a Era Brejnev e a détente

Antes de serem trabalhadas as relações soviéticas-americanas, é necessário voltar a alguns pontos da década anterior. Mesmo a era Brejnev coincidindo em apenas pouco mais de um ano com o período deste trabalho, ela é marcante para a União Soviética e é importante que se entenda a década de 1970 para se compreender o pensamento soviético nos anos 1980 e o pensamento da administração Reagan. Leonid Brejnev chegou ao poder em 1964, após o golpe que afastou Nikita Krushev e ficou no cargo de secretário-geral até a sua morte em novembro de 1982. Seu governo ficou marcado como de estagnação, mas também considerado por muitos como “anos dourados” da União Soviética já que foi o último governo estável, a economia cresceu (no começo) e a influência soviética aumentou no estrangeiro. (BOWKER, 2002).

Brejnev tinha intenções de aumentar o poder soviético. No começo da década de 1970, o país já estava quase idêntico aos EUA em poderio militar. De fato, os Estados Unidos ainda eram mais fortes em alguns aspectos e possuíam uma

tecnologia mais avançada. Contudo, a URSS compensava pelos números, possuindo, por exemplo, bem mais mísseis balísticos intercontinentais (muitas vezes referidos como ICBMs, da sigla em inglês). Porém, tamanho desenvolvimento militar cobrava seu preço: a economia nacional era sacrificada e as taxas de crescimento começam a despencar já no começo da década. Mesmo com tal situação, era impossível fazer cortes nos gastos militares, pois a elite militar participava do governo e agia como, inclusive, lobista. Tentando resolver o problema da baixa oferta e baixa qualidade dos produtos soviéticos oferecidos à população, Brejnev com apoio de Alexei Kosygin (premier soviético em quase toda a Era Brejnev) optam por importar tecnologia Ocidental na intenção de aumentar a produtividade soviética. (DONALDSON e NOGEE, 2005).

No começo dos anos 1970, o mundo vê o que os ocidentais chamam de *détente*. Para os soviéticos, não havia um nome específico. Donaldson e Nogee (2005) consideram que esta época era de um caráter político novo: tripolar dentro da bipolaridade da Guerra Fria. Isto é, a paridade militar entre URSS e EUA; a estagnação econômica soviética e a necessidade das lideranças soviéticas de repensar a política externa do país. Assim, o governo Brejnev repensou a política externa de um jeito que transcendia a coexistência pacífica que remonta aos tempos de Krushev. Além de buscar evitar uma guerra contra os EUA (o Ocidente como um todo) e reduzir tensões, buscava cooperação em áreas como comércio, controle de armas, gestão de crises, tecnologia e ciência. Como os autores lembram, um dos mais importantes conselheiros em política externa do Brejnev, Georgii Arbatov afirmou que a *détente* não era e jamais seria uma aliança entre as superpotências que outrora dividiram o mundo; a relação entre EUA e URSS era de luta e sempre seria, mesmo que a *détente* obtivesse grande sucesso.

Mesmo duvidando do valor da *détente*, Brejnev acaba por perceber que ela poderia ser vantajosa a União Soviética. De fato, desde o final dos anos 1960 até por volta de 1971, os dirigentes soviéticos estavam preocupados com o rumo que as relações com o Ocidente (com os EUA no topo da preocupação) deveria seguir. Bowker (2002) afirma haver um série de razões para o governo Brejnev optar pela *détente* e destaca quatro delas. A primeira seria formalizar a URSS como superpotência no sistema internacional, rivalizando com os EUA. Pela teoria Marxista, a vitória na história estava no lado soviético. Porém, as teorias de relações

internacionais afirmam que quando o Estado dominante é ameaçado por um ascendente, o risco de guerra é iminente. Assim, a URSS esperava mitigar este risco com a détente. A segunda razão era econômica, pois as grandes taxas de crescimento dos anos de Stálin e Krushev haviam ficado no passado, a diferença da qualidade de vida entre a URSS e os EUA cada vez favorecia mais os americanos, o que juntos diminuía o apelo da ideologia comunista e deixavam em risco a continuidade da URSS como superpotência. Mesmo com a economia não estando muito bem, Brejnev era irredutível quanto aos enormes gastos militares. Como outrora falado, o líder, então, vai buscar no comércio com o Ocidente resolver os problemas de demanda interna e, assim, evitar realizar reformas no país. (BOWKER, 2002).

A terceira razão era focada na segurança europeia. Mesmo com baixa possibilidade de um confronto entre Leste e o Ocidente, a legitimidade do domínio soviético na Europa Oriental e Central era fraca para grande parte dos povos dos países do bloco socialista. Brejnev já havia suprimido a Primavera de Praga em 1968 e deixado claro que não havia margem para rebelião popular no bloco, tanto para o Politburo quanto para os povos do Leste e para os governantes dos Estados satélites. O que Brejnev fez durante seu governo (e que a intervenção do Pacto de Varsóvia na Tchecoslováquia foi parte) foi, mesmo sem voltar exatamente a política de Stálin, mostrar que a URSS poderia dispor de seu enorme poderio militar contra rebeliões no bloco, mostrando que era inútil tentar sair ou mudar demais. Essa política de soberania limitada e potencial intervenção soviética na qual a URSS se via como dona do direito de dispor das áreas conquistadas na Grande Guerra Patriótica (como era chamada a Segunda Guerra Mundial na URSS), ficou conhecida como Doutrina Brejnev. A détente, por sua vez ajudava a legitimar internacionalmente o domínio soviético e abria espaço para certo comércio e comunicação entre os blocos socialista e capitalista, evitando maior descontentamento popular. O quarto motivo era a deterioração das relações com a China. Se as relações com a China nunca foram muito boas, a partir do final dos anos 1960 chegaram ao ponto de os líderes soviéticos considerarem o asiático como a maior ameaça para o país, inclusive maior que os EUA. No começo da década, a China já havia deslocado para a fronteira com a URSS a impressionante quantia de 45 divisões de seu exército, o que equivalia a $\frac{1}{4}$ do exército soviético. Depois da

aproximação dos EUA de Nixon da China, os soviéticos decidiram que era necessário se aproximarem dos EUA e cooperarem para evitar uma aliança sino-americana. (BOWKER, 2002).

Um velho problema da União Soviética que Brejnev buscava resolver era garantir o reconhecimento do Ocidente sobre o domínio soviético sobre o Leste Europeu como uma recompensa pela vitória na guerra. A Alemanha Oriental era a área mais crítica neste aspecto. Brejnev, contudo, começa a resolver o problema quando consegue assinar um tratado com a Alemanha Ocidental reconhecendo as fronteiras europeias, inclusive a divisão do país, mas também o status quo de Berlim em 1970. Com a aproximação da URSS da Europa Ocidental que vinha ocorrendo desde o final da década anterior, a opinião pública europeia vendo crescer um sentimento antiamericano devido à Guerra do Vietnã e a URSS sabendo explorá-lo, além da resolução das tensões com a Alemanha; Brejnev conseguiu o que há muito desejava: uma reunião sobre segurança com a Europa. A reunião teve o consenso dos EUA como membros da OTAN e ocorreu em 1975. Pode ser considerada uma vitória diplomática de Brejnev, pois conseguiu agora o reconhecimento do continente a respeito das fronteiras do Leste Europeu (e tacitamente do poder soviético sobre a região). Por outro lado, o secretário-geral teve de aceitar pontos como respeito aos direitos humanos, liberdade de expressão, viagem, religião, pensamento e contato entre indivíduos de países diferentes. Tais pontos entravam em contradição com a política interna soviética. Krushev havia realizado certa liberalização (bem moderada), mas Brejnev a desfez quando chegou ao poder e deixou claro que a URSS não aceitaria interferências externas, de jeito similar a Stálin. Claro que Brejnev na prática não fez muito para liberalizar o país depois da assinatura. (DONALDSON e NOGEE, 2005).

Para Nixon e seu conselheiro de segurança nacional, Kissinger, a grande vantagem da détente era conseguir ajuda soviética para que os EUA pudessem sair do Vietnã sem parecer que estavam se retirando por perderem a guerra – o que de fato aconteceu. A URSS ajudou maciçamente o Vietnã do Norte no intuito de prenderem os EUA em uma guerra de pouco valor e custosa, desgastando o país e não precisando participar diretamente. O fluir das conversas entre Nixon e Brejnev permitiu um tratado que proibia a construção de defesa antimísseis balísticos (que vai entrar em conflito com a SDI na década seguinte), a assinatura do SALT I,

Strategic Arms Limitation Talks ou Conversações sobre Limites para Armas Estratégicas que congelava por cinco anos o número de mísseis balísticos ofensivos. Ainda promoveu cooperação naval, espacial, ambiental e de saúde pública. Na área comercial, facilitou-se empréstimos à URSS e a venda de grãos sob condições bastante favoráveis ao país socialista. (DONALDSON e NOGEE, 2005). Também pensava-se que a détente seria vantajosa para os EUA ao considerar que já não era possível o país capitalista manter o poder econômico e militar do imediato pós-guerra. Assim, ao oferecer cooperação, comércio e acordos com a URSS, esperava-se que o resultado fosse que a própria URSS se contivesse, reduzindo os custos da contenção e aceitando o status quo global. (BOWKER, 2002).

Com o avanço da détente e o problema vietnamita resolvido, em 1973, Brejnev se encontrou com Nixon nos EUA. Diversos assuntos foram tratados, ali começou a nascer o SALT II e o mais importante: foi assinado o “Acordo de Prevenção à Guerra Nuclear”. O acordo previa que se as relações entre os países, partidos ou mesmo aliados gerassem um risco de guerra nuclear, os Estados Unidos e a União Soviética deveriam se consultar e fazer tudo o que fosse necessário para evitá-la. Realmente, ao longo do conflito bipolar tal situação chegou próxima de se concretizar. A Guerra do Yomkippur foi o primeiro teste do acordo. O que foi visto, segundo Donaldson e Nogee, era que o acordo ainda era falho, pois os EUA buscaram um cessar-fogo imediato, enquanto a URSS dava suporte aos clientes árabes e só buscou o cessar-fogo quando Israel passou a dominar o conflito. (DONALDSON e NOGEE, 2005).

A détente começa a entrar em crise na sequência. A União Soviética perseguia judeus que tentavam sair do país, bem como dissidentes do regime, gerando desagrado na opinião pública americana. O Congresso dos EUA, por consequência, operou para tornar os créditos ao país dependentes de suas políticas internas. Brejnev que não tolerava interferência externa, cancelou o acordo de comércio de 1972. As negociações do SALT II foram interrompidas pelos EUA, pois estes estavam preocupados com a expansão soviética em mísseis pesados e não havia consenso sobre as regras acerca dos MIRVs (veículos de reentrada múltipla e independente). No campo interno americano a situação política era péssima: Nixon já estava afetado pelo escândalo de Watergate quando visita Brejnev em 1974 e a

reunião não produz nada significativo. Gerald Ford também vai à URSS e tenta trabalhar com Brejnev para um acordo que guiaria políticas mais ambiciosas na tão complicada área de limitação de armas. Contudo, as discordâncias políticas não permitem que algo concreto seja realizado. (DONALDSON e NOGEE, 2005).

A interpretação que os países tinham da détente era muito diferente. A URSS não considerava que a détente impedia o país de agir no Terceiro Mundo. Na verdade, Brejnev via détente como uma oportunidade de ouro de facilitar que a URSS ajudasse movimentos de libertação nacional e revoluções, reduzindo o poder do Ocidente e expandindo o soviético. Em momento nenhum, os líderes soviéticos pensaram na détente como uma razão de perder a oportunidade de tirar vantagem de conflitos no Terceiro Mundo e, portanto, não congelava o status quo nesta parte do planeta. Vários focos de tensão continuaram como a China, o Sudeste Asiático e o Oriente Médio. O Vietnã foi um dos mais sérios. Os EUA acusaram a URSS de ajudar as tropas do Norte a se infiltrarem no Sul. A URSS nada fez para impedir seu cliente de anexar o cliente americano. Os EUA, por sua vez, não tinham condições de ajudar o Vietnã do Sul na resistência. Em 1975 o Vietnã foi reunificado sobre o regime comunista e totalmente como cliente da URSS. Em 1976, em discurso do 25º Congresso do Partido, Brejnev exaltou o sucesso da política externa soviética. Comemorou a vitória cubana-soviética em Angola, o domínio socialista no Vietnã, a normalização das relações com a Alemanha e a aproximação do Iraque e da Índia. A ideia passada era que a União Soviética estava se aproveitando da détente para se expandir no Terceiro Mundo às custas do capitalismo. O país enfrentava adversidades no Terceiro Mundo também. (DONALDSON e NOGEE, 2005).

Mesmo com todas as dificuldades faladas, o governo Jimmy Carter se esforçava para que o SALT II se concretizasse. Em junho de 1979, a détente parecia ter um avanço quando Carter e Brejnev assinam o SALT II na Áustria. Assim, o status quo seria congelado com a URSS possuindo mísseis mais poderosos e em maior quantidade enquanto os EUA ficavam na vantagem quanto às ogivas. Os países teriam a oportunidade de reduzirem os gastos militares. Na prática, o acordo nunca foi ratificado e a détente entra em crise final quando Moscou invade o Afeganistão em dezembro do mesmo ano. A intenção dos russos era salvar governo aliado e evitar que surgisse um terceiro (os outros eram Irã e Paquistão) governo islâmico anticomunista na periferia soviética. Os EUA reagiram intensamente; Carter

afirmou que isso mudou sua opinião sobre a URSS e lançou a já falada Doutrina Carter (capítulo anterior). Além do poço de problemas que o conflito virou em que a União Soviética se deparou com custos enormes políticos, militares e econômicos, os país teria de enfrentar a deterioração das relações com o Ocidente, o governo anticomunista Reagan e corte do comércio, já com Carter criando um embargo na venda de grãos que a URSS dependia importar dos EUA, pois sua produção não era mais capaz de alimentar nem a própria população. (DONALDSON e NOGEE, 2005).

É complexo definir exatamente qual a razão de a détente entrar em uma espiral de declínio até seu fim após aparentar, ao menos na opinião de alguns estudiosos, que iria produzir grandes mudanças. Bowker (2002) seleciona três visões mais importantes que explicam o fim da détente. A primeira é a visão mais ortodoxa e culpa a URSS por não ter modificado a sua política externa de acordo com os preceitos da détente. O governo Brejnev rejeitava a MAD e buscava sempre maior crescimento de poder militar ofensivo enquanto não permitia nenhuma liberalização na Europa Oriental e mantinha a Doutrina Brejnev em vigor, inclusive aplicando a Lei Marcial na Polônia quando Reagan já era presidente. Os soviéticos se aproveitaram da détente para fortalecer a luta de classes no mundo enquanto os EUA se mantinham tímidos. A gota d'água seria a invasão ao Afeganistão em 1979, fazendo os EUA descartarem qualquer possibilidade de détente.

Outra visão afirma que a détente fracassou porque as superpotências tinham definições muito diferentes dela. Enquanto a URSS queria usá-la para garantir seu status de superpotência global, os EUA queriam usá-la para conter a URSS. Dentro do Politburo, a détente foi discutida e a visão soviética passou por reformas no meio da década para a manutenção da redução de tensões, mas não foi radicalmente revista. A URSS sabia que a invasão ao Afeganistão iria prejudicar as relações com os EUA, mas não esperava que tivesse tamanho impacto, tampouco esperava que a empreitada militar durasse tanto tempo. Brejnev nunca quis abandonar a détente e mesmo após a invasão e com Reagan presidente, o secretário-geral buscava restabelecê-la.

Por fim, a terceira visão culpa os EUA por seu comportamento destruir a détente. Assim, o papel da diferença de conceitos de détente não importou tanto; o que realmente pesou foi a reação dos EUA ao sucesso inesperado da URSS na década, lavando-o a ser um tema discutido na política interna americana e nas

eleições. Os EUA decidem, então, se retirar quando percebem que a détente não produziu o efeito desejado de conter a União Soviética. Tal visão se encaixa com a afirmação soviética que culpa a ascensão da nova direita (com Reagan como símbolo maior) e o papel do complexo industrial-militar na política e economia americana. Para os soviéticos, os EUA eram quem instigava a corrida armamentista e buscavam fazer o imperialismo prevalecer no Terceiro Mundo.

A resposta para o fim détente se encontra em uma combinação das visões, nenhuma explica todos os fatores perfeitamente, mas podem completar-se. A détente nunca foi algo simples e é difícil acreditar que um misto de cooperação e competição entre duas superpotências com sistemas tão distintos e objetivos tão rivais pudesse durar muito mais. Outro agravante era que EUA e URSS viviam situações muito diferentes na década de 1970. Os EUA passavam pelas dificuldades de Vietnã e seu fracasso, somada a nova competição econômica no bloco capitalista com Japão e Europa Ocidental criavam um sentimento de declínio, sentimento que era aprofundado pela sensação oposta da URSS. O país comunista viveu durante a détente a expansão do seu poder global e militar, uma era estável ainda que ligada a estagnação. Também sua característica, como lembra Bowker (2002), pouco democrática onde as decisões eram tomadas por um pouco número de homens faziam escolhas importante como a instalação dos mísseis SS 20 e a invasão ao Afeganistão ser pouco debatida quando comparada aos EUA. O autor afirma que o crescimento militar soviético foi contraproducente em ao menos dois jeitos: causou danos enormes a economia e alimentou a corrida armamentista deixando os outros países descrentes que a URSS não possuía intenções ofensivas. Logo, é perceptível que a détente já nasceu frágil e que ações tomadas, ainda que sem a intenção de prejudicá-la, impactaram severamente e anteciparam o seu fim.

3.2 Os últimos bolcheviques: Andropov e Chernenko

Em novembro de 1982 morre Leonid Brejnev, líder soviético por 18 anos (o segundo governo mais longo, superado apenas por Stálin). Ainda não se sabia da turbulência que seriam os anos 1980, uma década de crises e mudanças no gigante comunista. A União Soviética não era um país acostumado a ver a troca de líderes, tal processo era complexo no sentido que o país não possuía meio constitucionais

oficiais para a troca do líder. Mesmo não havendo eleição popular, o secretário-geral era escolhido pelo Politburo, ainda que o secretário vivo quisesse deixar um herdeiro. Certamente Andropov preferiria ser sucedido por Gorbachev e não por Chernenko. O que o secretário-geral poderia fazer era tentar modificar a composição do Politburo, mas isso era muito complicado e demorado, não era simples como um presidente recém-eleito indicar um novo secretário no EUA.

Durante os governos anteriores, uma geração de líderes foi galgando poder, muitos na casa dos trinta anos, e tal geração se consolidou e envelheceu nos cargos altos como os casos de Brejnev, Gromyko e Kosygin. Nos anos 1980, essas lideranças estavam firmes no poder, mas já muito velhas e a URSS viu uma grande quantidade de ocupantes de cargos altos e membros do Politburo morrer. Assim, não apenas aprofundou a crise do país, gerando certa turbulência política, mas também abriu espaço para novos líderes. Este não era exatamente o caso de Lúri Andropov. O novo secretário-geral tinha quase 70 anos e longa carreira a frente da KGB. Contudo, só havia sido promovido ao secretariado do partido há pouco tempo. Seu governo dura apenas 15 meses e começa com vigor na política externa e doméstica, porém tal vigor se esvai com a idade e a rápida deterioração da saúde de Andropov. Seu perfil era menos burocrático, supostamente mais inteligente que seus colegas e rivais do Politburo. (DONALDSON e NOGEE, 2005).

Mesmo antes de se tornar secretário-geral, Andropov mostrava não gostar de Reagan e era mais desconfiado das intenções do presidente que Brejnev. Como chefe da KGB, Andropov avisava ao Politburo que os EUA ameaçavam qualquer avanço nas relações entre os países. Em 1981, Andropov conta a Brejnev sua crença de que os EUA planejam um ataque surpresa e sugere a criação de um grupo que unia a KGB à inteligência militar soviética para a preparação de tal situação extrema. Assim, mostrava-se mais radical que Ustinov e os militares que na década anterior já havia abandonado a ideia de um ataque surpresa americano. O chefe da KGB mostrava uma visão da Guerra Fria parecida com a realidade do começo do conflito. (ZUBOK, 2007).

Andropov e Brejnev discordavam. O primeiro queria alterar a burocracia, sociedade e economia soviéticas, todas estas estagnadas na Era Brejnev. Já o segundo não queria alterações significativas, e se contentava em manter o ideal da

détente que àquela altura já estava acabada e não respondia a tentativa de ressuscitá-la. Brejnev e apoiadores queriam e tinham esperança que Reagan mudasse e fizesse os EUA voltarem à uma política mais realista e menos ideológica que desce espaço à détente. Como destaca Zubok, Brejnev discursou em junho de 1982 renunciado o primeiro ataque de armas nucleares; na sequência, Ustinov declarou que a URSS não esperava uma vitória em uma guerra nuclear. Para o autor, isso significava um abandono da doutrina militar ofensiva dos anos 1960 no intuito de sensibilizar o Ocidente para a volta da détente. (ZUBOK, 2007).

Não apenas Andropov não confiava em Reagan ou melhor, Andropov sempre foi mais desconfiado em relação aos EUA e não compartilhava do mesmo pensamento de Brejnev de buscar desesperadamente preservar ou ressuscitar a détente, como durante seu breve governo alguns fatos ocorreram para deixar a situação mais tensa e as relações americanas-soviéticas piores. Quando Brejnev ainda era secretário-geral, Reagan lhe enviou uma carta escrita à mão oferecendo uma melhora das relações. O chefe da KGB disse ao secretário-geral que aquilo era um gesto falso, nada que merecia consideração. O anúncio da SDI ocorre no começo do governo Andropov, também nesta época Reagan faz seu histórico discurso em chama a URSS de império do mal. Isto ia em oposto as falas das administrações anteriores que não questionavam abertamente a legitimidade do papel internacional da URSS. Andropov ficou muito irritado com a fala do presidente, bem como com o uso que Reagan fazia do incidente coreano (falado no próximo parágrafo) para difamar a URSS. Também durante seu governo ocorre um dos momentos mais tensos da Guerra Fria (que será tratado no próximo capítulo) quando a OTAN executa um treinamento militar que simula um ataque nuclear na Europa e Andropov mobiliza as forças soviéticas e do Pacto de Varsóvia para caso não fosse apenas um treinamento, acreditando seriamente que a OTAN/EUA poderiam atacar. Também manteve o projeto RYaN que persuadiu Brejnev a executar; tal projeto fazia a KGB e a inteligência miliar soviética cooperaram em um novo sistema de aviso contra ataques por mísseis nucleares, o que na prática ressaltava sua desconfiança. (ZUBOK, 2007).

Uma das grandes preocupações de Andropov era a economia estagnada deixada por Brejnev. O novo líder tentou reverter o processo, mas não tomou medidas mais rígidas, apenas mais superficiais e o problema não foi solucionado.

Também iniciou uma campanha anticorrupção e para remover as lideranças partidárias regionais mais ineficientes. De todo o modo, ou não havia capacidade ou não havia vontade real do novo líder de mudar a URSS severamente. Na política externa, Andropov se preocupou bastante com a China e com os EUA, tentando melhorar relações. Porém um incidente arruinou ainda mais a situação. Em setembro de 1983, um avião civil coreano entrou por engano no espaço aéreo soviético e foi abatido. A URSS não tinha a intenção de abater um avião civil, só o fez porque se confundiu, pensando ser um avião militar ou espião inimigo. A situação ficou ainda pior pôr a URSS negar a responsabilidade do ocorrido, negar indenizar as famílias dos mortos e acusar os EUA de usarem o avião para espionagem. (DONALDSON e NOGEE, 2005).

Andropov ainda herdou outro problema e não fez muito para resolvê-lo. Em 1977, a URSS começou a colocação na Europa de seus mísseis de alcance intermediário SS-20 no intuito de resolver a vulnerabilidade deixada pelo avanço tecnológico americano. A OTAN, obviamente, ficou preocupada com os mísseis teleguiados, mais precisos e que usavam combustível sólido e programou em 1979 a colocação de 572 mísseis Pershing II americanos, caso as negociações de desarmamento não rendessem frutos até 1983. Quando chegou o prazo e não havendo avanço, aos EUA iniciaram a instalação dos mísseis no Reino Unido e na Alemanha Ocidental. Apesar de toda a pressão interna da sociedade e grupos ativistas, Reagan e aliados ocidentais conseguiram superá-los e incomodaram bastante o doente Andropov. Mesmo com todo esse problema, as negociações do START para redução de armas estratégicas permaneciam e andavam, ainda que a passos lentos. Porém, como se a situação já não fosse complexa o suficiente, os EUA anunciam em março de 1983 o já falado no capítulo anterior SDI. A URSS logo se vê em uma situação extremamente difícil. O dilema da SDI, a partir de então, incomodará e preocupará todos os governantes soviéticos. O problema que a URSS via não era apenas de segurança (o que por si só já é suficiente), havia o medo dos governantes de que a economia soviética não suportaria uma tentativa de equilibrar o balanço de poder militar se os EUA conseguirem realizar o projeto; tampouco a URSS dispunha de tecnologia que permitisse equiparar o país aos EUA. (DONALDSON e NOGEE, 2005).

Em dezembro, as relações entre EUA e URSS pioram ainda mais. Os EUA começam a instalação dos mísseis na Europa Ocidental e Andropov toma uma decisão radical: rompe com as negociações do START e do INF (Tratado De Forças Nucleares Intermediarias). O cálculo estratégico que Andropov fez foi completamente enganoso, segundo os autores supracitados: pensou-se que com a saída da URSS das negociações, a OTAN iria recuar da instalação dos mísseis. Na prática, a instalação continuou e a URSS perdeu uma fonte preciosa de barganha. (DONALDSON e NOGEE, 2005).

Em fevereiro de 1984 morre Andropov. Em seu lugar é eleito Konstantin Chernenko que havia perdido a eleição anterior. Chernenko era um burocrata, homem de confiança de Brejnev e em seu governo teve grande força acompanhando em decisões e coordenando o acesso ao secretário-geral. Sua escolha demonstrou uma ausência de interesse do Politburo em mudar ou a reagir a crise soviética. Chernenko foi o secretário-geral mais velho a ser eleito, já com 72 anos e visivelmente doente. Seu governo durou pouco mais de um ano e não trouxe muitas inovações, tampouco aparentava pretender trazê-las. Internamente não tinha nem a intenção de Andropov de realizar mudanças na economia ou na sociedade. A política externa também não foi inovadora ou audaz, apenas um fato foi de importância grandiosa, ainda que não tenha surtido muito efeito: Chernenko no final de seu governo retira a exigência de Andropov da retirada dos mísseis da OTAN instalados na Europa em 1983 como condição para que se retome as negociações de desarmamento. Contudo, o camarada Chernenko não pôde negociar, pois morreu dois dias antes da data em que se pretendia reabrir do diálogo. (DONALDSON e NOGEE, 2005).

Ainda na época da eleição de Chernenko, Archie Brown (1984) faz algumas comparações entre os ele e seu antecessor. Obviamente, o artigo está ultrapassado, mas tem pontos que ainda são válidos. Assim, ressalta que Andropov procurou realizar uma política de rejuvenescer a elite do Partido, deu maior poder a alguns mais jovens como o próprio Gorbachev que já desde o final do governo Brejnev já era membro do Politburo. Buscou ainda enfrentar os problemas da corrupção e estagnação e chegou a pôr fim a carreiras políticas de figurões próximos de Brejnev e Chernenko. Logo, a eleição de Andropov foi uma escolha dos insatisfeitos com o

governo Brejnev, enquanto a eleição de Chernenko foi a escolha por voltar a situação anterior. Zubok ainda resume os dois governos de forma ácida:

A influência de Andropov sobre o comportamento internacional soviético foi uma mistura bizarra de realismo sombrio e mentalidade do pior caso, agravada pela sua longa associação com a KGB. Até a sua saúde entrar em colapso, ele teve vontade e visão suficientes para deixar sua marca na política externa. Sua morte em 9 de fevereiro de 1984, porém, cortou todas as suas empreitadas. Seu sucessor, outro septuagenário, Konstantin Chernenko, era uma múmia ambulante, que sofria de asma grave e vivia de tranquilizantes. Durante o breve mandato de Chernenko, Ustinov e Gromyko mantiveram um monopólio na prática das áreas militares e de relações exteriores.⁹ (ZUBOK, 2007, p. 267, tradução nossa).

É perceptível que tantas trocas de líderes em tão pouco tempo em um país acostumado a ver o mesmo homem no poder por longos períodos contribuiu para a crise política que se mistura com a crise econômica e era concomitante ao atoleiro do Afeganistão e ao governo conservador Reagan, ainda mais neste período de primeiro mandato. Andropov tenta reformas, mas é exagerado dizer que Andropov era um grande reformista. Era, na verdade, mais um consciente de que a situação soviética não era favorável e não era nem um pouco vantajoso continuar assim por muito mais tempo que um idealista por reformas liberalizantes. Mesmo não estando há tanto tempo no Politburo e não sendo da linha mais conservadora ou burocrata, ele era um sujeito oriundo da KGB e certamente um verdadeiro bolchevique tanto quanto o velho Chernenko. O governo deste camarada foi ainda mais curto e fez menos ainda. Praticamente se resumiu em tentar continuar o brejnevismo e até permitiu que a parte mais conservadora e velha do Partido sonhasse com o stalinismo, ainda que seria muito exagerado associar os 13 meses de Chernenko com tal período.

3.3 O enigmático Gorbachev

⁹ Texto original: “Andropov’s influence on Soviet international behavior was a bizarre mixture of grim realism and worst-case mentality, aggravated by his long association with the KGB. Until his health collapsed, he had enough will and vision to make his mark on foreign policy. His death on February 9, 1984, however, cut all his undertakings short. His successor, another septuagenarian, Konstantin Chernenko, was a walking mummy, who suffered from severe asthma and lived on tranquilizers. During Chernenko’s brief tenure, Ustinov and Gromyko retained a virtual monopoly in military and foreign affairs.”

Em março de 1985, morria o mais velho secretário-geral eleito: Konstantin Chernenko. Na sequência era eleito o mais jovem desde Stálin: Mikhail Gorbachev. O novo secretário-geral é um dos mais marcantes da história soviética e trouxe mudanças como nenhum outro. Gorbachev assume a União Soviética em dos momentos mais difíceis, quicá o mais difícil e a governa até seu fim em 1991. Como já dito antes, Gorbachev entrou para o Politburo no final da Era Brejnev e ganhou destaque durante o governo Andropov que mesmo sendo velho, percebia que a velhice da elite comunista era um problema grave para a URSS. Ainda assim, certamente o Politburo não tinha a intenção de eleger um grande reformista, pois nada indicava que Gorbachev tinha planos tão ousados até então, ou melhor, até 1987 pouco ou nada indicava.

A economia soviética estava sendo sufocada pelos gastos militares e boa parte da velha elite acreditava que era necessário aumentar ainda mais para enfrentar os EUA. Já em 1976, afirma Zubok, Brejnev havia admitido que os gastos militares eram muito maiores que os oficiais 8% do PIB e 16,5% do orçamento nacional, estaria na casa do 40% se os gastos indiretos fossem contabilizados. O que se via era um dilema em que qualquer aumento de gastos militares, reduziria a qualidade de vida da população que em um país comunista, deveria ter acesso as todas as necessidades básicas. Contudo, a parte mais tradicionalista da velha guarda era irredutível e nem quando o Marechal Ogarkov tentou iniciar um debate sobre redução de gastos foi ouvido. O Ministro da Defesa, marechal Ustinov, que tinha domínio sobre o complexo militar-industrial não aceitava reduções. Os mais velhos e mais tradicionalistas tentavam impedir o avanço da juventude que ascendia no Politburo, sendo Gorbachev o principal nome. O que se sucedeu foi a morte de nomes importantes da velha guarda, em especial Ustinov em 1984 e Chernenko em 1985, facilitando a vida dos mais novos. Rapidamente Gorbachev foi eleito, inclusive com o voto decisivo do Ministro de Relações Exteriores, Andrei Gromyko, membro da velha guarda. (ZUBOK, 2007).

A economia da URSS quando Gorbachev foi eleito estava em péssimas condições, sendo menos da metade da americana e gastando valores enormes não só com o complexo militar-industrial, mas também com setores ineficientes como o da agricultura que consumia 10% do PIB, perdia muito da produção na logística e não produzia o suficiente, o que fazia a URSS depender de grãos americanos e ser

o maior importador de grãos do mundo. A vida do cidadão médio, apesar de toda a propaganda, piorava ao menos desde os últimos anos de Brejnev e gerava desesperança na população em relação ao governo, ainda que esta não pudesse manifestar muito tal descontentamento. Nesse contexto, o Politburo elege Mikhail Gorbachev o segundo líder mais jovem, ainda que já tivesse 54 anos. Provavelmente a elite soviética percebeu que não podia se dar ao luxo de eleger outro secretário-geral moribundo e todas estas mortes e sucessões só aumentavam a crise política e dificultavam a tomada de políticas consistentes. Como afirmam Donaldson e Nogee, Gorbachev não era oriundo de um grupo rebelde, havia se formado em sistema tradicional e o Politburo não elegia líderes que fossem demasiados reformistas. Portanto, quando o Politburo o elegeu, pensou estar elegendo um comunista verdadeiro com toda a tradição marxista-leninista soviética. (DONALDSON e NOGEE, 2005).

Brown afirma que Gorbachev, mais que qualquer antecessor, foi capaz de perceber que política interna tinha enorme peso na política externa. Assim, mesmo que nunca antes tenho contradito a elite partidária (para o autor, se ele o tivesse feito, jamais seria secretário-geral), Gorbachev estava pronto para mudar a política interna e abandonar o isolacionismo soviético. Logo, percebeu que enquanto a URSS mantivesse a perseguição a dissidentes, bem como enquanto se mantivesse gastando um orçamento não condizente com a economia nacional no setor militar, o Ocidente não confiaria na URSS, sempre vendo-a como um pária que se prepara para o ataque. Além do fato de que tamanho gasto impossibilitaria o sucesso de políticas econômicas internas e geraria, por consequência, insatisfação popular. O que ocorria era que o setor militar consumia recursos demais enquanto a URSS não conseguia desenvolver outros e, sobretudo na tecnologia, ficava cada vez mais ultrapassada. Portanto, a mudança na política externa era dependente da interna e a mudança na política interna era igualmente dependente da externa. (BROWN, 1996).

É quase instantâneo pensar em Krushev quando se fala em Gorbachev, mas Zubok considera os dois líderes bastante diferentes. Gorbachev queria continuar o que Krushev havia falhado e considerava que o conservadorismo de Brejnev foi uma reação as reformas do antecessor. Gorbachev era um homem de consenso, enquanto o outro era explosivo, o que lhe trazia brigas e inimigos dentro do governo.

Antes de ser líder máximo, Krushev arriscou sua carreira e até sua vida no governo Stálin, algo que Gorbachev jamais havia feito, tanto o é, que foi eleito sem despertar muitas desconfianças e seus inimigos como os notórios Romanov (secretário do partido em Leningrado) e Grishin (secretário do partido em Moscou) logo aceitaram a sua autoridade e ainda teve apoio de lideranças militares e da KGB. A opinião pública também gostou do novo secretário-geral que foi capaz de restaurar, ainda que por tempo limitado, a esperança de bonança e dias melhores. Quando eleito, Gorbachev afirmou não ser necessário mudar a política, só em maio que falou em “perestroika” e ainda assim, como algo apenas na gestão econômica. Segundo o autor, Gorbachev queria melhorar o sistema, não substituí-lo. O objetivo final era salvar o socialismo e romper a estagnação soviética. Só em 1987 que começam as reformas radicais e a perestroika ganha o sentido que ficou eternizado. (ZUBOK, 2007).

Na prática, até 1987 o governo Gorbachev se assemelhava ao Andropov, com poucas diferenças. Procurou resolver os problemas de corrupção e burocracia inchada que cresceram enormemente na Era Brejnev. Assim, o governo central em parceria com a KGB atacou as redes de corrupção no vasto país e na burocracia central e Gorbachev autorizou a substituição de vários líderes partidários regionais. Na economia, as mudanças não visavam romper com a centralidade do planejamento estatal e os meandros do partido. Pelo contrário, a intenção era usá-los para que se realizasse a modernização econômica. Só na década seguinte, com a economia já modernizada que se realizaria as reformas radicais. Esse programa de modernização conservadora, tinha duas fases, sendo a primeira dobrar o investimento em indústria pesada (mesmo gerando déficits) e a seguinte seria constituída de combate à corrupção, e encontrar meios para livrar o país de um problema grave: a falta de disciplina e o desleixo dos empregados que o sistema socialista gerava. O plano era ousado, falava em aumentar a produção industrial em 20% em 15 anos e a longo prazo chegar no mesmo nível que os EUA. (ZUBOK, 2007).

3.3.1 A Política Externa soviética no começo do governo Gorbachev

Se no interno as mudanças demoraram, na política externa, elas vieram bem rápido. Zubok (2007) afirma que o Politburo não queria outro confronto exacerbado com o Ocidente como foi no intenso governo Andropov, pois ainda mantinham a esperança que a *détente* poderia voltar. Uma mudança interna de pensamento da elite soviética ocorreu nessa época: grupos importantes como a Equipe Geral, a KGB, o Ministério de Relações Exteriores e complexo industrial-militar passaram a não apenas culpabilizar os EUA, mas a considerarem também que o comportamento audacioso da URSS levou ao fim da *détente*. Nesse pensamento, ações do final da Era Brejnev como a invasão ao Afeganistão e a colocação dos mísseis SS-20 na Europa passaram a ser vistas como um erro. O autor lembra que foi ainda no governo Chernenko que Gromyko conversou com Schulz e a URSS aceitou interromper a colocação dos polêmicos mísseis.

Como afirma Archie Brown, Gorbachev desde o começo já rompia com a Doutrina Brejnev. Sua intenção era romper com o passado soviético de uma forma tão forte que já no funeral de Chernenko, avisou aos líderes da Europa Oriental que estavam presentes, em conversas particulares, que eles que deveriam ser responsáveis pelos próprios países e a União Soviética não iria mais interferir caso a população se rebelasse. Ainda segundo o mesmo autor, Gorbachev escreveu ao Politburo em junho de 1986 afirmando que a URSS não deveria ser portar como única representante legítima do marxismo-leninismo, tampouco deveria obrigar o bloco a seguir a ideologia. Os países deveriam fazer parte da comunidade comunista por vontade própria e não por imposição da força soviética. (BROWN, 2007). Em 1989, com a queda de Muro de Berlim, o fim da Guerra Fria e do bloco socialista, serão vistas para a surpresa do mundo e de Gorbachev as consequências de suas políticas de afrouxamento das rédeas do Leste Europeu. Como o autor citado neste parágrafo ressalta, nem o próprio Gorbachev imagina que os Estados satélites estavam tão insatisfeitos e as consequências seriam tão radicais.

Gorbachev não apenas tinha vontade de mudar a política externa desde o começo, como o próprio disse em suas memórias, mas também logo procurou obter o meios para tal. Deste modo, era necessário afastar do poder Gromyko, nome fortíssimo da política externa soviética, ministro desde 1957 (governo Krushev).

Gorbachev preferiu, então, substituir Gromyko por Eduard Shevardnadze, líder do partido na pequena Geórgia, ao invés de dar o cargo aos sucessores diretos de Gromyko: Kornienko e Dobrynin. Shevardnadze não tinha experiência no ramo, mas já era amigo de confiança de Gorbachev desde a década anterior. Gromyko, obviamente não foi apenas tirado do cargo, era um sujeito importante demais para isso e o secretário-geral deu a ele o cargo de Chefe da Presidência do Soviete Supremo. A elite governante soviética ainda não sabia, mas Gorbachev, na visão de Zubok, pretendia usar a política externa para mais que obter espaço para a política interna, esta conduziria a política interna. (ZUBOK, 2007).

No pós-guerra, o Ocidente surge mais unido que os países socialistas. O que acontece é uma competição entre URSS e EUA que os faz perder o foco em temas que seriam próprios de suas ideologias e para se focaram em uma competição total onde funcionava a lógica de quem ganha mais poder e mais enfraquece o adversário, segundo Tsygankov. Contudo, o autor afirma que nomes reformistas como Krushev e Gorbachev não viam o Ocidente como essencialmente mal, algo mais como um adversário que um inimigo. Na verdade, eles até se identificavam com essa posição mais moderada e reformista do Ocidente ao invés da face que considerava a URSS o “império do mal” e buscava uma corrida armamentista. Essa visão de benefícios mútuos em uma relação menos confrontacionista também estava presente na classe média educada do país, ainda que de modo secreto, pois não era muito fácil ter opiniões divergentes abertamente. Portanto, pode-se perceber uma visão diferente de Gorbachev em relação ao Ocidente, capitalismo e EUA da mais tradicional praticada na URSS. Sua política externa também diverge da mais tradicional. (TSYGANKOV, 2013).

Tsygankov ressalta três grupos de acordo com as visões que possuíam em relação a como deveria ser a relação com o Ocidente. Gorbachev, descrito acima, fazia parte de um grupo menos confrontacionista e mais próximo das ideologias sociais-democratas da Europa. A este, o autor chama de ‘Ocidentadores’ Soviéticos (“Soviet Westernizers” no original). O segundo grupo eram os Estatistas (“Statists” no original), formado por militares e burocratas mais nacionalistas e que já eram parte do *establishment*. Estes favoráveis à détente ao mesmo tempo que viam a militarização que o Ocidente praticava como uma ameaça aos interesses na URSS no exterior. A maioria deles acreditava que não se podia esperar muito de mudanças

e o certo seriam reformas e mudanças moderadas e busca por coexistência com o “mundo capitalista”. Assemelhavam-se aos realistas ocidentais ao preconizarem a correlação de forças e seu apoio à détente ia até onde o Ocidente aceitasse se limitar e não ameaçar o poderio econômico e militar soviético. Os últimos eram os Bolcheviques radicais que não aceitavam nada além de competição entre o bloco socialista e o capitalista. Para eles, os chamados Civilizacionistas (“Civilizationists” no original), os valores socialistas eram superiores e não era possível conciliá-los a aceitar a existência do capitalismo, mostrando posição fortemente ideológica. (TSYGANKOV, 2013). O que se observa é que mesmo com reduzida participação popular, a URSS tinha sua política externa debatida internamente. Mesmo no sistema de partido único e um sistema tão hierarquizado com um secretário-geral tão poderoso e o Politburo sendo, na prática, a elite tomadora de decisões, a escolha de política externa soviética estava sempre longe de ser unânime entre os membros.

Jackson (1998) afirma que a mudança da política externa soviética a partir da chegada de Gorbachev ao poder também se deve a mudanças na forma da administração Reagan conduzir a política externa americana. Para o autor, se os EUA não mudassem, seria impossível Gorbachev fazer a URSS mudar tanto em sua política externa para o país capitalista. Na verdade, Jackson afirma que inicialmente a ideia de Gorbachev era combater os EUA como a URSS já vinha fazendo há décadas. Conforme já falado neste trabalho a partir de autores renomados como Tsygankov, Gorbachev e seu governo eram diferentes de Chernenko, Andropov e Brejnev e seus governos; trazia algo novo desde o começo. Obviamente, o trabalho não nega que levou um certo tempo para as relações começassem a fluir de um jeito menos tenso e concorda que a partir dos encontros entre os chefes de Estado (uma leva a partir de 1985) os resultados começassem a ser mais significativos.

De todo modo, o autor afirma que mesmo com muitos na elite soviética querendo a volta da détente, quando se torna secretário-geral, Gorbachev não estava muito crente que seria possível muitos avanços nas relações entre os dois países enquanto Reagan fosse o presidente. De fato, Reagan e sua hostilidade dificultavam a vida dos soviéticos, mas isso não indica exatamente que Gorbachev não já intentava melhorar as relações, indica mais que ele poderia querer e tentar, mas não tinha muita esperança a curto prazo. As relações entre EUA e URSS serão tratadas mais adequadamente no capítulo seguinte.

3.3.2 O Novo Pensamento

Gorbachev traz mudanças na política externa soviética desde o começo, como já dito. No plano interno, as mudanças mais significativas vêm a partir de 1987, mas já era teorizado antes e tendo alguns pontos já aplicados. O Novo Pensamento (NP) é a doutrina que rompe com a tradição e permite que as mudanças sejam feitas. É também a ideia que agrega a URSS aos seus velhos inimigos em uma luta contra a destruição da raça humana, ameaçada pelo poderio nuclear. A seguir, o NP será trabalhado.

A URSS sofria as pressões do Governo Reagan desde a sua chegada à presidência. Gorbachev assume praticamente no meio deste período e, como não podia ser de outra forma, se preocupa com a situação. Para Jackson, o secretário-geral estava ciente da necessidade de mudar a política externa para reduzir a tensão com os EUA, ao mesmo tempo que cativaria mais oposição às políticas duras de Reagan no Sistema Internacional. Logo, tinha de mudar o rumo que Gromyko deu ao país em sua política externa, rompendo com a tradição conservadora. Concomitantemente, Gorbachev inseriu novos temas à política externa soviética. O conjunto da obra ficou conhecido como Novo Pensamento, inclusive com o governo adotando tal nomenclatura. A URSS agora se portaria de forma mais realista e como defensora de “valores humanos comuns” e da “civilização” em um mundo ameaçado pelas armas nucleares. O autor ressalta que vários pontos do NP já estavam presentes no 27º Congresso do Partido em fevereiro de 1986. Nele, Gorbachev já falava aos partidários da crescente interdependência no sistema internacional e da necessidade de os países cooperarem, em especial em temas que ameaçavam a humanidade como as armas nucleares. A ideia de interdependência suplantava a visão tradicional soviética de dois campos: imperialista e socialista no mundo. (JACKSON, 1998).

O autor afirma que o Novo Pensamento tinha dois propósitos: um deles seria legitimar as mudanças internas que Gorbachev havia de fazer no país ao mesmo tempo que reduzia as tensões da Guerra Fria. No NP, a crença era que a segurança só poderia ser obtida por meios políticos, não militares. Isso deslegitimava o

militarismo de Reagan e afastava a URSS de seu comportamento tradicional. O outro propósito era elevar a URSS como defensora não apenas do proletariado explorado, mas de toda a raça humana e seus direitos, ameaçada pelas armas nucleares. Assim, a URSS seria a defensora da paz e poderia ganhar ajuda internacional para pressionar o militarismo de Reagan. (JACKSON, 1998). O que pode ser visto no começo do Novo Pensamento, é um novo secretário-geral preocupado com os rumos que a URSS vinha tomando e condenando as ações dos seus anteriores. Simultaneamente a se preocupar com o exterior, Gorbachev tinha que se preocupar com o interno, em ganhar força, aliados e até a buscar no estrangeiro o apoio a suas reformas que internamente era escasso.

Já no congresso referido, é possível perceber que Gorbachev mostrava seu ímpeto por mudança no começo de seu governo (naquele momento, ainda não havia completado nem um ano de secretariado-geral). A ideia do Novo Pensamento já havia começado e a prática também e, com o tempo, haveria de se tornar ainda mais real. Também é perceptível que Gorbachev já demonstrava ser diferente antes da leva de reuniões que teria com Reagan e que começaria no final daquele ano. No mesmo Congresso, Gorbachev falou de um ponto importante do NP e que teria consequências das mais importantes para a Guerra Fria: o respeito à soberania de outros Estados e a condenação a expansão do socialismo pela força soviética.

No começo de seu governo, afirmam Donaldson e Noguee (2005), Gorbachev planejava apenas dar continuidade ao que Andropov, (como já falado, Andropov deu abertura para a Nova Guarda, entre ela Gorbachev) isto é combater a corrupção, fazer valer a lei e a ordem e mudar a mentalidade dos trabalhadores e cidadãos, levando-os a trabalhar mais e se dedicarem mais, além de combater o alcoolismo alastrado pela Rússia. Porém, logo Gorbachev percebeu que essas políticas não eram suficientes. O problema era maior que o esperado e a demandava uma reestruturação, perestroika, vocábulo russo que entrou de vez no Ocidente. Os autores definem perestroika como “(...) reforma moderada dentro do sistema econômico socialista.”¹⁰ (DONALDSON e NOGEE, 2005, p. 104, tradução nossa). Assim, buscar-se-ia investir mais na infraestrutura e na produção de bens de consumo com recursos que seriam tirados do setor militar. Também permitiria a propriedade privada no setor de serviços, enquanto se reduzia o poder do

¹⁰ Texto original: “(...) moderate reform from within the socialist economic system.”

centralismo estatal na economia, minando a força de ministérios e obrigando as empresas estatais a, ao menos, compensarem o custo da produção. Os autores lembram que similar a essa tentativa foi posta em prática no governo Krushev e fracassou severamente, além de ter sido sabotada por membros stalinistas do Partido.

A perestroika pode até ter começado de forma moderada, mas as consequências foram severas. No decorrer do processo, a perestroika e a glasnost se embolaram e uma passou a exigir mais de outra, abandonando qualquer moderação e reforçando a ideia que deu início a perestroika: se as medidas de Andropov não eram suficientes e a URSS necessitava da perestroika, agora a URSS necessitava de cada vez mais perestroika. Krushev sofreu sabotagem em suas reformas e Gorbachev sabia que ele teria se esforçar muito para o mesmo não acontecer com ele.

O Novo Pensamento Político (NPT) era, segundo Patman “(...) a contrapartida externa da reestruturação política doméstica ou perestroika (...)”¹¹. (PATMAN, 1999, p. 577, tradução nossa). O autor afirma que esse novo pensamento chegou de forma inesperada, partiu de Gorbachev e destaca duas fases do processo. A primeira fase compreende o período entre a chegada de Gorbachev em 1985 até 1987. O objetivo do NPT era acelerar o socialismo, reformá-lo; não exterminá-lo. A segunda fase, de 1987 até a o desmanche soviético, era radicalmente diferente: rejeitava o Marxismo-Leninismo como o fonte para a criação da política externa da URSS.

No começo, o NPT deveria apenas (aqui merece esclarecer que por si só, esta já não era uma mudança pequena ou fácil) dar mais vigor a política externa sem perder os princípios de Lênin, os princípios fundadores do Estado socialista soviético de vista. Para o autor, Gorbachev acreditava que o prestígio e a influência soviética foram consumidos pela super extensão de seus domínios no exterior, e pelas políticas da Era Brejnev, bem como a estagnação. Era necessário que a URSS se aproximasse do rico Ocidente e da China que caminhava a passos largos e ameaçava superar a URSS. O objetivo mais amplo era modernizar a URSS a ponto de torná-la competitiva econômica e militarmente com o mundo inteiro. Assim,

¹¹ Texto original: “(...) foreign policy counterpart of domestic restructuring or perestroika (...)”

lançava-se uma “paz ofensiva” no capitalismo a fim de tornar a opinião mundial mais favorável ao então desgastado socialismo. (PATMAN, 1999).

Em 1986, Gorbachev realiza uma grande mudança apresentada ao Politburo: substitui a fórmula de “dois campos” (ainda da Era Stálin e continuamente praticada pela URSS), isto é socialista e imperialista, pela ideia de interdependência global e integralidade do mundo. Como lembra Zubok, o próprio Gorbachev depois assumiu que a nova teoria teve enorme impacto na sua forma de fazer política externa. Para o autor, neste momento Gorbachev fazia algo que seus antecessores jamais compreenderam: fugir do ideal de busca pela *détente* enquanto se mantinham presos no bipolaridade ideológica. Deste modo, Gorbachev deixa clara a sua visão de que a ideia de confrontação com os EUA não tem mais espaço, também atesta que a guerra nuclear não tem um vencedor tampouco a corrida armamentista e a solução para a segurança está na política e no diálogo e não virá através de fortalecimento militar. (ZUBOK, 2007).

Zubok, então, conta a reação que Gorbachev viu ao mostrar sua teoria ao Politburo e o que significou seu relatório final. Boris Ponomarev, chefe do Departamento Internacional do Comitê Central, questionou o que era o Novo Pensamento e disse para, ao invés de a URSS mudar, deixar que os EUA mudem. Então, o que Gorbachev fez foi mudar o relatório mantendo as ideias do Novo Pensamento, mas usando uma linguagem apropriada ao “internacionalismo proletário”. De fato, o relatório mostrava que a URSS abandonava a ideia de que a coexistência pacífica era uma luta de classes internacional e a ideia de vitória do socialismo caso uma guerra nuclear acontecesse (ideias que a URSS pregava anteriormente). Para o Partido, Gorbachev afirmou buscar a *détente* e o desarmamento como partes do NP e foi além, ao dizer que a URSS deve aceitar como legítimos os interesses dos EUA e o país deveria se comprometer com o Ocidente. Os EUA de Reagan, por sua vez, não consideraram as palavras do secretário-geral como verdadeiras. (ZUBOK, 2007).

Tsygankov (2013) também afirma que no começo a ideia do Novo Pensamento não era substituir o sistema soviético, não a um similar ao Ocidental ao menos. O autor ressalta que Gorbachev veio do sistema soviético e acreditava profundamente nele, contudo era crítico ao resultado do sistema e queria renová-lo. O russo era insatisfeito com a forma que a URSS impossibilitava o crescimento da

criatividade (econômica, cultural) o que a prejudicava o próprio país. O autor especula que Gorbachev poderia querer um sistema similar ao dos países escandinavos. O que é certo é que Gorbachev traz mudanças desde o começo. Indubitavelmente, no decorrer de seu governo, Gorbachev abandona a ideia de socialismo. Ora, tornar a URSS como os escandinavos, a tornaria capitalista, não liberal ou neoliberal como os EUA de Reagan e o Reino Unido de Thatcher, mas definitivamente não comunista.

Para Tsygankov, Gorbachev não adota o Novo Pensamento porque a situação doméstica ou internacional o obriga. Adota porque quis, adota porque optou por essa forma de governar e de enfrentar os problemas da URSS. Segundo o autor, mesmo com a economia soviética em franco declínio e todos os problemas do contexto (pode-se falar nas pressões de Reagan, nas pressões internas ou nos gastos militares), não foram tais fatores que mais pesaram. Gorbachev há muito já queria que a União Soviética se pautasse no Ocidente liberal (no sentido usado nos EUA) e socialdemocrata. Ainda assim, Gorbachev não acreditava que na superioridade da democracia ou da economia de mercado do Ocidente, era mais um intelectual que aceitava aprender com outros países enquanto desejava uma unidade global entre socialistas e capitalistas e esperava que os valores socialistas continuassem influenciando o mundo. (TSYGANKOV, 2013). No capítulo seguinte, este assunto será melhor tratado.

Lundestad (2000) parte do conceito de “superestricamento imperial” (tradução literal) ou “*imperial overstretch*” (original) de Paul Kennedy para dar a sua explicação para tantas mudanças que ocorrem durante o governo Gorbachev nas relações com os EUA e Ocidente. O conceito, explica Lundestad, basicamente é que quando um país se estabelece como uma nova grande potência, esse Estado tende a dedicar muito de seus recursos ao seu poder militar. Se esses recursos se exacerbam, acabam por fazer o Estado definir em outras áreas e enfraquece o Estado a longo prazo. O conceito de Kennedy foi desenvolvido para os EUA, o que Lundestad faz é adaptá-lo para a situação soviética. Assim sendo, o autor argumenta seu trabalho afirmando que a URSS passava por esse “*imperial overstretch*” e Gorbachev percebe isso. Logo, os esforços para realizar mudanças nas relações da URSS com Ocidente que o secretário-geral faz, são consequências do busca de Gorbachev para reduzir tal “*imperial overstretch*”.

Lundestad e Tsygankov têm ideias não concordantes. Porém, pode-se tirar concordância dos pensamentos destes autores. Se discordam quanto à origem de fazer Gorbachev mudar, concordam que 1) Gorbachev realizou mudanças profundas, 2) os antecessores de Gorbachev viveram contextos similares e não as realizaram. Logo, independente de que levou Gorbachev a mudar, ele foi o líder que realizou mudanças e se fosse outro o secretário-geral, possivelmente tais mudanças não ocorreriam. De todo modo, este assunto cabe ser tratado mais propriamente no adiante.

Quanto aos três grupos anteriormente falados dentro do sistema político soviético, Tsygankov (2013) observa as suas reações ao NP. Os Ocidentalizadores, obviamente, eram os mais favoráveis a nova doutrina. Estes tinham uma visão de “Europa como casa comum” e desde Krushev já desejavam uma relação mais amigável com o Ocidente. Entre os Estatistas, o NP conseguia a simpatia de alguns membros, pois viam como uma forma de se retornar à *détente*. O NP era audacioso ao tentar ganhar apoio também de parte do Civilizacionistas ao apresentar uma forma diferente de vender a ideia de valores socialistas e Gorbachev buscava passar a ideia de que o NP era leninista ao ser a favor da coexistência pacífica e não um abandono do socialismo. O autor é um pouco ácido ao afirmar que a visão era utópica e com elementos de messianismo. De fato, o que pode ser visto é que Gorbachev estava muito preocupado em obter apoio interno para a empreitada a ponto de tentar auferir apoiadores em todos lados, sem ignorar a busca por apoio internacional.

Em janeiro de 1987 ocorreu um plenário do Partido que fez Gorbachev compreender que para o Novo Pensamento e suas reformas poderem acontecer, seria necessário que a *perestroika* levasse a democratização da URSS, pois a oposição no partido não os permitiriam. Donaldson e Noguee (2005) afirmam que assim, Gorbachev compreende que deve mobilizar a população de modo a fazê-la pressionar o partido para que aceite as mudanças. Nesse sentido, políticas como tolerância religiosa, revisão da história soviética e liberdade de expressão cultural seriam meios para tal. O objetivo da abertura (ou *glasnost* em russo) não era o fim do Marxismo-Leninismo tampouco do Partido Comunista, mas, sim, decretar o fim total do stalinismo. Também, não intentava acabar com o monopólio do Partido, mas forçar os burocratas velhos e impopulares e saírem do poder. Os autores ainda

afirmam que o NP como política externa soviética se formou a partir da ideia de “interdependência”, já desgastada no ocidente, mas novíssima nos países comunistas. A glasnost, por sua vez, abriu espaço para críticas duras aos atos da Era Brejnev e seu “velho pensamento”. Para os pensadores do NP, força econômica era mais impactante que força militar na relação com o mundo, o Ocidente e os EUA.

A glasnost era a outra parte do Novo Pensamento, surgida como complemento da perestroika e voltada para a situação doméstica soviética. Contudo, teve efeitos externos, seja passando uma ideia de democratização e abertura para o Ocidente, seja permitindo um questionamento interno de ações de governos soviéticos anteriores como a invasão ao Afeganistão. De todo o modo, a glasnost foi muito importante nesta fase final da URSS, modificando o país a forma que sua sociedade estava acostumada a lidar com a liberdade (ou a falta dela).

Mesmo Gorbachev se esforçando para angariar apoio de todos os lados e todas as formas, desde mudando sua forma de falar, portando-se de um jeito de diante de Reagan e de outro diante do Politburo sua vida como secretário-geral não era nem um pouco fácil. O Novo Pensamento enfrentava oposição de parcelas de todos os grupos e as mudanças estavam sempre ameaçadas. Mesmo entre quem apoiava no começo, com o decorrer da implementação das mudanças e suas consequências, foi se afastando da base que sustentava o governo.

Tsygankov (2013) mostra as críticas de grupos internos ao Novo Pensamento. A principal oposição era a Conservadora, constituído por parte dos Estatistas conservadores e Civilizacionistas. Estes viam que as reformas de Gorbachev estavam levando a URSS à desintegração social e política. Os Estatistas que integravam tal grupo questionavam se havia benefício na détente e só aceitavam dialogar sobre modernização se esta fosse militar e acreditavam que Gorbachev estava arruinando o poder militar grandioso da URSS. Já os Civilizacionistas estavam preocupados em manter os valores socialistas (que acreditavam que Gorbachev estava exterminando) e o Estado controlando a economia e a política. Os Conservadores tinham apoio em frações dos militares, burocratas do partido e da sociedade civil.

A outra oposição, continua o autor, era a Liberal. Como as reformas de Gorbachev não mostraram os sinais que ele esperava, os Conservadores tinham pouca justificativa para seu medo e sua alegação que o Ocidente planejava destruir a URSS. Por outro lado, Gorbachev conseguiu realizar várias negociações não apenas com EUA, mas com Europeus Ocidentais também, o que fez com que o povo soviético sentisse ainda mais simpatia pelo Ocidente e desejasse copiar seu sistema. Assim, o Ocidentalizadores que já apoiavam o Novo Pensamento, passaram a apoiar ainda mais vigorosamente. Contudo, parte deste grupo começou a considerar que as reformas de Gorbachev estavam lentas demais e que o secretário-geral era socialista demais. Tal grupo queria, de fato, imitar o Ocidente com seu sistema e sua liberdade e tinha apoiadores entre vários setores como sociedade civil, intelectuais, a classe média e nomes poderosos do Partido. O autor destaca quem se tornou o líder desta oposição: Boris Yeltsin, ex-secretário provincial do PCUS (na prática era uma função de prefeito de Moscou e o cargo foi dado por Gorbachev) e futuro presidente da Federação Russa pós-soviética.

Gorbachev era um homem ponderado, um líder bastante diplomático e um intelectual que desejava transformar ideias em realidade. Essas características possibilitaram que ele chegasse a um cargo tão alto e realizar mudanças tão fortes. Porém, elas ao mesmo tempo que cooptavam inimigos a virarem aliados, incomodavam aliados que eventualmente se tornavam oposição. Se por um lado Gorbachev realizou sua perestroika e glasnost muito rápido, por outro o fez lento a ponto de incomodar os mais sonhadores e que depositavam mais esperanças em um secretário-geral democrata, liberal e ocidentalizado. O caso foi que Gorbachev tentou agradar a gregos e troianos e eventualmente desagradou a todos.

3.4 Conclusão do capítulo

Neste capítulo foi possível observar o contexto soviético para que, então, possa-se partir para as relações União Soviética – Estados Unidos. Foi visto que durante a era Brejnev, EUA e URSS tiveram um momento de tensões reduzidas, conhecido como *détente*. Esta acaba no final da década, mas tomadores de decisão do Estado soviético não conseguem esquecer-la, buscando a todo momento ressuscitá-la. Porém, os EUA vivem outro momento, o governo Reagan que se

mostra totalmente oposto a esta política. A URSS viveu, também nos anos 1970, um período de estabilidade, crescimento de sua influência no exterior e um salto no seu poder militar. Tudo isso ameaça os EUA e abrem a brecha para o neoconservadorismo chegar à Casa Branca. Viveu ainda na Era Brejnev a estagnação, a queda da qualidade de vida, a incompetência econômica.

Depois de 18 anos no poder, Brejnev morre. Logo, sucedem-se dois idosos que governam brevemente e morrem também. Pouco fazem devido à falta de tempo e incapacidade de sua saúde frágil. O razoavelmente jovem Gorbachev assume. Ninguém sabe ao certo como ele seria e, possivelmente, ele também não sabia. De todo o modo, já se imagina alguém diferente, um reformista moderado, mas nada exagerado. O novo secretário-geral mostra que era muito inteligente e diplomático, lida com Reagan e com o Politburo e faz malabarismos políticos para seu Novo Pensamento deixar de ser apenas um pensamento e se tornar história. De fato, o NP entra para a história mundial, ainda que suas consequências não sejam exatamente as mais desejadas por Gorbachev e especialmente não do jeito mais desejado pelo partido. Gorbachev muda bastante a política externa soviética e deixa as relações com os EUA bem menos tensas. Se Reagan no seu primeiro mandato nunca se encontrou com um secretário-geral, no segundo se torna o presidente que mais se reuniu com uma liderança soviética. Quase impossível que Reagan batesse esse recorde se fosse outro senão Gorbachev o secretário-geral.

4 ESTADOS UNIDOS DE REAGAN E UNIÃO SOVIÉTICA

Ronald Reagan já havia sido governador da Califórnia, disputado uma eleição como independente em 1976 e há décadas viaja pelos Estados Unidos discursando em favor do liberalismo, pago pela General Electric. Era um fervoroso capitalista que em 1981 chega ao cargo de presidente. Não fazia a menor questão de esconder a visão inteiramente contra o comunismo, a União Soviética e acordos de seus antecessores Republicanos e Democratas. Contrário à détente, ao SALT I e ao SALT II, crente que a URSS havia abusado das boas relações com os EUA na década anterior para se tornar muito superior em forças militares convencionais e se expandir pelo mundo que por sinal era a parte da natureza totalitária do comunismo: buscar se dominar todo o planeta e suplantando todas as democracias e liberdades. Como poderiam ser as relações dos EUA governado por este homem com a URSS? URSS esta que vinha de uma década de aparente sucesso, estabilidade, crescimento militar, crescimento de sua influência no mundo, mas já demonstrando que sua economia não estava bem. O que a URSS mais queria com os EUA naquele momento era recuperar a détente que ela mesma enforcou ao invadir o Afeganistão. Contudo, isso não se mostrava simples. Como recuperar a détente se o novo presidente a odiava e estava decidido a não deixá-la voltar?

Este capítulo é central para o trabalho. Será dedicado às relações dos Estados Unidos com a União Soviética durante os oito anos da administração Reagan para que se possa abordar o problema principal do trabalho, a razão de as relações entre as duas superpotências serem tão menos tensas no segundo mandato do presidente americano que coincide quase exatamente com a Era Gorbachev. Como por obra do destino e da forma gerárquica que a URSS controlava a sua alta política, a primeira parte, isto é o primeiro mandato de Reagan será trabalhado de acordo com o secretário-geral contraparte. A seguir, por exemplo, falar-se-á de Reagan e Brejnev.

4.1 Reagan e Brejnev (1981-1982)

Em 20 de janeiro de 1981, Ronald Reagan assume a presidência americana e começa seus oito anos à frente da superpotência capitalista. Os soviéticos não

sabiam o que esperar. Haviam visto Reagan mostrar seu discurso anticomunista e conservador em sua campanha, sabiam que tempos difíceis estavam por vir, mas não sabiam o que isso significaria na prática. Mesmo ouvindo as palavras duras e históricas de Reagan, os russos combinavam uma ideia de um presidente bravo que dificultaria as relações entre superpotências com uma esperança de recuperação da détente, ainda que Reagan, antes de ser presidente, já mostrava sua opinião de que a détente era uma política irracional e desvantajosa para os EUA. É verdade que Reagan assume quando a URSS estava em continuidade da sua política, isto é, era o final dos 18 anos de Brejnev no comando do país. Brejnev e o republicano e conservador Richard Nixon desenvolveram a détente, aliviaram a tensão entre os países que na década anterior havia vivido a Crise dos Mísseis. Portanto, quando Reagan chega ao poder, era a URSS quem mais se perguntava o que o outro lado pretendia, o que o outro lado faria. Como se sabe hoje, ao longo dos oito anos, foi a URSS que apresentou uma sucessão de troca de líderes, ainda que não planejada, mas por infortúnio do destino. Também foi a URSS que apresentou as mudanças mais significativas, porém em 1981 não havia razão para acreditar que tanto iria mudar no gigante euroasiático em tão pouco tempo.

Wilson (2007) afirma que Reagan não possuía uma grande estratégia em seu primeiro mandato, na verdade, possuía duas estratégias menores: a “paz pela força” e a “cruzada pela liberdade” e cada uma destas tinha seus planos e objetivos. Para o autor, os planos e objetivos do presidente eram incompatíveis muitas da vezes. Se por um lado Reagan queria, por exemplo, o fim das armas nucleares; por outro, Reagan queria um aumento da força americana o que acabava por dar mais impulso para uma corrida armamentista. No final das contas, a mensagem que os soviéticos interpretavam era confusa, incerta e os faziam duvidar das palavras do presidente nas poucas vezes que ele procurara ser mais amigável.

McCormick (2010) afirma que Reagan não busca melhorar relações com a URSS assim que assume a presidência, pois considerava que o inimigo não aplicou nem política de contenção nem de reciprocidade. Na verdade, busca instigar outros países a serem problemas para a URSS. Então, Reagan já começa criticando a URSS, afirmando que o país estava à beira da falência e acusando de ser a fonte de todo o mal o mundo. Vai além e intimida os comunistas ao deixar claro o seu plano de modernização militar, impõe sanções devido à insatisfação com a URSS intervir

politicamente na Polônia e ordenar que o governo polonês perseguisse o movimento Solidariedade (de oposição). Por fim, Reagan negava a possibilidade de encontros de alta cúpula entre as autoridades dos dois países, pois não teriam nenhum efeito prático e deixou de lado as conversas sobre desarmamento que administrações anteriores buscaram. É cabível lembrar que Reagan partia da ideia que os EUA deveriam, sim, negociar; mas apenas quando o contexto fosse favorável, a partir de uma posição de superioridade, isto é negociações só depois que o *buildup* militar fosse concluído.

O autor lembra que Reagan, por outro lado, buscou alguma cooperação. Os EUA retiraram o embargo de grãos imposto por Carter e, inclusive, assinaram novo acordo comercial do produto de 5 anos de validade. Também Reagan, afirmou que os EUA permaneceriam no SALT I e SALT II se a URSS fizesse o mesmo. Aqui o que se vê é complexo, na verdade, vazio. Reagan sempre criticou o SALT II e em 1983 lançou a SDI que, em tese, violava o SALT II que os EUA ainda não havia ratificado. Sim, Reagan aceitou o SALT II, mas como uma ação até que os EUA conseguissem um plano melhor.

Um exemplo da falta de vontade de Reagan de dialogar com a URSS e de salvação contrária ao SALT II pode ser encontrada quando o perdeu a eleição de 1976 como independente para Carter. Beth Fischer (2000) escreve que na sequência da derrota Reagan confessou a seu filho que gostaria de fazer se fosse presidente e verdadeiro motivo para estar chateado com a derrotada: ele iria se reunir com Brejnev para discutir o SALT II e ouvir o secretário-geral falar por uma hora e meia as condições que os EUA deveriam abrir mão para manter a amizade com os russo. Quando Brejnev terminasse de falar, ele se levantaria e falaria “*nyet*” (“não” em russo). Não parece uma atitude amistosa, tampouco inteligente. Schaller (2007) ressalta a posição de Reagan de só negociar quando os EUA estivessem fortes (posição de superioridade) como uma das razões para o presidente evitar sentar com as lideranças soviéticas no seu primeiro mandato. Outra razão, o autor lembra, o próprio Reagan disse a jornalistas: não conversa com os líderes soviéticos porque não consegue, eles não param de morrer. Ao mesmo tempo que isto ressalta algo real, a crise de liderança na URSS dificultava a prática de políticas, era uma brincadeira que o presidente fazia já que ele próprio era velho e isso gerava especulações na população e na mídia sobre sua saúde e capacidade de governar.

Mesmo com relutância em aprovar reuniões e em dialogar sobre controle de armas, Haig e Gromyko se encontram em 1981, quando o soviético estava em Nova Iorque para evento da ONU. Aquela ocasião abriu espaço para que em novembro as conversas sobre Forças Nucleares Intermediárias (INF na sigla em inglês) tivesse o pontapé inicial. No ano seguinte, Reagan propõe e começa as conversas do START (sigla em inglês para Discussões Estratégicas de Redução de Armas ou *Strategic Arms Reduction Talks*). De todo o modo, isso tudo pouco adiantou e o ano de 1983, no breve governo Andropov, as relações entre os países tem o pior momento dos anos Reagan. (MCCORMICK, 2010). O ano de 1983 vai ser tão duro, muito por causa das atitudes de Reagan e isso mostra que o presidente não mudou sua posição e abrandou suas ações.

As relações entre os EUA de Reagan e a URSS de Brejnev tinham dificuldade para melhorar também por causa da visão de Reagan. Fischer (2000) afirma que a administração Reagan via a URSS como ameaça ao menos de duas formas: pelo seu “expansionismo” em áreas do terceiro mundo e por seu “intervencionismo” em outros países. Soma-se a isso, o seu crescente poder militar na década anterior. Por outro, Reagan e homens de confiança acreditavam que a URSS não se sentia intimidada pelos EUA. A verdade era que o presidente estava errado; a URSS se sentia intimidada pelos EUA, em especial o governo Reagan. O que se vê é um mal-entendido, uma compressão errônea no governo americano que tornava ainda mais difícil algo já não era simples.

É importante entender como os soviéticos reagiram à chegada de Reagan. Wilson (2008) divide em três partes as expectativas soviéticas para o primeiro mandato de Reagan. A sequência da eleição de Reagan foi de “otimismo cauteloso” em 1980, seguido de “frustração” entre 1981-1982 (governo Brejnev) e “medo intenso” no período de 1983-1984 (Andropov e Chernenko). A frustração se dava porque Reagan aparentava ser incoerente, ora dizendo querendo paz e diálogo, ora dificultando-os e não reconhecendo que, sim, a URSS, se conteve como o presidente queria quando não invadiu a Polônia como a Doutrina Brejnev preconizava e como foi feito na Hungria e Checoslováquia.

Em 1981 Reagan escreve a Brejnev pedindo paz, pedindo que o secretário-geral veja as aspirações de milhões de pessoas e ressaltando que pôs fim ao embargo de grãos de Carter porque queria aproximar os países. Brejnev respondeu

pedindo que as negociações fossem retomadas, aceitando a legitimidade dos interesses da América e reiterando que a URSS queria paz, cooperação e confiança mútua, não guerra com os EUA. Como Wilson (2008) ressalta, mesmo Reagan escrevendo palavras bonitas ao secretário-geral, bastava que Brejnev lesse um jornal americano que veria como o presidente ofendia e acusava a URSS. Por esta razão que Andropov considerava Reagan hipócrita e não merecedor de uma carta resposta. De todo modo, Brejnev respondeu clamando para que Reagan percebesse o que estava fazendo: fortalecendo seu poder militar abruptamente, suas alianças na Europa e colocando mais mísseis longíssimos dos EUA e próximos a URSS apontados para o país, mesmo a URSS não tendo mísseis assim nas Américas. (WILSON, 2008). Em suma, a administração Reagan passava uma mensagem ambígua ou mesmo hipócrita ao olhos dos soviéticos que não sabiam bem como reagir.

Enquanto Reagan ascendia ao poder, a URSS vivia os últimos anos de Brejnev. O país enfrentava um sério problema no Leste Europeu: o movimento Solidariedade crescia e ameaçava derrubar o governo cliente bem como o socialismo no país o que poderia gerar um efeito dominó. A antipatia à União Soviética crescia a medida que a economia polonesa decrescia. Brejnev estava velho e doente, e vivia recluso em sua dacha o que permitiu que Andropov, Ustinov e Gromyko tomassem para si, na prática, a liderança em assuntos de segurança. Brejnev era contra uma invasão à Polônia, apesar de ter ameaçado o governo cliente de Kania se este não fosse capaz de manter as rédeas. Andropov agora era muito poderoso no Politburo e mesmo tendo sido favorável às invasões ao Afeganistão, Hungria e Tchecoslováquia, acreditava que a URSS deveria parar de invadir países, em especial na Europa. Contudo, a escolha de Brejnev por não invadir a Polônia era mantida em segredo dentro do Politburo. Mesmo assim, a URSS fez uma série de exercícios no intuito de intimidar Kania (mesmo não havendo possibilidade de invasão). (ZUBOK, 2007).

Em novembro de 1981, Jaruzelski, fiel à URSS e preocupado com a segurança local tomou o poder de Kania. A situação polonesa vai pior orando, enquanto Andropov continua a dizer a Jaruzelski que a URSS não tem condições financeiras de custear uma invasão caso o Solidariedade tome o poder (o que na prática sepultava a Doutrina Brejnev na sua forma mais radical) e pressiona para

que o Partido Polonês resolva o problema. Então, Jaruzelski declara lei marcial em dezembro de 1981. Reagan fica muito bravo com a Lei Marcial e decide retaliar a URSS e se vingar causando ainda mais danos na economia soviética que já estava em situação ruim. Reagan, então, pressiona a Europa Ocidental para cortar a cooperação que possuíam com um projeto soviético de construir um grande oleoduto da Sibéria até a França. Reagan não obtém sucesso por não conseguir obrigar a França e a Alemanha saírem do projeto, mas tem sucesso em atrasá-lo e prejudicar e dificultar a vida dos russos. Também conseguia que a Arábia Saudita reduza o preço do petróleo, atacando seriamente a entrada de divisas na URSS que tinha no petróleo e no gás um pilar econômico. (ZUBOK, 2007). Também pesou o fato de Reagan ter escrito a Brejnev que os EUA levariam muito a sério uma invasão à Polônia, ameaçando atacar a URSS. (WILSON, 2008). Certamente isso impactou Brejnev.

No meio deste imbróglio, Brejnev se via pressionado, insatisfeito, mas mantinha a esperança que Reagan aceitasse a volta da *détente*, então não buscou retaliar os EUA. O secretário-geral parecia não entender que tal política havia ficado para o passado. Na verdade, Brejnev buscou ganhar a simpatia de Reagan, renunciando ao primeiro ataque, deixando explícito que não queria guerra nuclear. Andropov, como dito no capítulo anterior, mantinha-se descrente de boas intenções em Reagan e até aconselhou Brejnev a não responder a carta que Reagan havia lhe enviado. Ustinov também buscou mostrar que a URSS desejava a *détente* ao afirmar que o país não se via como um vencedor em caso de guerra nuclear. Zubok afirma que tais atitudes demarcavam o fim da doutrina ofensiva que a URSS mantinha desde a década de 1960. (ZUBOK, 2007).

Wilson (2008) entende que a razão de a URSS ter se contido diante dos EUA, isto é não ter brigado pelo seu direito ao controle da “Cortina de Ferro” no caso Polonês foi devido à Guerra do Afeganistão que consumia enormes recursos e que os EUA se aproveitavam, inclusive subindo o montante de ajuda aos *mujahadeens* de US\$ 30 milhões em 1981 para US\$ 200 milhões em 1984; a ameaça de Reagan responder a uma invasão a Polônia com uma guerra entre superpotências e, por fim, o fato de Jaruzelski ter assumido a responsabilidade do problema polonês. Neste caso, o mais importante a se entender neste capítulo é que a URSS cedeu a pressões e ações dos EUA. Ainda que não seja diretamente relação EUA-URSS, as

atitudes tomadas pelo governo Brejnev foram, em grande parte, pensadas em como os EUA reagiriam a elas e como impactaram na relação do país com os EUA.

4.1.1 Zero Option e START

Reagan enfrentava protestos contra seu projeto de crescimento do poder militar dos EUA e de colocação de mísseis da OTAN na Europa. Enquanto tentava se livrar do SALT, Reagan propões a URSS em novembro de 1981 a chamada “opção zero”. Tal proposta previa a eliminação de todas as forças nucleares de alcance intermediários da Europa. A proposta era absurda e os EUA sabiam que a URSS não iriam aceitar, pois naquele momento apenas o país socialista possuía este tipo de armamento no continente e os polêmicos Pershing II da OTAN, só seriam instalados em 1983. Obviamente, Brejnev não aceitou e a URSS publicitou sua visão de que a oferta americana não passava de uma propaganda. (FISCHER, 2000). De fato, a proposta de Reagan era absurda e chagava a ser ofensiva; a intenção não era fechar um acordo, era, na verdade, ganhar popularidade e superar os obstáculos da opinião pública.

Em maio 1982, discursando na Universidade de Eureka em Illinois onde Reagan havia estudado, o presidente revela a oferta do START (*Strategic Arms Reduction Talks* ou Discussões Estratégicas de Redução de Armas) cuja proposta foi feita em novembro do ano anterior, mas que Reagan só aceitou que as negociações com a URSS começassem em junho de 1982. Na prática era outra proposta indecente: os dois países deveriam reduzir suas ogivas de lançamento terrestre e marinho a ponto de terem o mesmo número e as ogivas de lançamento terrestre poderiam existir a no máximo 2500 unidades para cada país. Porém, naquele momento a URSS possuía 5500 ogivas de lançamento terrestre e os EUA 2152. (FISCHER, 2000). Ora, a URSS teria de reduzir para menos da metade seu poderio em ogivas terrestres enquanto os EUA ainda poderiam expandir sua força neste aspecto. Na prática, era outra jogada de propaganda do governo americano que oferecia algo irracional para a lógica de pensamento Bolchevique de Brejnev e Politburo. Como a autora citada neste parágrafo afirma, as ações de Reagan dificultavam uma negociação séria e mostram que o governo Reagan não estava

interessado em fazer uma oferta minimamente razoável a Moscou. A seguir, as palavras do presidente conclamando o START:

Para o futuro imediato, estou pedindo o INÍCIO - e o START realmente significa que abandonamos o SALT - START significa "Discussões para Redução de Armas Estratégicas" e essa equipe de negociação deve propor aos seus homólogos soviéticos um plano prático de redução em fases. O foco de nossos esforços será reduzir significativamente os sistemas mais desestabilizadores, os mísseis balísticos, o número de ogivas que eles carregam e seu potencial destrutivo em geral. (REAGAN, 1982b, s.p., tradução nossa).¹²

A ideia da "opção zero" surge de Richard Perle, Subsecretário de Defesa para Assuntos Estratégicos Globais. Basicamente ela preconizava que EUA e URSS não deveriam ter forças nucleares de alcance intermediário na Europa e na Ásia. Para tanto, URSS deveria remover seus lançadores de SS-20, SS-12 e SS-22. Os EUA não possuíam este tipo de armamento e bastava que não prosseguissem com o plano de colocar os Pershing II e Tomahawks na Alemanha e Inglaterra em 1983 como programado pela OTAN até porque Perle não acreditava que os Europeus fossem aceitar os mísseis quando o ano chegasse. O plano de Perle ainda se preocupava em não permitir mísseis de alcance menor, pois acreditava que se a URSS os instalasse no Pacto de Varsóvia, já seriam suficientes para acertar quase a totalidade da Europa membro da OTAN. No fundo, Perle talvez quisesse realmente o controle de armamentos, mas já pensava que o plano era vitória ou vitória para os EUA: se URSS aceita, o país perde boa parte de seu poder na Europa; se URSS recusa, EUA tem possibilidade de se esquivar das acusações que a administração Reagan não buscava seriamente o controle de armas. De todo modo, a intenção de Reagan não era um acordo. (JOHNSTON, 2013).

O Departamento de Defesa considerava que a opção zero, defendida pelo Departamento de Estado, era muito radical e ficava óbvio demais que a intenção era não se chegar a um acordo de redução de armamentos, pois exigia que a URSS se desfizesse de uma quantidade absurda de armamentos já prontos e que custaram muito cara para o país. Para resolver o problema, criou a "opção zero mais" que era

¹² Texto original: "For the immediate future, I'm asking my START -- and START really means -- we've given up on SALT -- START means "Strategic Arms Reduction Talks," and that negotiating team to propose to their Soviet counterparts a practical, phased reduction plan. The focus of our efforts will be to reduce significantly the most destabilizing systems, the ballistic missiles, the number of warheads they carry, and their overall destructive potential."

um zero não absoluto, permitia a manutenção de algumas armas. Já o Departamento de Estado, considerava que a “opção zero mais” indicava que os EUA não estavam levando a sério o ideal de desarmamento. Johnston lembra que Eugene Rostow (Diretor da Agência de Controle de Armas e Desarmamento) mesmo afirmou que os dois planos não eram tão diferentes, eles tinham algo em comum: a intenção era que não funcionassem. (JOHNSTON, 2013).

Contrariando o conselho da CIA, Reagan aprova que a posição dos EUA para as negociações de Genebra de 1982 incluiria os mísseis de curto alcance da seguinte maneira: URSS remove seus mísseis de médio e curto alcance em troca de EUA ano prosseguirem com os Pershing II e Tomhawks. Ainda em 1981, Reagan publicitou este plano. No mesmo ano, escreveu a Brejnev e propôs o START, enfatizando que o objetivo era redução de armas nucleares e não fim delas. Em Genebra os EUA deram a sua oferta: opção zero (que não englobava mísseis britânicos e franceses nem aviões) ou eles iriam pôr os Pershing II em 1983. A URSS ofereceu reduzir sua força na Europa a 150 lançadores com 450 ogivas, mas deveriam incluir todos os mísseis da OTAN (França, Reino Unido e os que os EUA iriam colocar), também os EUA não poderiam usar aviões com armas nucleares na Europa e a URSS não se reduziria nada na Ásia. Apesar da proposta prever que EUA e URSS teriam igualdade de forças, como ressalta Johhston, os EUA não gostaram porque eles ficariam sem lançadores em solo, enquanto a URSS manteria alguns. (JOHNSTON, 2013).

O que se pode perceber é que a intenção de Reagan e da maioria de seus assessores e secretários não era fechar um acordo de desarmamento com a URSS, ao menos não um que pusesse fim às armas nucleares. Se fosse assinado um acordo de redução de armas, este teria que ser muito vantajoso aos EUA, vantajoso a um ponto bastante improvável que a URSS aceitasse. Também se pode ver que a URSS de Brejnev, mesmo estando disposta a sentar para negociar, não estava disposta a fazer concessões nem mudanças gigantes. Sim, fez concessões aos EUA, como no caso da Polônia, mas concessões menores e parciais. Reagan, por sua vez, agia de uma forma muito complicada e, por vezes, contraditória, deixando tudo mais difícil. No final das contas, Reagan e Brejnev não assinam nenhum acordo.

4.2 Reagan e Andropov (1982-1984)

Na sequência da morte de Brejnev, Lúri Andropov é eleito secretário-geral e fica no cargo de 12 de novembro de 1982 até a sua morte em fevereiro de 1984. Seu governo é curto e ainda que o secretário-geral não faça muitas coisas em política externa, por coincidência o ano de 1983 é bastante turbulento o que torna seu breve governo importante para este trabalho. O ex-chefe da KGB assume uma URSS que já estava lidando com a dureza de Reagan e, como já falado no capítulo anterior, Andropov não gostava do presidente americano, tinha uma visão mais contrária que a de Brejnev sobre os EUA e também não gostava dos rumos que a URSS e o comunismo haviam tomando na Era de seu antecessor. Portanto, não é muito difícil de se imaginar que as relações entre URSS e EUA iriam piorar ainda mais no seu governo. Por culpa ou não de Andropov, foi o que aconteceu.

Se Andropov já não gostava de Reagan, passou a gostar menos ainda com as atitudes do presidente que iam de chamar publicamente a URSS de “Império do Mal”, lançar a SDI e explorar um incidente aéreo para difundir a ideia de a URSS como um país tão maligno que era capaz de derrubar aviões civis e matar inocentes por muito pouco. Enquanto tinha de lidar com a histeria americana, Andropov um velho comunista muito conservador e de tendências stalinistas, vivia seus últimos meses doente e no hospital. Como destaca Zubok (2007) a desconfiança que Andropov tinha de Reagan era uma mistura de medo e animosidade e o secretário teria dito a Dobrynin que Reagan era imprevisível e dele se podia esperar qualquer coisa. De fato, Reagan escreve em julho uma carta a Andropov, como se pretendesse alguma aproximação, ofertando propostas abrangentes e genéricas como “paz” e “eliminação da ameaça nuclear”. Andropov, por sua vez, se limitou a responder educadamente, mas dispensando a oferta.

Quando em março de 1983 Reagan anunciou a *Strategic Defense Initiative* – SDI- Moscou, em especial Andropov, segundo Zubok (2007), entenderam que o projeto que os EUA anunciavam como com o objetivo de tornar as armas nucleares inúteis na verdade objetivava tornar os EUA capazes de lançar um primeiro ataque sem permitir que a URSS reagisse. A União Soviética começa, então, a cogitar o que pode fazer. No primeiro momento mantém o RYaN, e como ainda naquele ano teria mais momentos tensos, Andropov ordena que as forças soviéticas fiquem

atentas e preparadas para o caso de um ataque da OTAN, pois o secretário-geral realmente acreditava que Reagan poderia ser capaz de iniciar uma guerra entre superpotências. Zubok lembra que para alguns membros da administração americana como Robert Gates, a SDI teve um impacto tão grande na política externa soviética que fez Moscou se convencer que necessitava de mudanças na liderança do país e foi responsável por empurrar a URSS para tantas mudanças da Era Gorbachev, pois não vislumbrava como competir com a SDI devido ao seu tamanho e custo que a economia soviética não aparentava suportar. Contudo, o autor considera afirmações deste tipo exageradas, ainda que tenha gerado sérias preocupações e tenha, sim, afetado a União Soviética:

Na realidade, a reação soviética era muito mais ambígua. Não havia sentimento de destruição iminente nos círculos políticos e militares. Um painel de cientistas e especialistas em negociações de controle de armas, liderado pelo físico Evgeny Velikhov, concluiu que a iniciativa SDI de Reagan provavelmente não exigia contramedidas imediatas. Mas essa conclusão não encerrou o debate. Os militares soviéticos perceberam que, a longo prazo, a SDI poderia impulsionar o desenvolvimento de novas tecnologias militares. Ustinov ficou energeticamente interessado no problema da SDI. Juntamente com o presidente da Academia de Ciências, Anatoly Alexandrov, ele começou a planejar um plano de longo prazo em resposta à iniciativa de Reagan. Algumas pessoas dentro do complexo militar-industrial, incluindo o acadêmico Gersh Budker e o desenvolvedor de mísseis Vladimir Chelomei, apresentaram propostas para versões soviéticas da SDI. (ZUBOK, 2007, p. 272, tradução nossa).¹³

Zubok escreve que a reação imediata da URSS à SDI foi oposta daquela que Reagan havia afirmado que pretendia obter ao Congresso. O presidente afirmava que a SDI forçaria a URSS a, em no máximo dois, anos aceitar negociar o desarmamento de acordo com os parâmetros americanos. Na verdade, Andropov iniciou uma campanha contra corrupção, restauração da disciplina e do nacionalismo e avisou àqueles que servem a interesses estrangeiros e difamam a URSS das consequências. O secretário teve apoio grande de militares, diplomatas e políticos, inclusive Gorbachev, para suas medidas conservadoras. (ZUBOK, 2007). Para

¹³ Texto original: "In reality, Soviet reaction was far more ambiguous. There was no feeling of impending doom in political and military circles. A panel of scientists and experts on arms control negotiations, headed by physicist Evgeny Velikhov, concluded that Reagan's SDI initiative probably did not require immediate countermeasures. But this conclusion did not end the debate. The Soviet military realized that, in the longer run, SDI could boost the development of new military technologies. Ustinov took an energetic interest in the SDI problem. Together with the president of the Academy of Science, Anatoly Alexandrov, he started planning a long-term effort in response to Reagan's initiative. Some people inside the military-industrial complex, including academician Gersh Budker and missile designer Vladimir Chelomei, came up with proposals for Soviet versions of SDI."

Wilson (2008), Reagan põe fim ao espírito do Tratado Antimísseis balísticos de 1972 ou mesmo ao próprio tratado quando anuncia a SDI mesmo o presidente afirmando que o projeto não violava o tratado nem tinha intenção de ataque. O projeto seria, segundo seus defensores, apenas de defesa, pois não faria sentido os EUA dependerem de a URSS não atacar por medo de retaliação para que a população americana não sofresse com uma tragédia nuclear.

Um dos momentos mais tensos do ano ocorreu pelo acaso. Um avião civil coreano entra por engano em espaço aéreo soviético na região da Sakalina em 1º de setembro de 1983 e é abatido, pois foi confundido com avião militar espião o que, de fato, havia acontecido recentemente na região. O incidente foi, então, usado pelos EUA para difamar a URSS. Andropov ficou muito preocupado e ordenou que o embaixador Dobrynyn que estava de férias a voltar imediatamente para Washington e tentar apaziguar a situação, pois temia que pudesse gerar consequências gravíssimas. Gromyko também se preocupava com Reagan e temia que o incidente deixasse Reagan ainda mais furioso e propenso à guerra. (SURI, 2002). A soma das irritações até aquela parte do ano (o momento mais tenso ainda estava por vir) levou Andropov a afirmar publicamente em 28 de setembro que a URSS havia desistido de tentar melhorar as relações com EUA enquanto Reagan fosse presidente, mesmo tendo havido um encontro sem utilidade entre Gromyko e Shultz naquele mês. (FISCHER, 2000).

Em meio às negociações de desarmamento do START, os EUA começam a colocação dos mísseis Pershing II, conforme agendado pela OTAN, na Europa Ocidental em dezembro de 1983. Mesmo com grande campanha popular contra a colocação nos EUA e na Europa, o governo americano considerava necessária tal colocação e estava disposto a enfrentar o ônus de perda de popularidade. Andropov ficou muito bravo e decidiu imediatamente por romper com as negociações do START e do Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermediário. Donaldson e Noguee consideram que a atitude teve um lado muito prejudicial à URSS: pôs fim a oportunidade que o país tinha de tentar contornar a corrida armamentista. (DONALDSON e NOGEE, 2005). Em setembro, em meio ao incidente do batimento do avião coreano e na tensão da colocação dos mísseis da OTAN, Andropov já havia dito que já não havia qualquer ilusão de que Reagan realmente querem aproximação e a imprensa soviética comparava Reagan a Hitler como um louco

querendo dominar o mundo. (SCHALLER, 2007). Andropov estava muito extremamente irritado com o comportamento de Reagan e a difamação da URSS e declarou que o presidente usava artimanhas de propaganda inadmissíveis na relação entre Estados. (ZUBOK, 2007).

Andropov já havia tentado impedir instalação dos mísseis. Havia escrito uma carta ofertando aos EUA pôr fim aos mísseis soviéticos de médio alcance na Europa, entre eles parte dos SS-20, e a OTAN manteria os mísseis que França e Reino Unido já possuíam. Reagan não aceitou. Wilson considera que a proposta soviética não era muito boa para os EUA e dificilmente seria aceita, mas ao menos ela representa um fato: Andropov estava, sim, disposto a encontrar uma coexistência entre as superpotências na Europa com paridade. (WILSON, 2008).

Zubok afirma que Andropov estava certo em esperar que a situação piorasse naquela ano. Os sistemas soviéticos detectaram por engano uma ataque massivo de ICBMs disparado pelos EUA, um erro técnico que naquele contexto de tensão exacerbada poderia ter levado à URSS a disparar um ataque nuclear real contra os EUA e começar uma guerra. Moscou informou que aos membros do Pacto de Varsóvia que a instalação dos Pershing II da OTAN era uma ameaça, portanto, isso iria mandar submarinos para próximo à costa americana para proteger a aliança. Também informou aos aliados a sua visão da invasão americana à Granada como um exemplo do imperialismo americano capaz de arriscar uma guerra por motivos fúteis e que os avanços dos EUA (como a SDI e os mísseis na Alemanha Ocidental e Reino Unido) poderiam levar a elite americana a atacar os países socialistas com o objetivo de vencer uma guerra nuclear limitada. Por fim, Andropov avisou ao líderes do Pacto de Varsóvia que Reagan declarou uma cruzado contra o socialismo. Em dezembro de 1983, Andropov foi visitado no hospital (onde o secretário já ficava há tempo) por um representante da URSS nas discussões para redução de armas, nesta ocasião, o secretário-geral confidenciou sua opinião de que EUA e URSS estavam na maior rota de colisão desde a Crise do Mísseis e ainda reclamou que o governo americano queria apenas que a URSS sangrasse no Afeganistão e fazia de tudo para isso, dificultando uma retirada. (ZUBOK, 2007).

A tensão naquele ano era tanta que o chefe da KGB em Londres, Oleg Gordievsky, já havia sido informado para ficar alerta para qualquer ameaça nuclear à URSS. Em novembro, a OTAN executou um exercício de jogos de guerra chamado

“Able Archer 83”, a URSS estava tão tensa que alguns oficiais pensaram que aquilo poderia ser mais que um exercício e o país colocou seus receptores em alerta máximo na Alemanha Oriental e mobilizou unidades aéreas nas Repúblicas Bálticas, Polônia, Alemanha Oriental e Tchecoslováquia. Reagan foi avisado pela CIA que a URSS temia que os EUA atacassem de surpresa, mas o presidente não acreditava. (SURI, 2002). Wilson (2008) lembra que a KGB informou que EUA tinham tudo preparado para um primeiro ataque e poderiam realizá-lo. Para o autor, a razão de a reação soviética ter sido tão preocupada ao exercício da OTAN se deve ao fato de os líderes vermelhos não saberem quais as intenções de Reagan desde à instalação dos mísseis da OTAN que pôs em cheque a esperança soviética de ressurreição da détente, passando pela SDI e o fato de Reagan desprezar a MAD até as constantes falas do presidente em um mundo sem o comunismo. Isto é, a forma agressiva que Reagan agia e se referia à URSS fazia os líderes do país acreditarem que a qualquer momento os EUA poderiam, sim, realizar um ataque nuclear.

Em janeiro de 1984 Reagan fez um discurso mais conciliatório, buscando acalmar a URSS tensa. Havia uma falta de consenso interno na administração americana: Shultz, McFarlane e Matlock não queriam que os EUA desafiassem a legitimidade soviética nem pressionassem para que o sistema ruísse, mas Casey da CIA e Weinberger do Pentágono queria que se aproveitassem da guerra do Afeganistão para desestabilizar a URSS o bloco. Contudo, a URSS não acredita no discurso de Reagan tampouco muda sua opinião de que os EUA estão aproveitando da Guerra do Afeganistão para exaurir o país. (ZUBOK, 2007).

Em fevereiro de 1984 Lúri Andropov morre. Seu governo foi curto, mas o ano de 1983 foi muito agitado quando se tratada das relações entre EUA e URSS. É verdade que praticamente todos os acontecimentos de grande importância não foram da intenção da URSS e cabível dizer que neste ano o país foi muito mais reativo aos acontecimentos. Os Estados Unidos de Reagan estavam se armando, falando e agindo duro, lançando a SDI e indo em frente que os Pershing II da OTAN, mesmo com as críticas da sociedade civil ocidental. Durante o governo Andropov, Reagan buscou executar seu plano de fortalecer os EUA para obrigar a URSS a negociar de acordo com os termo americanos. Enquanto isso, Andropov tinha que lidar com o problemas internos, modificar o legado deixado por Brejnev e lidar com um presidente americano agressivo ao mesmo tempo em que estava severamente

doente e a cada momento surgiam surpresas que alimentavam a sua desconfiança e medo dos EUA e de Reagan. Andropov era um conservador e não estava disposto a entregar muito aos EUA numa bandeja de prata, mas estava disposto, sim, a negociar um pouco se a situação permitisse. Reagan, por sua vez, não parecia querer negociar muito e suas atitudes deixavam o já paranoico ex-chefe da KGB ainda mais preocupado.

4.3 Reagan e Chernenko (1984-1985)

Na sequência da morte de Andropov, Konstantin Chernenko é eleito secretário-geral em fevereiro de 1984 e fica no poder até sua morte em março de 1985. Como já falado no capítulo anterior, seu governo foi curto e não fez muito em política externa, sendo basicamente o ano de 1984 um meio tempo que liga uma era mais tradicional da história soviética a fase final da Era Gorbachev. Como escrito anteriormente, o evento mais importante no assunto relação EUA-URSS do governo Chernenko foi, segundo Donaldson e Noguee (2005), a aceitação da retomada das negociações de desarmamento sem ter o cancelamento da colocação de mísseis da OTAN na Europa como condição. Porém, o secretário não negociou o assunto de fato, pois morreu antes.

Em 1984, Reagan começa a remover as sanções contra a União Soviética, em parte porque aliados dos EUA como Japão e Reino Unido necessitavam da importação de recursos energéticos oriundos da União Soviética. Schaller afirma que isso demonstra que Reagan não estava tão empenhado em realizar uma guerra econômica tampouco tal guerra foi responsável pela dissolução da URSS. Contudo, o próprio autor mostra que membros da administração como Matlock e Shultz afirmam havia, sim, tal guerra econômica, porém seu objetivo era forçar a URSS a negociar de acordo com os parâmetros dos EUA e forçar o fim da Guerra Fria, mas não se objetivava nem acreditava que isso geraria fim da própria União. De todo o modo, Reagan ainda viria a pressionar mais ainda a economia soviética fragilizada como quando em 1985 conseguiu que a Arábia Saudita quadruplicasse a produção de petróleo causando desvalorização de 50% do preço no mercado mundial e afetando a economia soviética que tinha no petróleo uma grande fonte de divisas e pilar econômico. (SCHALLER, 2007).

1984 era um ano de eleição e Reagan estava em campanha. Na ocasião o presidente e candidato mudou o tom de fala para seu eleitorado em relação à URSS ao afirmar que desejava um mundo em paz e que, apesar de não deixar a URSS fazer os EUA mudarem seu regime, não pretendia fazer a URSS mudar o dela. Assim, o presidente assumia um discurso de aceitação do comunismo, mas a verdade era que as palavras mudaram muito mais que as ações. De todo o modo, a URSS do doente Chernenko não parece ter acreditado na fala de Reagan. (SCHALLER, 2007).

Na sequência da reeleição, Reagan publicita que no segundo mandato iria continuar fazendo o mesmo que no primeiro. McCormick (2010) afirma que o governo mudou, ainda que continue duro, devido a três razões: uma mudança na orientação política quanto à liderança dos EUA; a emergência da nova liderança e do Novo Pensamento na URSS e as realidades domésticas em relação à corrida armamentista. Quanto à mudança de orientação política, o autor destaca que desde um pronunciamento de Shultz em outubro de 1984, os EUA declaram que a política externa para a URSS teria que mudar, ser mais flexível na ligação que ela possuía entre o comportamento da URSS no mundo e a forma que os EUA tratariam o país. O próprio Reagan declarou na sua inauguração de mandato em 1985 que os EUA buscariam reduzir os custos de sua segurança e buscariam negociar com a URSS para não apenas não aumentar as armas nucleares, mas reduzir as já existentes.

Quanto à mudança na liderança soviética e o já falado Novo Pensamento, McCormick (2010) afirma que tais fatos levaram os EUA a mudarem de opinião já que a URSS adotava ideais como a perestroika, a glasnost e a “suficiência razoável” que diminuía a intensidade da corrida armamentista e permitiam uma acomodação do país com os EUA. Por fim, o que o autor considera que talvez tenha sido a razão mais importante foram os custos de sustentar a corrida armamentista. No lado soviético, já parecia não ser possível gastar mais com o setor militar e de defesa e já se tirava do povo bens básicos para tais áreas. Nos EUA, o déficit só se alongava e parte da opinião pública não gostava do tamanho dos gastos militares da administração.

Chernenko escreveu uma carta a Reagan clamando que o presidente olhasse para “valores que EUA e URSS compartilhavam” e que o presidente percebesse que

a SDI ia em oposto a ideia que ele pregava de redução das armas nucleares e sua consequência seria levar a uma corrida armamentista de proporções inimagináveis. Era visível que Chernenko se preocupava muito com a SDI. Para Wilson, a insistência de Reagan quanto à SDI limitou as possibilidades de Chernenko de negociar assim como havia feito com Andropov e a SDI foi o maior obstáculo do governo Chernenko que não se conseguiu superar. O autor afirma que tanto Brejnev quanto Andropov e Chernenko eram firmes em suas ideias, mas eram dispostos a negociar, porém não encontravam reciprocidade desta disposição. (WILSON, 2008).

As relações entre EUA e URSS foram menos tensas no breve governo Chernenko se comparada com o breve governo Andropov. Muito devido ao fato de o ano de 1984 não ter tido tantos acontecimentos quanto o de 1983 seja por acaso como o incidente do avião coreano abatido, seja por planos como a SDI e os mísseis da OTAN. Outra grande razão foi o fato de Chernenko ceder um pouco e aceitar retomar as negociações que Andropov havia fechado, além do fato deste secretário-geral ser menos desconfiado dos EUA que seu antecessor e ser mais parecido com seu amigo Brejnev. Nos EUA, era ano de eleição e Reagan optou por mudar o tom o que, de fato, ocorreu na prática para além das palavras no segundo mandato, mas não tão rápido, pois como mencionado anteriormente, o Novo Pensamento (que começa em 1987) foi uma das razões. Chernenko não fez muito devido ao pouco tempo e falta de saúde e nada indica que pretendia ceder tanto quanto Gorbachev se tivesse tido mais tempo, mesmo não sendo tão desconfiado quanto Andropov.

4.4 Uma nova fase: O segundo mandato da administração Reagan e a União Soviética na Era Gorbachev

Em março de 1985 morre Chernenko e o Politburo elege Mikhail Gorbachev para o cargo de secretário-geral, dando início à Era Gorbachev, a última era de governos soviéticos. Em janeiro do mesmo ano, Ronald Reagan assume o segundo mandato de presidente, ou seja, a segunda inauguração de Reagan e a chegada de Gorbachev ocorrem em uma distância temporal de aproximadamente dois meses apenas. Portanto, é cabível tratá-las como fatos concomitantes (sem que se ignore o fato de que Gorbachev fica no poder até 1991 e que George Bush 41, ex-vice de Reagan, era o presidente desde 1989). Nestes quatro anos a forma como se dava a

relação entre as superpotências foram muito diferentes que nos quatro anos anteriores. Analisar-se-á um pouco melhor isso.

Brown (1996) afirma que durante a primeira fase do governo Gorbachev (até 1988), a prioridade da política externa soviética era melhorar as relações com os EUA e não com a Europa Ocidental. Deste modo, mesmo com muitos em Moscou opinando que não se devia tentar muito ou ter muitas esperanças se do outro lado estava Reagan conservador, Gorbachev considerava necessário que se mantivesse diálogo com aquele governo para que as relações EUA-URRS realmente se desenvolvessem. Ainda segundo este autor, Reagan¹⁴ e Gorbachev tinham um desejo em comum: o fim das armas nucleares e isso os empurrava para o mesmo caminho. Contudo, Reagan enfrentava resistência até entre aliados como Margareth Thatcher que não queria o fim de tais armamentos, pois acreditava-se que o Reino Unido estava acima de outras potências médias por ser um dos poucos países a possuí-los.

Já em março de 1985, Reagan escreve a Gorbachev afirmando que espera melhores relações bilaterais e convida o secretário para uma reunião em Washington. (SAVRANSKAYA e BLANTON, 2005). Na carta, Reagan busca se mostrar mais disposto ao diálogo naquele momento, como o trecho a seguir exemplifica:

Eu acredito que nossas diferenças podem e devem ser resolvidas através de discussão e negociação. A situação internacional exige que redobremos nossos esforços para encontrar soluções políticas aos problemas que enfrentamos. Eu valorizei minha correspondência com o presidente Chernenko e acreditei que minhas reuniões com o primeiro-vice-primeiro-ministro Gromyko e o Sr. Shcherbitsky aqui em Washington foram úteis para esclarecer opiniões e questões e permitir avançar para lidar com elas de forma prática e realista¹⁵. (REAGAN, 1985, s.p., tradução nossa).

Gorbachev responde o presidente com uma carta alguns dias depois. Na correspondência concorda que os dois devem se encontrar, enfatiza a necessidade de uma competição pacífica entre as superpotências, que há interesses em comum e que tal encontro não precisa terminar com a assinatura de um grande tratado, pois

¹⁴ Ainda que Reagan não aparentasse isso para além da oratória.

¹⁵ Texto original: "I believe our differences can and must be resolved through discussion and negotiation. The international situation demands that we redouble our efforts to find political solutions to the problems we face. I valued my correspondence with Chairman Chernenko, and believe my meetings with First Deputy Prime Minister Gromyko and Mr. Shcherbitsky here in Washington were useful in clarifying views and issues and making it possible to move forward to deal with them in a practical and realistic fashion."

já estaria de bom tamanho que a reunião levasse ao entendimento mútuo. Ao longo do ano de 1985 haveria, então, uma série de troca de correspondências entre os líderes¹⁶ que abriram caminho para que os governos americano e soviético dialogassem sobre os principais temas (de acordo com a visão de cada país), mesmo Reagan mantendo sua retórica quase tão dura quanto no primeiro mandato ao falar em público. O ápice desta troca de correspondências foi o encontro de Genebra (ponto alto daquele ano apenas) (SAVRANSKAYA e BLANTON, 2005).

Entre 19 e 21 de novembro de 1985 aconteceu a primeira reunião entre o presidente Reagan e um secretário-geral, em Genebra, Suíça. Se até então não havia ocorrido nenhuma, a partir deste momento Reagan e Gorbachev se encontrariam todos os anos. Brown (1996) considera que tal reunião aproximou os chefes de Estado, mas gerou pouco resultado. McCormick (2010) considera que o primeiro sinal significativo de mudança na relação dos dois países foi o aumento de encontros e destaca que Reagan teve 5 encontros em 3 anos e meio com Gorbachev, fazendo dele o presidente americano que mais se encontrou com um líder soviético. Tais encontros permitiram que as relações americanas-soviéticas se desenvolvessem tanto. McCormick confirma que a grande importância da Reunião de Genebra foi fazer os chefes se conhecerem e discutirem temas diversos como direitos humanos, controle de armas e conflitos regionais, sendo na prática, um prelúdio para o encontro na Islândia.

Nem a comissão americana nem a comissão soviética acreditavam que o Encontro de Genebra fosse resultar em algum grande tratado. Os lados participantes tinham agendas diferentes. Enquanto Gorbachev focou em tentar convencer os EUA a aceitarem o SALT II (assinado por Carter e Brejnev, mas nunca ratificado) e a interpretarem o Tratado Antimísseis Balísticos (ABM) da forma tradicional, o que impediria os EUA de levarem a SDI a diante. Já Reagan considerou o encontro uma vitória, pois não abandonou a SDI e pressionou a URSS no assunto de Direitos Humanos (um velho dilema que a URSS enfrentava). Os dois líderes concordaram que dever-se-ia buscar a paz e na hipótese de guerra nuclear, guerra que jamais deveria acontecer, não é possível haver um vencedor. No início os líderes

¹⁶ O Arquivo Eletrônico da Segurança Nacional americano compilou as cartas entre os líderes (em inglês). O conteúdo pode ser acessado no endereço: <<http://nsarchive2.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB172/index.htm>>, acesso em 15 de outubro de 2017.

concordaram em uma redução pela metade das armas estratégicas, contudo tal ideia se desfez ao longo do encontro. A insistência de Reagan em salvar a SDI dificultou que algo sério fosse assinado, mas desde o referido encontro, a equipe americana pode perceber que Gorbachev estava disposto a fazer concessões ousadas para aproximar a URSS dos EUA e assinar tratados que interessavam a ele (e claro, a uma parte da liderança soviética). (SAVRANSKAYA e BLANTON, 2005).

Se a reunião em Genebra não teve muitos efeitos além de aproximar os líderes e preparar o caminho para o próximo encontro, a reunião em Reykjavík¹⁷ em outubro de 1986, mesmo falhando em chegar a um tratado, foi um dos momentos mais importantes da Guerra Fria. Antes de se falar da segunda reunião, é importante que se trabalhe um pouco o caminho que levou a ela durante o ano de 1986. Já em 15 de janeiro de 1986, Shevardnadze entrega a Shultz uma carta para ser passada a Reagan e, para pressionar os EUA, avisa que o conteúdo da carta será tornado público em algumas horas, deixando a equipe americana com pouco tempo para montar uma resposta para a oferta de Gorbachev contida na carta: um processo de três fases para eliminar todos os mísseis balísticos e armas nucleares pelo ano 2000. Os chefes militares soviéticos aceitaram que se fizesse essa proposta ousada porque não acreditavam que seria aceita pelos EUA. Do outro lado, os EUA entenderam a proposta como uma peça de propaganda assim como Krushev já havia feito outrora. Além de tudo isso, aceitar a proposta significaria também decretar o fim da SDI e Reagan acreditava que a paz deveria vir através da SDI, portanto, o projeto Guerra nas Estrelas era inegociável. A descrença americana de que Gorbachev estava fazendo uma proposta séria era tamanha que a administração pretendia anunciar na mídia a sua visão de que a URSS estava apenas fazendo uma propaganda e Weinberger e Perle consideravam que a carta não era digna nem de um resposta. (JOHSNTON, 2013).

Reagan optou por responder Gorbachev afirmando também querer muito o fim das armas nucleares, mas a SDI não estava na mesa de negociação. Segundo a resposta americana, os EUA acreditavam que defesas estratégicas como esta poderiam contribuir para um mundo sem armas nucleares. Para Johnsnton (2013) os

¹⁷ O Arquivo de Segurança Nacional dos EUA possui uma página com um compilado de cartas e documentos relacionados (29, todos em inglês) ao Encontro de Reykjavik. Disponível em: <<http://nsarchive2.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB203/>>. Acesso em: 17 de outubro de 2017.

líderes americano e soviético concordavam em um ponto: eliminação das armas nucleares e isso permitiu o tratado INF no ano seguinte.

Em fevereiro, o senador Ted Kennedy visita Moscou e conversa com Gorbachev. Na ocasião, o secretário-geral afirma ao senador que a URSS poderia aceitar um acordo temporário de Forças Nucleares Intermediárias (INF, sigla em inglês comumente usada) sem ligação com a SDI ou START. Além disso, Gromyko já havia assumido, apenas dentro do Politburo, não para os EUA, que a colocação do SS-20 foi um erro que estava atrapalhando as relações com os EUA. Contudo, dentro da administração americana a discordância dificultava uma decisão. Muitos assessores temiam que a proposta acabassem por atrapalhar a SDI. Também havia quem não considerasse como muito importante a instalação de mísseis de alcance intermediário na Europa, como Perle. Shultz, porém, queria fazer uma contraproposta ao mesmo tempo em que desejava mostrar ao aliados europeus que os EUA do governo Reagan se preocupavam com ele e não estavam dispostos a negociar a segurança de seus Estados. Reagan concordava com Weiberger que não se podia arriscar a SDI e por isso, não estava satisfeito com o plano de Shultz (ainda que o plano não arriscasse o projeto diretamente). (JOHSNTON, 2013).

Em março de 1986 a Agência Americana de Controle de Armas e Desarmamento informou ao Congresso que a URSS havia violado o tratado ABM ao menos 9 vezes. Era exatamente o que Perle e Weinberger ansiavam, pois não queriam que o SALT II fosse ratificado. Então, em maio, Reagan avisou que os EUA não aceitariam o SALT II enquanto a URSS não se ajustasse e limitasse armas nucleares. Disse ainda estar cansado de seguir as regras enquanto a URSS violava o SALT II. O Congresso não gosta da atitude e reduz orçamento da SDI. (JOHSNTON, 2013). Mesmo com o esforço de Gorbachev, o governo americano buscava achar brechas que dificultassem que tratados fossem assinados ou postos em prática. Este é um exemplo, é sabido que desde o Tratado ABM em 1972 ambos os países acusaram o inimigo de não obedecer as regras. Neste caso, a acusação foi ótima para os EUA, pois justificava a sua resistência ao SALT II que Reagan sempre se mostrou contra.

Já se pretendia realizar a reunião de Washington em 1987, mas Gorbachev queria um encontro antes, pois queria ver até onde iria a receptividade do Governo Reagan quanto a propostas mais abrangentes. Apesar de Shevardnadze

inicialmente ser contra, o secretário decidiu tomar a frente e escreveu uma carta à mão, em tom informal, chamando o presidente para um encontro na Islândia ou na Inglaterra. Mesmo Gromyko acabou sendo favorável a tal ideia. Na carta, Gorbachev procura agradar Reagan mas não consegue abandonar a preocupação com a SDI, pois temia que isso tornasse os EUA capazes de um primeiro ataque. Mesmo alguns cientistas e membros do Politburo consideravam que ele estava preocupado mais do que deveria com a SDI e não deveria ter o abandono do projeto como critério para um tratado. (JACKSON, 1998).

Entre 11 e 12 de outubro de 1986, ocorreu o Encontro de Reykjavík como consequência da carta-convite de Gorbachev. McCormick (2010) considera que mesmo não tendo produzido um tratado final, esta e a seguinte, em Washington, foram as reuniões mais importante entre Reagan e Gorbachev. A reunião seria tão importante porque inicialmente houve concordância em reduzir pela metade todas as armas nucleares estratégicas em 5 anos e limitar em 100 ogivas as armas nucleares de alcance intermediário para cada país, portanto, haveria um avanço nas ideias do START e INF, contudo, a insistência de Reagan em não ceder a SDI e a de Gorbachev que sem incluir a SDI não se poderia assinar um tratado, acabaram por impossibilitar um desfecho prático.

O conselheiro de política externa de Gorbachev, Anatoly Chernyaev, estava preocupado que a URSS não havia até então feito os EUA cederem e acreditava que era necessário ter a Europa Ocidental do lado da URSS para fazer pressão contra os EUA. Portanto, a URSS deveria oferecer o fim dos SS-20 sem colocar nenhum míssil para compensar os que Reino Unido e França possuíam. A proposta deveria ser como a de janeiro, surpreender os EUA com sua abrangência. O próprio Gorbachev disse ao Politburo que a URSS deveria na Islândia oferecer algo que os EUA se interessariam ao invés de algo que eles pudessem rejeitar e caso rejeitassem uma proposta tão boa, a URSS deveria levar o assunto ao público, mostrando a falta de vontade dos americanos em buscar o fim das armas nucleares e garantirem a paz. (JACKSON, 1998).

Para Zubok (2007), o encontro na Islândia foi o evento mais dramático do fim da Guerra Fria, isto devido ao fato de Gorbachev, apesar de convidado Reagan para discutir alguns poucos pontos, foi preparado para oferecer um acordo inimaginável em que URSS abandonava sua doutrina militar tradicional para dar lugar à

“suficiência estratégica”, adotava posição defensiva e não ofensiva, aceitava a “opção zero” na Europa e reduzir pela metade os mísseis pesados ICBM que eram a parte central do arsenal soviético. Obviamente para isso, o secretário-geral deveria fazer um malabarismo para a ala conservadora do Politburo.

Zubok (2007) afirma ainda que foi a centralidade da SDI nas preocupações de Gorbachev que fez a Reunião na Islândia não gerar um tratado, pois ainda não sabia se Reagan tinha intenções agressivas para a SDI. O autor faz questão de ressaltar que discorda de Brown que afirma que Gorbachev apenas usou a SDI como desculpa para não haver um acordo, pois não teria a intenção de um.

(...) O programa de Reagan era realmente uma preocupação real para o líder soviético. Ele ainda não conseguia entender se as intenções de Reagan eram agressivas ou não. Tal como acontece com a reunião de Genebra, as instruções do Politburo para a reunião de Reykjavik foram um compromisso entre as novas abordagens ideológicas de Gorbachev e os seus medos de segurança tradicionais. Enquanto a liderança militar teria feito o mesmo, Gorbachev ligou firmemente qualquer acordo sobre cortes de armamentos estratégicos para uma única condição: Reagan teria que enterrar a ideia de SDI e [deveria haver] uma adesão norte-americana ao tratado ABM de 1972.¹⁸ (ZUBOK, 2007, p. 292, tradução nossa).

A reunião começou muito amigável, descreve Zubok (2007), com Reagan e Gorbachev discutindo assuntos menores como direitos humanos. Gorbachev, então, afirmou ser totalmente favorável a “igualdade de segurança” e completou dizendo que poderiam haver verificações de técnicos para que os EUA ficassem sem tranquilos. Os funcionários americanos e soviéticos teriam ficados surpresos ao ver que o presidente e o secretário-geral pareciam amigos e os americanos admirados ao ver a URSS ceder mais em uma reunião que em 25 anos. Shultz inclusive disse a Reagan para deixar que Gorbachev cedesse, pois isto era o resultado de sucesso de 5 anos de políticas de pressão que eles haviam mantido em relação à União Soviética. Para Reagan, ele estava cumprindo sua missão: evitando o Armageddon nuclear. Sem ao menos consultar o Pentágono ou assessores, Reagan ofereceu a ousada proposta de pôr fim aos mísseis balísticos nucleares pelo ano de 1996. Gorbachev prontamente aceitou, mas a SDI deveria ter seus testes confinados em

¹⁸ Texto original: “(...) Reagan’s program was indeed a real concern for the Soviet leader. He still could not understand if Reagan’s intentions were aggressive or not. As with the Geneva summit, Politburo instructions for the Reykjavik meeting were a compromise between Gorbachev’s new ideological approaches and his traditional security fears. While the military leadership would have done the same, it was Gorbachev who firmly linked any agreement on cuts of strategic armaments to a single condition: Reagan had to bury the idea of SDI and affirm American adherence to the 1972 ABM treaty.”

laboratório. Weinberger convenceu Reagan que ele não podia aceitar tal proposta, pois o Congresso acabaria com a SDI se os testes se restringissem a laboratórios. Reagan ainda ofereceu compartilhar a tecnologia da SDI com Gorbachev que disse não ver sentido em criar um escudo antimísseis se eles estavam negociando o fim total dos mísseis. Deste modo, o Encontro de Reykjavik que começou tão bem, terminou sem um acordo e com os dois líderes decepcionados.

Brown afirma que apesar do fracasso da reunião, Gorbachev e Reagan passaram a gostar mais um do outro, inclusive com Gorbachev falando muito mais respeitosamente do presidente em privado que anteriormente. Mesmo na coletiva de imprensa no final do encontro, Gorbachev procurou não culpar os EUA ou Reagan pelo fracasso, como era esperado por muitos, inclusive por Shevardnadze. De todo o modo, a partir daí a URSS de Gorbachev e os EUA de Reagan e Bush assinariam tratados muito mais abrangentes que os da Era Brejnev. (BROWN, 1996).

Gorbachev, porém, reclamou de Reagan e dos americanos para outros membros do governo soviético, chamando-os de mentirosos. Dobrynin afirmou que o ideal de Reagan de impedir o apocalipse nuclear era maior que seu anticomunismo. Zubok afirma que a imagem de Reagan como inimigo intransigente do início de seu governo começava a mudar. (ZUBOK, 2007). Reagan por outro lado, deixou transparecer a sua frustração e raiva com o resultado. Chegou a afirmar em entrevista posterior que Gorbachev o chamou para a Islândia apenas para acabar com a SDI. (JOHNSTON, 2013). É cabível notar que mesmo insatisfeito, Gorbachev evitou difamar Reagan e o governo americano para a imprensa mundial, como era de se esperar que se fizesse, pois assim talvez gerasse mais pressão sobre Washington. Reagan mesmo bravo no primeiro momento, depois aceitou os fatos e (sem ignorar o histórico de ações do presidente) permitiu que EUA e URSS continuassem a se aproximar. Também é interessante notar que mesmo com um resultado final ruim, o começo e meio da reunião foram tão bons que superaram marcaram mais, além de terem gerado mais consequências que o final decepcionante da falta de um tratado.

Nos meses seguintes ao encontro na Islândia, afirma Zubok (2007), Gorbachev passou por uma mudança ideológica que o fez alienado de seus colegas no Politburo, já que estes viam o Novo Pensamento apenas como a retórica que justificava uma ação e tal ação não se distanciaria muito da prática tradicional da

URSS (claro que haviam aliados que pensam como Gorbachev como Shevardnadze). O autor é categórico ao expor que ao mudar as pessoas que comandavam a economia para que as mudanças ocorressem mais rápido, Gorbachev levou a URSS a mudar a ideologia que a norteava.

Gorbachev queria pressionar os EUA através da opinião pública e de congressistas mais moderados por meio de uma política que mostrasse que a URSS estava empenhada em reduzir as armas nucleares e risco de guerra. O marechal Sergei Akhromeyev mostrou a Academia do Estado-Maior Geral a nova doutrina militar que afirmava impossibilidade de vitória em uma guerra nuclear e que a URSS deveria deixar de buscar se equiparar aos EUA para buscar apenas a “suficiência estratégica”. A maioria no Politburo, inclusive Gromyko, não gostava da ideia de desarmar o país nuclearmente, pois não confiavam nos EUA. Ainda assim, Gorbachev, que Zubok considera que estava obcecado em realizar as suas transformações, era bem visto mesmo pela KGB que acreditava que o líder estava apenas dando continuidade na transformação conservadora de Andropov. (ZUBOK, 2007).

De fato, Gorbachev em alguns momentos aparentava não estar tão fascinado por transformar o país como, por exemplo, quando se mostrou contrário à retirada do Afeganistão se não fosse garantido que não seria instalado um regime antissoviético no país e ao se mostrar favorável à manutenção de regimes clientes pelo mundo, como Cuba de Castro, a Etiópia de Mariam, a Nicarágua Sandinista e o Vietnã. O próprio não se mostrava contra o sistema socialista já que acreditava que se Lênin tivesse vivido mais 10 anos, a URSS teria chegado ao socialismo ideal. Também, mostrou algumas vezes força diante dos EUA como quando a URSS informou a Shultz que não haveria encontro em Washington se a SDI não fosse descartada, mesmo Shevardnadze sendo contra. Na prática não apenas houve encontro como foi assinado um tratado sem ameaçar a SDI. (ZUBOK, 2007). Gorbachev precisava mostrar dureza e tradição diante do Politburo algumas vezes.

Durante 1987, Reagan e Gorbachev ficaram mais próximos e colaborativos. Uma das primeiras consequências das mudanças na URSS foi a saída do Afeganistão, segundo Lundestad. A URSS fez questão de avisar de antemão os EUA a decisão quando Shevardnadze avisou Shultz em setembro que a URSS iniciaria a retirada de tropas em breve. Em fevereiro seguinte, Gorbachev anunciou

aos populares que a URSS iria começar em maio a tirar as tropas e em até 10 meses todos teriam voltado ao país. (LUNDESTAD, 2000).

Já em fevereiro, Gorbachev conseguiu junto ao Politburo algo que seria muito importante para o sucesso do Encontro em Washington: a autorização para mudar as propostas feitas na Islândia, agora as concessões que a URSS estava disposta a fazer em INF, já não precisavam se ligarem a restrições severas a SDI. Mesmo disposto a ofertar tanto em INF e ICBM, isto é, reduzir bastante o poder soviético; Gorbachev ainda acreditava que os EUA travavam avanços nas negociações e tinha suas dúvidas se o Ocidente realmente queria fazer um acordo de desarmamento, inclusive revelando a Thatcher sua angústia em achar que o Ocidente possivelmente não desejava o fim da Guerra Fria e seus líderes apenas encenavam isso a seus povos. A visita de Thatcher também foi importante porque deu mais credibilidade a Gorbachev diante do Ocidente, pois a primeira-ministra britânica gozava de boa reputação diante dos conservadores e sua visita a Moscou foi muito repercutida na imprensa mundial além de ser admirada por Reagan. Inclusive, Gorbachev falou ao Politburo que dever-se-ia tirar proveito da visita para ganhar apoio ocidental. (JACKSON, 1998). Mesmo com dúvidas, o líder russo estava disposto a fazer uma oferta que os EUA dificilmente poderiam negar, mesmo que para isso a URSS tivesse que sacrificar mais seu poder (e de certa forma, sua segurança se forem considerados apenas os princípios da MAD) que os EUA.

Em abril Shultz visitou a União Soviética e conversou com Gorbachev. O soviético disse ao americano que sabia o porquê de ele ter ido lá, isto é para sondar a situação e que diria que não pode fazer um acordo, pois precisaria de autorização de seus superiores. Contudo, as conversas com Shultz significaram bem mais que isso; com elas as dúvidas que Gorbachev tinha quanto a se os EUA realmente queriam mudar as relações soviético-americanas. Concomitantemente, em Genebra, negociadores americanos e soviéticos continuavam a discutir os rumos de um possível tratado. Em setembro foi a vez de Shevardnadze ir aos EUA e levou uma carta escrita por Gorbachev para Reagan. Nela o russo mostrava sua intenção de mudar não apenas as relações entre as superpotências, mas as relações internacionais como um todo. Na ocasião, Shevardnadze ainda surpreendeu Shultz ao afirmar que o Politburo havia aceito a retirada das tropas do Afeganistão. (JACKSON, 1998). A saída da URSS do Afeganistão, por mais que possivelmente

não fosse o que os EUA mais quisessem (manter a URSS presa no conflito seria vantajoso do ponto de vista que drenaria recursos do país, enfraquecendo-o), era um sinal claro a Washington: a URSS estava efetivamente abandonado (ou ao menos reduzindo) a sua influência, bem como as suas intervenções no mundo, podendo até significar, para os americanos mais otimistas, o abandono da expansão comunista pelo Terceiro Mundo.

Mesmo com os avanços relatados, quando Shultz visitou Moscou pouco antes do encontro de Washington, encontrou Gorbachev ainda preocupado, duvidando da intenção de Reagan de realmente mudar as relações entre os dois países. Para o russo, o governo americano poderia apenas queria fazer um “jogo duplo”, isto é assinar o tratado INF, mas dificultar e impedir qualquer outro acordo. Gorbachev continuava preocupado com a SDI e ainda queria fazer com que os EUA aceitassem que o tratado ABM assinado em 1972 proibiria a SDI. Se por um lado Gorbachev aproveitou o encontro com Shultz para pressionar os EUA, por outro os EUA não fizeram nenhuma concessão significativa. De todo o modo, a URSS aceitou participar da reunião, mesmo tendo tão pouco a ganhar tanto a oferecer. (JACKSON, 1998).

O evento mais importante do ano de 1987 em se tratando de relações EUA-URSS (quiçá o mais importante deste trabalho) foi o encontro em Washington, ocorrido entre 8 e 10 de dezembro. Este encontro teve, de fato, um resultado prático e imediato: a assinatura do Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermediário (aqui chamado pela sigla em inglês, INF de *Intermediate-Range Nuclear Forces*). Tal tratado possui um aspecto inédito e que muitos duvidavam que poderia acontecer durante a Era Reagan: o banimento de uma classe de armas nucleares inteira. O encontro teve longas discussões entre os tomadores de decisão das duas nações, aqui buscar-se-á evitar trabalhar oferta por oferta, dando prioridade ao resultado final.¹⁹

Para Jackson (1998) o encontro em Washington foi um ponto de inflexão dos mais importantes nas relações entre EUA-URSS, pois gerou o tratado INF,

¹⁹ O Arquivo de Segurança Nacional dos EUA disponibiliza um compilado de documentos e textos relacionados ao assunto, desde conversas do Politburo antes da reunião, até telegramas após a assinatura, passando por cartas e conversas de Reagan e Gorbachev (textos em inglês somente), assim é possível ler alguns dos pormenores não trabalhados nesta seção. Disponível em: <<http://nsarchive2.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB238/index.htm>>. Acesso em 20 out. 2017.

Gorbachev foi cordialmente recebido nos EUA e ficou marcada um encontro em Moscou daí um ano. Assim, o líder soviético teve evidências de que as relações entre os países estavam mudando, enquanto via a relação entre ele próprio e Reagan evoluir também, de modo até mais rápido. Também evoluíram as relações e a admiração de Gorbachev para outros líderes Ocidentais como Bush, Thatcher e Kohl (Alemanha Ocidental). A visão de Gorbachev depois do encontro quanto aos EUA passou a ser muito influenciada pela visão que passou a ter do alto escalão americano com quem teve contato e que admirava o fato de agora os dois países terem conversas tão civilizadas e tão respeitadas com sujeitos que Gorbachev passou a considerar muito inteligentes e educados como Shultz, Nitze e Collin Powell.

O Encontro em Washington não pode ser considerado como um sucesso completo. Apesar de ter chegado a uma interpretação mútua do tratado ABM de 1972, a URSS se preocupava com a SDI e os EUA não conseguiam (ou não se esforçavam) para agradar o outro lado até o fim do governo Reagan. Mesmo assim, o encontro fez Gorbachev abandonar a estratégia de mobilizar a opinião ocidental contra Reagan e passou a acreditar que o presidente poderia, sim, (quicá queria) mudar as relações entre os países e deixar para trás sua forma ríspida de falar com Moscou. (JACKSON, 1998).

No seu discurso para o Politburo em 17 de dezembro, é possível perceber que Gorbachev quis mostrar aos camaradas que a visão que a URSS deveria ter de Reagan (e dos EUA) não deveria ser a mesma do primeiro mandato. Abaixo um dos trechos que melhor exemplifica isso, ao Gorbachev argumentar que mesmo políticos como Reagan têm um lado bom e responsável:

Víamos Reagan apenas como encarnação da parte mais conservadora do capitalismo americano e dos mestres do complexo militar-industrial. Mas descobriu-se que, ao mesmo tempo, os políticos, incluindo os principais chefes de Estado, se são pessoas verdadeiramente responsáveis, também representam as qualidades, interesses e esperanças puramente humanas das pessoas comuns - particularmente daquelas que votam por eles nas eleições e que associam a dignidade do país e seu patriotismo com o nome do político e qualidades pessoais. Ao mesmo tempo, eles podem ser guiados pelos motivos e sentimentos humanos mais normais. E verifica-se que, em nossos dias, tudo isso tem enorme significado para tomar decisões políticas.²⁰ (GORBACHEV, 1987, s.p., tradução nossa).

²⁰ O Texto original: "We saw Reagan only as the embodiment of the most conservative part of American capitalism and the masters of the military-industrial complex. But it turned out that at the same time the politicians, including the leading heads of state, if they are truly responsible people, also

Na visão de McCormick (2010) o Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermediário foi o feito mais importante de segundo mandato de Reagan e a conclusão do desenrolar de uma história que começou em 1981 (Brejnev) com início das negociações, foi paralisada em 1983 por Andropov, e retomada em janeiro 1985 (Chernenko) com os lados aceitando um pacote de “Novas Negociações” que reunia nas discussões todas as armas nucleares, na primeira rodada sobre armas nucleares de alcance intermediário, a segunda sobre armas nucleares estratégicas e a terceira sobre armas nucleares espaciais e armas nucleares de defesa. A partir do encontro na Islândia, segundo o autor, as negociações se aceleraram e em Washington se concretizaram. A verdade mais exata é que em Washington é possível afirmar que a primeira rodada se concretizou, as outras foram negociadas, mas não concretizadas no governo Reagan.

Pelo Tratado INF²¹, EUA e URSS se comprometeram a eliminar todas as armas nucleares de alcance intermediário em três anos, e as de médio-pequeno alcance em 18 meses, além de os países se comprometem a não mais adquiri-las. O tratado também afirmou criou a Comissão Especial de Verificação para que cada lado exercesse seu direito de verificar se o acordo estava sendo cumprido e se estava sendo cumprido da forma adequada. De fato, McCormick lembra, o valor militar do tratado pode ser questionado ao se considerar que ambos os países mantiveram um arsenal nuclear suficiente para destruir o mundo, contudo, o valor político é inquestionável, pois o primeiro acordo de redução nuclear já feito e teve forte impacto naquele momento para as negociações de controle de armas. (McCORMICK, 2010).

O objetivo de Gorbachev era assinar antes do final do governo Reagan o Tratado do START de modo a reduzir pela metade as armas nucleares ofensivas. A URSS propôs, no começo da reunião, o fim das armas químicas e redução de ¼ das forças convencionais na Europa. Também foram tratados temas não centrais como a

represent the purely human qualities, interests, and hopes of the common people—particularly of those people who vote for them in elections and who associate the country's dignity and their patriotism with the politician's name and personal qualities. At the same time, they can be guided by the most normal human motives and feelings. And it turns out that in our day all of this has enormous significance for making political decisions.”

²¹ O Departamento de Estado dos EUA disponibiliza o texto do Tratado na íntegra (em inglês). Disponível em: < <https://www.state.gov/t/avc/trty/102360.htm#text>>. Acesso em 23 out 2017.

guerra civil na Nicarágua (que os EUA tinham envolvimento), a Guerra do Afeganistão, a Guerra Irã-Iraque. Os EUA, por sua vez, mostraram-se não muito receptivos às ofertas e Savranskaya e Blanton consideram que foi perdida a oportunidade de assinar um tratado ainda mais abrangente. (SAVRANSKAYA e BLANTON, 2007).

Graças ao Tratado, os EUA destruíram 169 mísseis de curto alcance e 677 de alcance intermediário. A URSS destruiu 957 e 889 respectivamente. Os mísseis destruídos eram de rápida velocidade e sua destruição, portanto, reduziu o risco de uma guerra nuclear segundo Savranskaya e Blanton. A URSS no intuito de ganhar a confiança americana estava disposta a ir mais longe nas verificações e permitir observações surpresa e, de fato, ajudou a melhorar as relações entre os dois países e a garantir o sucesso do tratado. (SAVRANSKAYA e BLANTON, 2007).

Jackson explica o porquê de Gorbachev ter aceitado ir negociar sabendo que os EUA provavelmente ofereceriam muito pouco e mais ainda, a razão de oferecer tais concessões

Embora esse padrão possa ser visto como evidência de que Gorbachev estava negociando de uma posição de fraqueza, tal conclusão pressupõe que a remoção de mísseis britânicos e franceses na Europa e a limitação dos programas estratégicos dos EUA foram os objetivos mais importantes de Gorbachev. No entanto, o registro desse período, incluindo a disposição de Gorbachev em fazer concessões não retribuídas, sugere que ele considerava as concessões como um meio para um objetivo maior: a realização de uma transformação fundamental da situação internacional e, em especial, a transformação fundamental da relação entre Estados Unidos e União Soviética. Tal transformação foi vista tanto por Gorbachev como por seus aliados favoráveis à reforma como essenciais para o objetivo geral da reforma do sistema soviético. Ao perseguir esta estratégia, a principal preocupação de Gorbachev era se a administração Reagan estava preparada para mudar sua relação com Moscou. Na decisão de prosseguir com uma cúpula em Washington, que envolveria a assinatura de um único acordo importante de armas, Gorbachev pareceu decidir a favor, pelo menos, em continuar a dinamizar o envolvimento com Washington, partindo do pressuposto de que o impulso do feito obrigaria a administração Reagan a se mover cada vez mais longe das políticas em relação à Moscou abraçadas durante seu primeiro mandato e também para obter crescente aprovação e suporte para a Perestroika. ²² (JACKSON, 1998, p. 636-637, tradução nossa).

²² Texto original: "Though this pattern may be seen as evidence that Gorbachev was bargaining from weakness, such a conclusion presumes that removing British and French missiles in Europe, and limiting U.S. strategic programs were Gorbachev's most important objectives. Yet the record in this period, including Gorbachev's willingness to allow his unreciprocated concessions to stand, suggests that he viewed the concessions as means to a larger objective-the achievement of a fundamental transformation of the international situation and especially the fundamental transformation of the relationship between the United States and the Soviet Union. Such a transformation was viewed by both Gorbachev and his reform-oriented allies as essential to the overarching objective of reform of

O que é perceptível é que o Encontro de Washington de 1987 é inegavelmente importante do ponto de vista político. É inédito ao gerar o Tratado INF, primeiro que prevê a destruição de armas nucleares já prontas, algumas recentemente inauguradas. Tem repercussões que vão além do tratado e do encontro em si, ao ser um momento de inflexão para EUA e URSS e mostrar que os dois países poderiam dialogar e gerar consequências concretas para além de apenas esperança e possibilidade de mudança. É também importante ao mostrar que Gorbachev estava disposto a conceder muito mais que recebia de Reagan para que as relações dos países melhorassem e seus planos internos avançassem. O Politburo, por sua vez, se mostrou mais flexível que muitos esperavam ao deixar Gorbachev tomar medidas tão inovadoras. Reagan se mostrou menos ríspido e mais flexível, chegando a assinar a destruição de armas nucleares ainda que é notável que o presidente continuava linha-dura, lutando pela SDI, anticomunista e bem modesto na hora de ceder nas negociações.

Com toda a aproximação entre os líderes americanos e soviéticos, já em um período chamado por muitos de “nova détente”, o ano de 1988 tem duas reuniões de alto nível entre os estadistas, a primeira em Moscou e a segunda em Nova Iorque. Tais encontros foram mais simbólicos que práticos, pois nem sequer os dois governos possuíam objetivos concretos para eles (principalmente o governo americano, o soviético tinha objetivos, mas não muita esperança). Contudo, é importante que sejam trabalhadas, ainda que brevemente, pois exemplificam muito bem a aproximação e a mudança das relações entre os dois países.

Entre 31 de maio e 3 de junho de 1988, Reagan e Gorbachev se reuniram em Moscou²³ na primeira visita do presidente a URSS. A reunião foi, segundo Blanton e Savranskaya, de caráter cerimonial e amigável e nela Reagan teria decretado o fim

the Soviet system. In pursuing this strategy, Gorbachev's principal concern was whether the Reagan administration was prepared to change its relationship with Moscow. In deciding to proceed with a summit in Washington that would involve a signing of only one major arms agreement, Gorbachev appeared to decide in favor of at least continuing the building momentum of engagement with Washington on the assumption that the building momentum would compel the Reagan administration to move increasingly farther from the policies toward Moscow it had embraced during its first term and also to display increasing approval and support for Perestroika.”

²³ O Arquivo de Segurança Nacional dos EUA compilou documentos (em inglês) relacionados ao encontro, desde antes da realização até depois, podendo assim, quem preferir, obter maiores detalhes. Disponível em: <<http://nsarchive2.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB251/index.htm>>. Acesso em: 24 out 2017.

da Guerra Fria (o mais comum é se considerar a queda do Muro de Berlim e do Bloco Soviético como o fim do conflito). Os autores consideram que o mais importante da reunião o “fator humano” de Reagan (similar ao que Gorbachev havia falado anteriormente ao Politburo e citado previamente neste trabalho), isto é a mudança no tom do presidente a respeito da União Soviética. Os autores destacam que na ocasião quando questionado por um jornalista sobre o “Império do Mal”, Reagan respondeu que no discurso estava falando de outra época, outra era. (BLANTON e SAVRANSKAYA, 2008).

McCormick (2010) considera que a reunião de Moscou foi basicamente para ratificar o Tratado INF (já aprovado pelo Congresso) e discutir outras problemáticas do mundo. O autor resume as duas reuniões de 1988 como

A quarta reunião, realizada em Moscou no final de maio e início de junho de 1988, foi principalmente para trocar o instrumento de ratificação do novo Tratado INF, buscar novos progressos nas negociações de armas estratégicas e discutir outras questões globais chave. A quinta e a última reunião soviética-americana da administração Reagan foi uma breve reunião de um dia em Nova York, em dezembro de 1988, durante a visita de Gorbachev antes de discursar nas Nações Unidas. Esta foi uma oportunidade final para uma troca de pontos de vista antes de Reagan deixar e para o presidente eleito George HW Bush conhecer o líder soviético.²⁴ (McCORMICK, 2010, p. 138-139, tradução nossa).

Schaller (2007) afirma que em 1988 Reagan já estava se preparando para se aposentar, logo, não procurava fazer muito. Desde o ano anterior Gorbachev já ousava convidar Reagan para que os EUA e a URSS se aproximassem em sua relação não apenas quanto a controle de armas, segurança e assuntos mais relacionados a centralidade da Guerra Fria. Por exemplo, em uma situação Gorbachev após informar que já nem se importava tanto com a SDI e até a considerava um desperdício de dinheiro americano, convidou Reagan para reduzirem ainda mais o número de armas nucleares e para que EUA e URSS trabalhassem juntos na solução de conflitos no Terceiro Mundo. Reagan, surpreso, não soube como reagir e ficou contando piadas como fazia em seus discursos o que levou Shultz a ficar muito irritado com a oportunidade perdida.

²⁴ Texto original: “The fourth summit, held in Moscow in late May and early June 1988, was primarily to exchange the instrument of ratification of the new INF Treaty, seek further progress in strategic arms negotiations, and discuss other key global issues. The fifth and final Soviet–American summit of the Reagan administration was a brief one-day meeting in New York City in December 1988 during Gorbachev’s visit to speak before the United Nations. This was an opportunity for a final exchange of views before Reagan left office and for President-Elect George H.W. Bush to meet the Soviet leader.”

Naquela altura, Gorbachev gozava de popularidade no mundo tal alta que mesmo nos EUA era mais popular que Reagan. No último ano de Reagan como presidente, o americano estava cansado e não queria realizar inovações, enquanto Gorbachev queria avançar o máximo possível em política externa e interna; logo, havia um descompasso entre as nações. Um exemplo da diferença de intenções é quando Gorbachev chama Reagan (que já não via mais a URSS como “império do mal”) para ir além nos acordos e desarmamento e o presidente apenas ignora a solicitação. (SCHALLER, 2007).

Um exemplo de que Gorbachev tinha intenção e esperança de conseguir avanços reais na reunião é sua fala no Politburo em 25 de fevereiro. Na ocasião, o secretário-geral afirma que seria possível preparar o Tratado do START com redução pela metade das armas nucleares estratégicas a tempo do encontro em Moscou e acreditava que Reagan o assinaria. Foi essa crença que teria levado Gorbachev a ceder tanto na reunião anterior com Reagan aceitando um novo encontro. Gorbachev ainda afirmou que graças ao sucesso da perestroika e redução do orçamento militar, os EUA confiavam mais na URSS e agora acordos poderiam avançar. (BLANTON e SAVRANSKAYA, 2008). A seguir trecho da fala do secretário:

Devemos estabelecer as bases para o Acordo SNF, enquanto Reagan está no cargo. Ele também está se esforçando por isso. Ele precisa de resultados de sua visita a Moscou. Neste momento, entramos em um nível de relações com os Estados Unidos em que não tivemos em muitos anos.²⁵ (GORBACHEV, 1988, s.p., tradução nossa).

A reunião, na prática, não teve resultados concretos. Reagan se mostrou pouco disposto a avançar, enquanto Gorbachev se mostrou muito disposto e quiçá é possível considerar ingênuo. De todo o modo tem a sua importância, ao ser um símbolo da aproximação dos dois países, da redução de tensão e do fim dos pronunciamentos americanos que consideravam a URSS como a fonte de todo o mal e de todos os conflitos na Terra.

Em 7 de dezembro de 1988, Reagan e Gorbachev se encontraram pela última vez como chefes de Estado em Nova Iorque. A rápida reunião teve a participação também do presidente eleito e vice-presidente Bush 41. Gorbachev foi preparado

²⁵ Texto original: “We should lay the foundation for the SNF Agreement while Reagan is in office. He is also striving for this. He needs results from his visit to Moscow. Right now we have entered a level of relations with the United States at which we have not been for many years.”

para negociar acordos de desarmamento, mas desta vez não foi Reagan que dificultou os planos do soviético. Bush afirmou precisar de mais um tempo para avaliar as propostas e atrasou a assinatura de um acordo em um ano. Bush e sua equipe eram muito mais céticos quanto as verdadeiras intenções de Gorbachev que Reagan naquele momento e é cabível afirmar que naquela reunião, Bush foi na prática mais presidente que Reagan. Gorbachev na ocasião discursou na ONU de modo a tentar cativar o novo presidente para acordos de desarmamento nuclear e para pôr fim a Guerra Fria. Após as concessões feitas no Tratado INF e a autorização de inspeções minuciosas, Gorbachev esperava que o START avançasse a passos largos em 1988. Contudo, a equipe de Reagan, com destaque para Frank Collucci e Collin Powell foram mais fortes que Shultz e conseguiram travar ou atrasar bastante o START, afirmam Blanton e Savranskaya. Depois da falta de sucesso da reunião anterior, Gorbachev e seus aliados do Novo Pensamento, ao longo do ano, foram perdendo a esperança de conseguir o START ainda com Reagan na presidência. (BLANTON e SAVRANSKAYA, 2008b)

Gorbachev discursou na ONU trazendo novidade na política externa soviética. A URSS defenderia os “interesses comuns da espécie humana” e não a luta de classes e respeitaria a liberdade de escolha o que foi entendido como dar liberdade ao Leste Europeu que outrora Gorbachev já havia falado que não se deveria obrigar o socialismo sobre eles, ou seja: fim total da Doutrina Brejnev. Parte do Ocidente ficou maravilhada e surpresa, outra parte ficou incrédula com a fala. Entre os céticos, merece destaque os conselheiros de Bush 41, mas depois, em 1991, Bush assinou o START. (BLANTON e SAVRANSKAYA, 2008b).

A reunião já nos últimos dias do governo Reagan foi curta e pouco significativa quanto a resultados práticos. Teve seu papel político, em especial o discurso de Gorbachev na ONU.²⁶ Reagan desta vez estava bem menos indisposto a assinar um tratado, mas preferiu deixar que Bush tivesse a decisão final, pois daí a alguns dias (20 de janeiro) seria o presidente. Gorbachev mesmo sem muita esperança continuava tentando fazer os acordos de desarmamento avançarem.

Vladislav Zubok (2007) oferece um explicação diferente da padrão para o fim da Guerra Fria. É comum a explicação que afirma que por volta do meio da década

²⁶ Discurso completo (transcrição em inglês) disponível em: <https://astro.temple.edu/~rimmerma/gorbachev_speech_to_UN.htm>. Acesso em 24 outubro 2017.

de 1980 a balança de poder ficou muito mais favorável aos EUA e deixou a URSS extremamente frágil. Deste modo, Moscou não tinha outra opção senão se retrair e se associar ao Ocidente. Na sequência, os tomadores de decisão soviéticos perceberam que havia uma lacuna entre a realidade e a antiga forma de fazer política e mudaram seu comportamento. O autor discorda veementemente de tal explicação. Zubok argumenta que não eram apenas os líderes soviéticos que não estavam totalmente conexos com a realidade, mas todos os líderes das potências, pois é assim no mundo inteiro. Moscou sabia que tinha mais de uma opção na época. Por exemplo, entre 1981-1984 a URSS procurou enfrentar o *build up* militar americano através da “paridade estratégica”, em uma competição total. Quando Gorbachev chega ao poder, bem no começo, tinha uma visão um pouco parecida com a de seu “padrinho político”, Andropov; acreditava que não seria possível uma aproximação ainda durante o governo Reagan.

O autor continua e mostra outras opções que remetem à história soviética. No começo do governo Krushev, a URSS não saiu da corrida armamentista, mas se afastou um pouco de modo a ganhar tempo e fôlego. Tal política foi unilateral e objetivava um reformismo, mas este era gradual e com o Estado mantendo o controle de todas as áreas (economia, social, partido único). Até o fim da Guerra Fria (1989) a maioria nos EUA acreditava que Gorbachev estava adaptando este modelo. Outra opção, inclusive cogitada por Gorbachev, era um “acordo amigável” com os EUA que compreenderia uma redução armamentista mútua. Tal forma adaptaria a “coexistência pacífica” de Krushev e Brejnev. A URSS, faria acordos, contudo, continuaria a ser uma superpotência e manteria seus interesses no exterior e a paridade com os EUA. Contudo, Gorbachev não tentou nenhuma dessas opções com vigor, tampouco buscou seguir o modelo chinês. (ZUBOK, 2007).

De fato, a situação econômica da URSS era crítica nos anos 1980 e piorou durante o governo Gorbachev. Àquela altura, a URSS não poderia ser considerada uma superpotência econômica e os EUA, implementavam uma guerra econômica, pois percebiam que era vantajoso que a URSS se afundasse na sua economia problemática. Já com Andropov e Chernenko, a URSS percebia que não podia dar continuidade à corrida armamentista, logo, buscava ressuscitar a *détente*. Tal explicação não está errada, porém não é correto afirmar que foi esta a causa das ações de Gorbachev. Outro ponto importante que Zubok desta e que por vezes é

ignorado, é que a crise econômica máxima e a crise do Estado soviético ocorrem entre 1986 e 1988 e pioram cada vez mais devido as políticas de Gorbachev (perestroika e glasnost). Até Gorbachev acelerar as reformas ainda mais em 1988, a URSS tinha condições de negociar assuntos de desarmamento e militares senão em pé de igualdade, próximo a isso. A maior mudança da URSS na sua forma de negociar foi a partir de 1987, antes da crise atingir níveis estratosféricos. Gorbachev queria realizar suas reformas, mas contava com pouco apoio do Politburo e órgãos de altas instâncias. Então, buscou o apoio que faltava no exterior. Zubok afirma que Gorbachev dava muita importância às ideias, de modo a elas serem maiores que os interesses de Estado e o comunismo. (ZUBOK, 2007).

Brown (1996) também afirma que Gorbachev e aliados procuraram apoio internacional diante das dificuldades internas, pois acreditavam que para que se pudesse realizar as reformas na URSS e enfrentar a estagnação, era necessário obter apoio internacional, sobretudo ocidental. Neste aspecto discorda um pouco de Zubok, pois considera que as dualidades econômicas o impeliu a agir. Contudo, é importante observar que a afirmação parte da ideia de que Gorbachev acreditava ser necessário o apoio internacional e não que ele era realmente necessário. Logo, não descarta que foi devido a uma interpretação de Gorbachev que o fez (como um dos motivos, não o único) buscar aproximar a URSS dos EUA. Também, não contradiz hipótese de que EUA e URSS tiveram suas relações menos tensas na segunda fase devido às mudanças e concessões de Gorbachev, pois: 1) crença que o apoio internacional era necessário para dar continuidade nas reformas, 2) dificilmente, e o líder russo sabia disso, os EUA dariam apoio ao seu governo se a URSS não mudasse e não cedesse nas negociações de desarmamento, bem como reduzisse seu poderio militar convencional e 3) dificilmente os EUA dariam apoio ao seu governo se a URSS não mudasse internamente (medidas liberalizantes, direitos humanos) e sua política externa como reduzir intervenções no exterior, afrouxar a corda do Leste Europeu (lembrar que o governo Reagan não queria apenas impedir a expansão do comunismo, queria um *roll back*).

Tsygankov (2013) afirma que Gorbachev já chegou ao poder com a intenção de mudar. Sua política externa já pretendia o desarmamento amplo (em especial no que tange as relações EUA-URSS), fortalecimento de instituições como a ONU, fim do envolvimento e do apoio militar no Terceiro Mundo e no Leste Europeu. Tudo isso

se daria em passos, a começar com a aproximação com o Ocidente através da desmilitarização. A doutrina militar soviética seria, então, defensiva e não ofensiva, incluindo planejando e oferecendo o fim de testes nucleares, fim do Pacto de Varsóvia e cortes das forças convencionais que o Ocidente em momento nenhum prometeu replicar. Mesmo com Gorbachev oferecendo tanto, os líderes ocidentais (especialmente Reagan) não confiavam na nova URSS, apesar de terem simpatia pela pessoa de Gorbachev.

Gorbachev (antes de ser secretário-geral, depois de eleito buscou formar sua equipe) era o único membro do Politburo que acreditava que a URSS deveria mudar a sua política com os EUA. O Politburo estava repleto de membros preocupados com Reagan, mas até o Governo Gorbachev, a reação para a ameaça americana era a tradicional, armando mais a URSS. Brown argumenta que o fator Reagan, assim como SDI e crise interna tiveram seus pesos para as relações URSS-EUA mudarem, mas o fator central e mais importante foi Gorbachev. (BROWN, 1996).

O fator Gorbachev foi, no entanto, muito mais decisivo do que o fator Reagan. As políticas de Reagan não fizeram nada para mudar a política soviética para melhor durante seu primeiro mandato. Se a falta de saúde dos dois secretários-gerais anteriores - ambos escolhidos durante o primeiro mandato de Reagan - não tivesse se deteriorado rapidamente, levando às suas mortes, Gorbachev não teria chegado ao poder enquanto Reagan ainda estava na Casa Branca.²⁷ (BROWN, 1996, p. 227, tradução nossa).

Zubok (2007) afirma que mesmo muitos historiadores não gostando de atribuir grande fatos históricos a sujeitos, eles concordam que o fim da URSS foi graças aos seus líderes e não a Reagan como seus apoiadores gostam de afirmar. É muito presunçoso e pouco coerente afirmar que Reagan cumprir seu objetivo deixar o comunismo no cinzeiro da história para usar a expressão que o presidente gostava. Certamente não é correto ignorar Reagan e sua equipe que discorda entre si e tal pluralidade de opiniões (ou ao menos mais de uma) permitiu que a administração se modificasse, não se mantendo estática.

Reagan não buscou se aproximar do novo secretário após a morte de Brejnev. Na verdade, anunciou a SDI, chamou a URSS de “Império do Mal”,

²⁷ Texto original: “Gorbachev factor was, however, much more decisive here than the Reagan factor. Reagan's policies had done nothing to change Soviet policy for the better during his first term of office. Had not the health of two successive General Secretaries—both of them chosen during Reagan's first term—deteriorated rapidly, leading to their deaths, Gorbachev would not have come to power at all while Reagan was still in the White House.”

aproveitou do incidente do avião coreano abatido e continuou com o plano da instalação dos mísseis da OTAN. Foi Gorbachev quem avançou para aproximar os dois países. Brown (1996) inclusive afirma que se Ustinov e Gromyko soubesse de verdade quem era e o que pretendia Gorbachev, não teriam permitido sua ascensão a secretário-geral. O autor continua e lembra que a SDI foi anunciada em 1983 e a eleição de Chernenko foi em 1984, logo o Politburo não elegeu Gorbachev devido a pressões dos EUA.

George Kennan, diplomata e pensador que inspirou a Doutrina Truman escreveu um artigo para o “The New York Times” em outubro de 1992. No texto, além de negar que existe um vencedor da Guerra Fria, afirma que a dureza dos líderes EUA mais atrasaram que aproximaram as mudanças na URSS no final dos anos 1980 e na verdade dificultaram que houvesse melhoras nas relações entre os países.

Quanto mais os líderes políticos da América foram vistos em Moscou como comprometidos com uma resolução final militar em vez de uma resolução política das tensões soviético-americanas, maior a tendência em Moscou de apertar os controles tanto do partido como da polícia, e maior o efeito de frenagem em todas as tendências liberalizadoras no regime. Assim, o efeito geral do extremismo da guerra fria era atrasar em vez de acelerar a grande mudança que atingiu a União Soviética no final da década de 1980.²⁸ (KENNAN, 1992, s.p., tradução nossa).

Brown (1996) afirma que Reagan teve a sorte de Gorbachev ser eleito, não foi o seu primeiro mandato ríspido o causador da eleição daquele e traz alguns argumentos bastante interessantes para este trabalho. Quando Gorbachev foi eleito, ele ainda não aparentava que pretendia fazer a URSS desviar de sua política militar tradicional. Na verdade, Gorbachev e aliados já haviam assumido uma posição de liderança no funeral de Chernenko, antes que todos os membros do Politburo chegassem e aproveitou o evento para pressionar os chefes de Estados do Leste Europeu (já estava fazendo política externa sem ao menos ter assumido o poder oficialmente). O fator que Gorbachev tinha de diferente e que realmente pode ter pesado significativamente para sua escolha era o fato de ser jovem, pois o Politburo não podia mais eleger um secretário-geral que não aparentasse que estaria vivo por menos que dois anos de novo. Gorbachev foi eleito como um modernizador, não um

²⁸ Texto original: “The more America's political leaders were seen in Moscow as committed to an ultimate military rather than political resolution of Soviet-American tensions, the greater was the tendency in Moscow to tighten the controls by both party and police, and the greater the braking effect on all liberalizing tendencies in the regime. Thus the general effect of cold war extremism was to delay rather than hasten the great change that overtook the Soviet Union at the end of the 1980's.”

transformador e próprio já havia se pronunciado de modo a aparentar isso como quando afirmou que a URSS deveria ser mais agressiva com os EUA que superexplorava o incidente do avião coreano ou quando disse que a URSS não deveria mudar sua política, deveria manter-se leninista. Por fim, Brown argumenta que política interna pesava muito mais para a eleição de um secretário-geral na URSS que política externa.

Tsygankov (2013) considera Gorbachev ingênuo. Sobre as consequências do Novo Pensamento (o autor neste momento faz uma consideração relativa não apenas ao tempo que este trabalho foca, mas até 1991) conclui que pouco a pouco o Ocidente foi abandonando Gorbachev, ignorando suas iniciativas desde desarmamento, a deixar de intervir no exterior, dissuasão, não uso da força e o russo ficou isolado. Mesmo assim, Gorbachev não parou sua política unilateral de retirada e concessões militares (algumas ainda com Reagan como o Tratado INF, saída do Afeganistão, começo da autonomia do Leste, anúncio de redução brusca das forças militares convencionais), pois acreditava que o Ocidente uma hora iria aceitar a URSS como um igual e daria apoio as políticas internas de Gorbachev. Para o autor uma política externa de sucessos precisa ser compatível com o interno e ter reciprocidade dos outros países e, àquela altura, a URSS não tinha nem um nem outro. O Ocidente (especialmente EUA) não foi ingênuo nas negociações, ganhando muito e dando pouco.

É visto, portanto, que Gorbachev estava empenhado em realizar seus objetivos. As transformações e concessões que iria oferecer já estavam programadas. Claro, na prática, no decorrer dos fatos, os planos não saem exatamente como se pretende. Gorbachev tem, então, que adaptar; mas é notável que as transformações e concessões que realmente se tornam mais significante a partir de 1987, não nascem naquele ano. Também é notável que os EUA pouco ou nada têm como causadores destas, tampouco da aproximação entre os dois países. Tal aproximação só se tornou possível com a URSS adotando um papel como “o lado fraco da balança” (papel esse que o país não necessariamente tinha que adotar, mas escolheu-o). Os EUA foram mais reativos, aceitando a aproximação e se aproveitando dela, mesmo não sendo recíprocos plenamente.

No período percorrido neste capítulo há quatro secretários-gerais. A fase de cada foi diferente do outro, merecendo frisar que a época de Andropov de a mais

tensa. A de Chernenko foi parecida com a de Brejnev e pouco agitada e a de Brejnev foi com a URSS tentando continuar exatamente do jeito que era na década anterior com algumas diferenças (como um abrandamento da Doutrina Brejnev, não abandono). Durante a época dos três, EUA e URSS viviam com relações bastante estremecidas quem faziam parecer que a détente tinha sido um passado distante. A redução de tensão de forma significativa só vai ocorrer com Gorbachev no comando moscovita. Também é só com ele que a URSS se empenha tanto e se dispõe a oferecer tanto.

5 EMBASAMENTO TEÓRICO

Este trabalho não objetiva ser baseado em uma teoria, tampouco objetiva ser exemplo que prova uma teoria de Relações Internacionais. Contudo, far-se-á uso de definições da Teoria Construtivista de Alexander Wendt para explicar o porquê de ações da URSS na segunda fase do trabalho, pois a forma que o país agiu durante o governo Gorbachev é muito complexa e outras teorias mais tradicionais têm dificuldade em explicar tantas partes quanto esta explica. A seguir uma explicação breve dos principais pontos da teoria Construtivista que são úteis a este trabalho.

Wendt (2013) não nega a anarquia, mas discorda do pressuposto realista estrutural que parte da anarquia e já faz uso da premissa de que a anarquia necessariamente causa a autoajuda e mostra que a anarquia tem, na verdade, um papel de permitir a autoajuda, não causá-la. Wendt trabalha três formas nas quais os interesses e as identidades são transformadas na estrutura de anarquia: pela instituição (reconhecimento) da soberania, pela evolução da cooperação e por esforços intencionais de transformar identidades inicialmente egoístas em cooperativas. Aqui explicar-se-á apenas a última, pois esta é mais importante para este trabalho. Antes, porém, serão explicados (sem a intenção de aprofundá-los) alguns conceitos básicos que são essenciais para compreender a forma de mudanças dentro da anarquia.

A partir da teoria construtivista social que afirma que as pessoas com outros atores e situação relativamente ao que estes significam para elas, Wendt (2013) se apropria da ideia e a aplica aos Estados. Deste modo, o Estado age com outro de acordo com o que ele significa para o primeiro. Como a URSS é historicamente inimiga dos EUA, os EUA agem com ela de uma forma que considerava isso, seja com desconfiança, seja objetivando prejudicá-la, seja temendo-a. O contrário também é verdadeiro. Os Estados agem de um jeito com amigos e de outro com inimigos. A anarquia não consegue explicar o porquê de um Estado ser visto como ameaça e outro não, ou como o autor usa de exemplo, os mísseis britânicos têm um significado diferente dos soviéticos para os EUA. Para entender essa situação, precisa-se entender os conceitos de interesse, identidade e instituição. Na verdade, que o realmente importa é como os atores se veem, o que esperam do outro, pois

isso que os faz interpretar a distribuição de poder. “É o significado coletivo que constitui as estruturas que organizam nossas ações.” (WENDT, 2013, p. 430).

As identidades são uma realidade psicológica, sempre relativas relacionadas ao portador da identidade e a quem a interpreta. Identidades são “(...) entendimentos e expectativas relativamente estáveis da função específica sobre si próprio.” (WENDT, 2013, p. 430). Um Estado pode ter mais de uma identidade, visto por uns como imperialista e por outros como bastião da liberdade. Uma identidade é baseada nas teorias que o Estados possui coletivamente de si mesmo e de outros e são as identidades constituintes da estrutura mundial. Os interesses, por sua vez, são oriundos das identidades, não são independentes do contexto social, mas os Estados definem seus interesses quando têm que definir as situações. Quando uma situação é inédita, o ator não possui referências anteriores e tem que dar o significado da situação e, logo, seu interesse por analogia ou criando um. (WENDT, 2013). Na Guerra Fria, havia a hostilidade entre as duas superpotências e os interesses eram de disputa, expansão de seus sistemas, preservação de seus Estados, dentre outros muitos, pois Estados não têm apenas um ou dois interesses e parece lógico que quanto mais poderoso, provavelmente mais interesses existem.

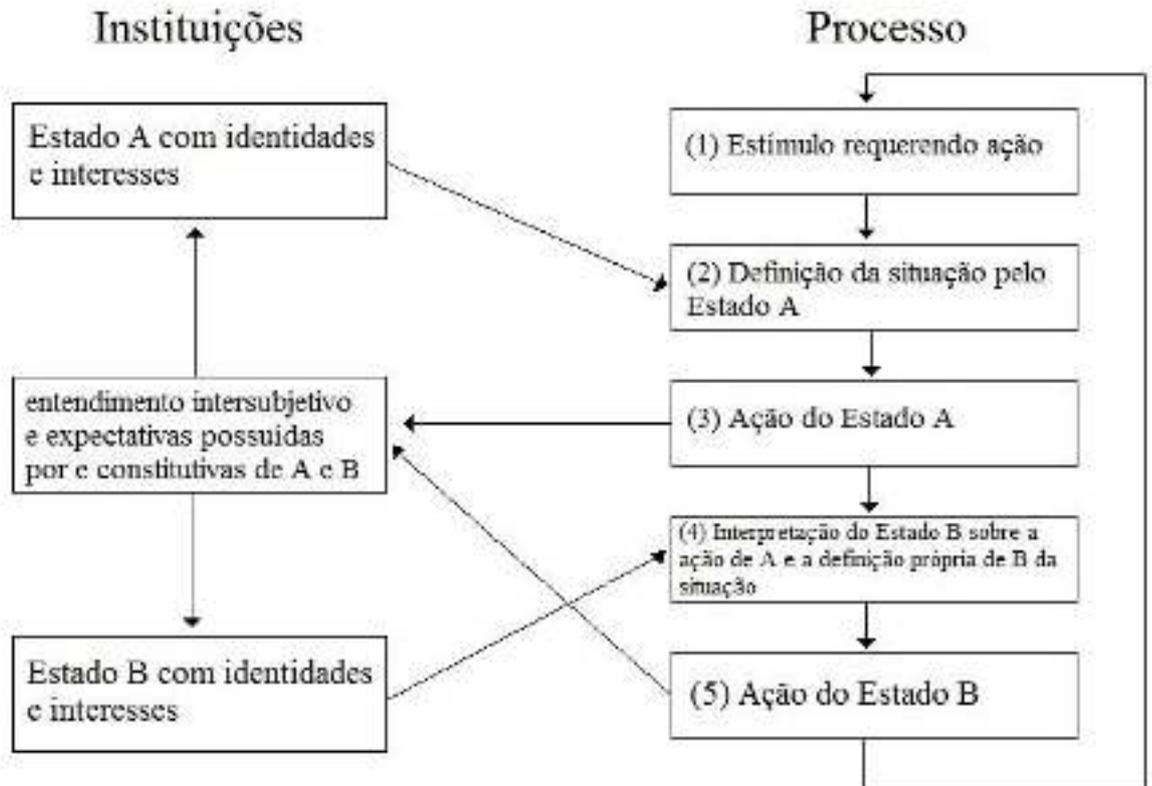
“Uma instituição é um conjunto ou uma “estrutura” relativamente estável de identidades e interesses.” (WENDT, 2013, p. 432). As referidas estruturas são muitas vezes codificadas em regras formais, porém sua força motivacional se dá em razão da socialização dos atores que participam do conhecimento coletivo. As instituições cognitivas que não existem fora das ideias dos atores constituintes, mas ainda assim são reais e objetivas. As identidades e cognições coletivas estão ligadas, não existe uma sem a outra e “(...) institucionalização é um processo de internalização de novas identidades e novos interesses (...)”. (WENDT, 2013, p. 432). As instituições podem ser cooperativas ou conflituosas, como a autoajuda que o autor explica que é: “(...) uma instituição, uma entre as várias estruturas de identidade e interesse que podem existir sob a anarquia. Os processos de formação de identidade sob a anarquia preocupam-se principalmente com a preservação da “segurança” de si próprio.” (WENDT, 2013, p. 433). Nessa situação anárquica, o autor identifica três possibilidades de sistema de segurança: o competitivo, o realista em que um Estado se identifica com o outro de um jeito negativo, isto é preocupados com ganhos e perdas relativas; o individualista, o neoliberal em se preocupam com

suas seguranças a partir de ganhos absolutos. Ambos são formas de autoajuda. Por fim, o sistema cooperativo, os Estados se identificam e forma positiva e entendem a segurança como responsabilidade de todos, sobrepondo os interesses internacionais sobre os nacionais. Nesta situação os Estados têm que ter interesses iguais e imagens que os aproximam. (WENDT, 2013).

Partindo do ponto já concluído que a anarquia é permissiva à autoajuda e esta não parte é inerente àquela, tem-se o segundo princípio do construtivismo: “(...) os sentidos ao redor dos quais a ação é organizada surgem da interação.” (WENDT, p. 438, 2013). Ou seja, a partir da interação que é dado o significado de uma ação, tudo isso considerando o histórico, imagem e interesses dos atores. Pode-se usar de exemplo um fato já narrado neste trabalho: o Governo Andropov interpreta que a ação do Governo Reagan de seguir com os planos da OTAN de instalar mísseis na Europa Ocidental é uma grave ameaça à URSS, bem como interpreta como risco iminente o treinamento da OTAN no final do ano de 1983. Em nenhum destes dois momentos os EUA pretendiam iniciar uma guerra nuclear ou uma guerra convencional contra a URSS, mas interpretação soviética considerando a imagem que os EUA tinham (em especial no governo Reagan) e a interpretação dos interesses americanos que a URSS teve indicavam um risco, uma “mentalidade de pior caso” para usar uma expressão que Wendt utiliza.

Ocorrem atos sociais em que há uma sinalização seguida de uma interpretação e esta seguida de uma resposta. Havendo um mecanismo de reforço, de repetição (note que isto é um ciclo que quando o processo acaba, recomeça e ocorre tanto de A para B quanto de B para A), há uma recompensa aos atores por manterem determinadas ideias sobre o outro lado e evita que surjam outras ideias. (WENDT, 2013). Como exemplo, pode-se pensar na URSS de Gorbachev que busca passar uma ideia, espera que os EUA a interpretem e respondam e forma favorável. “Se os estados se encontram em um sistema de autoajuda, isto é porque suas práticas assim fizeram. Uma mudança de práticas mudará o conhecimento intersubjetivo que constitui o sistema.” (WENDT, 2013, p. 444). A figura 1 ilustra o processo.

Figura 1 Processo de sinalização, interpretação e imagem



Fonte: WENDT, 2013, p. 442.

O trabalho retoma agora a como o construtivismo explica a possibilidade de mudança de interesses e identidades na estrutura da anarquia, focando no que o autor chama de “cooperação entre egoístas”, pois esta parte explica melhor a situação que o trabalho se dispõe. O construtivismo, neste caso, se foca em buscar explicar como a expectativa gerada pelo comportamento afeta interesses e identidades. Assim, o processo de criação de instituições é a internalização de novos entendimentos de si e do outro lado e novas funções de identidade. Ainda que não haja a intenção de cooperar, a cooperação é causada pela mudança de interesses ao comprometimento com as normas sociais. À medida que o processo se desenvolve e repete, a interdependência passará de positiva de resultados para positiva de utilidades. Porém, a interdependência não tem apenas lados benéficos, ela gera vulnerabilidade e pode permitir que um lado seja explorado. Ainda assim, se se incorpora as identidades coletivas, ocorre mudanças de interesse, o mesmo Estado pode se tornar algo muito diferente. (WENDT, 2013).

Mesmo para o construtivismo explicar a mudança de interesses e de imagem da URSS é difícil, pois este processo de mudança é lento e gradual e os atores geralmente não poderiam ser previamente inimigos, pois o interesse para a cooperação seria em ganhos absolutos (isso não é uma regra, apenas se entende que numa situação de prévia inimizade é quase impossível uma cooperação grande). Contudo, numa situação em que espíritos revolucionários exercem esforços conscientes para mudar os interesses e imagem e conscientemente buscam cooperação, a cooperação é possível de acontecer. Os atores já que podem tomar decisões, podem também recriar identidades interesses, apesar de na maioria das vezes não os fazerem. Para que haja tal escolha consciente, são necessárias duas condições: 1) um motivo para pensar em si de forma diferente e 2) o que se espera dos custos da mudança não são maiores que os ganhos. Importante notar deve se esperar que a mudança seja vantajosa, não que ela necessariamente será. O autor, inclusive, faz uso como exemplo de Gorbachev e seu Novo Pensamento, explicando em quatro partes. (WENDT, 2013).

A primeira parte é quebrar o consenso aos interesses que sua imagem tem, neste caso, quebrar os interesses da teoria leninista imperialista, de modo a deixar no passado a ideia de que Estados capitalistas e socialistas são necessariamente inimigos. A segunda parte é examinar as ideias de si e dos outros e as estruturas de interação que sustentam tais ideias. Em tempos difíceis é mais fácil fazer uma avaliação crítica das ideias que parecem, mas não são parte obrigatória do Estado e reconhecer o papel que elas têm na imagem do Estado diante de outros. Assim, Gorbachev lança o Novo Pensamento a fim de acabar com a lógica da Guerra Fria e iniciar a cooperação com o Ocidente. Abandona a ideia leninista de interesses inerentes ao socialismo e reconhece o papel que a URSS tinha na imagem que os Ocidentais pensava dela.²⁹ Como mudar a si apenas não é suficiente, pois há uma interação, é necessário mudar as identidades e interesses do outro que sustentam a estrutura. A partir das próprias práticas pode-se induzir a mudança no outro, em especial fazendo uso do *altercasting* que basicamente seria mudar e tratar o outro lado como se também já tivesse mudado. O autor considera que a forma mais rápida

²⁹ Apesar de o autor não citar, é necessário reconhecer que o sentido inverso também é verdadeiro. Muito da imagem que a URSS tinha dos EUA como ameaçadores e imperialistas, era devido a interesses e ações dos EUA. E como o próprio construtivismo afirma, há um ciclo em que a resposta é devido à interpretação de uma ação do outro. Não seria justo culpar apenas a URSS por toda a tensão e competição.

é fazendo ofertas irrecusáveis e iniciativas unilaterais. Gorbachev, por exemplo, retira a URSS do Afeganistão, realiza cortes militares assimétricos, busca fazer o Ocidente aceitar que tem a obrigação de ajudar a URSS e mostra que as relações URSS-Ocidente dependem de o Ocidente assumir a imagem que a URSS quer. O *altercasting* serviria para evitar que o Ocidente continuasse a agir como antes com a justificativa que não pode confiar na URSS. Contudo, o autor lembra que apesar de tender a gerar reciprocidade³⁰, não necessariamente ela ocorrerá, com lado fazendo papel de “idiota” (expressão do autor) e fazendo não haver um ciclo. (WENDT, 2013).

A partir da teoria construtivista, é possível analisar melhor os feitos, concessões, e reformas que o governo Gorbachev fez e como estes impactaram nas relações com os EUA. O próprio exemplo dado por Wendt vai direto ao ponto do trabalho. Logo, pode-se entender que quando o Governo Gorbachev anuncia o Novo Pensamento, ele está mudando os interesses e a imagem da URSS. Quando Gorbachev anuncia que a URSS irá respeitar a soberania dos países do Leste, está mudando os interesses soviéticos (não mais imperialistas, não mais de acordo com a Doutrina Brejnev) e buscando mudar a imagem que o Ocidente tinha do país como imperialista e que era suada como justificativa para a dureza dos EUA, sobretudo no governo Reagan. A saída do Afeganistão pode ser vista de forma semelhante e ainda é cabível lembrar que foi a invasão ao Afeganistão que recrudescer os EUA, fez a détente morrer e aumentou a tensão ainda com o governo Carter e foi usada por Reagan não apenas para ganhar votos, como para justificar sua dureza diante do país comunista. Outro ponto a se destacar era que com Gorbachev a URSS começa a superar um assunto muito delicado e passa a aceitar as definições ocidentais de direitos humanos, liberdade; assunto que muito incomodava Brejnev quando a administração Carter evocava.

O mais importante, a teoria construtivista explica o porquê de Gorbachev fazer ofertas tão generosas aos EUA e aceitar tão pouco em contrapartida. Desde a assinatura do tratado INF, a aceitar a SDI, corte de forças convencionais (esta já mais para o fim), antes do INF ter se reunido e oferecido mais em uma reunião que em todo o passado (reunião na Islândia), aceitar que Reino Unido e França (ambos

³⁰ Este trabalho considera que não houve reciprocidade da parte dos EUA, apenas pequenos gestos muito menores que os feitos pela URSS.

são membros da OTAN) não se desfaçam de seus mísseis (na Europa e com capacidade de atingir a URSS). Gorbachev e aliados queriam não apenas mudar os interesses da URSS, queriam mudar a sua imagem (como quando a URSS se propõe como defensora da raça humana ao invés de líder dos proletários mundiais). Moscou esperava que o Ocidente (sobretudo Washington) visse a URSS com outros olhos e cooperasse, ajudasse e desse o apoio às reformas internas. Na verdade, a estratégia se mostrou pouco eficiente, os EUA souberam pegar os ganhos e soltaram pouco a URSS. A teoria ainda não nega que Gorbachev foi o grande responsável pela aproximação, nem afirma que os EUA tiveram papel essencial em fazer a URSS mudar. A mudança partiu de dentro, com base em uma interpretação de Gorbachev e aliados que ela era necessária, mas outros no Politburo não pensavam assim (como os mais tradicionais e velhos como Gromyko e Ustinov). Nada indica que a situação realmente obrigasse a URSS a agir assim, a situação (EUA, Reagan, anarquia no sistema internacional, crise econômica) apenas permitia que a URSS mudasse.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto ao longo do trabalho, em especial nos capítulos referentes a União Soviética e às relações desta com os Estados Unidos, o governo Gorbachev é muito diferente dos anteriores e gera consequência surpreendentes (na verdade, continua a gerar até a dissolução do país). Com tantas transformações, é cabível questionar o porquê delas. Neste trabalho é afirmado que a razão de as relações entre EUA e URSS mudarem tanto na comparação do período referente ao primeiro mandato de Reagan com o segundo é a chegada de Gorbachev, mais exatamente devido às reformas e concessões realizadas e ao longo do trabalho, especialmente no capítulo 2, viu-se a ligação destas com o Novo Pensamento. Portanto, afirma-se indiretamente (e agora diretamente) que se Gorbachev não chegasse ao poder naquela época, seja por não ser eleito ou supondo que Brejnev ou Andropov ou Chernenko não morressem, tal fato (mudança nas relações entre os países de modo a gerar aproximação) talvez não ocorresse.

É muito difícil imaginar que Brejnev, Andropov, Chernenko ou algum outro nome velho e poderoso do Politburo como Gromyko ou Ustinov fariam o que Gorbachev fez. Gorbachev por sua vez, mesmo considerando todos os problemas da União Soviética (que não eram poucos) não fez o que fez por obrigação, não foi apenas a conjuntura que o levou a isso. Ele optou, ele (e seus aliados do Novo Pensamento) tinham suas convicções políticas e ideológicas independentemente das dificuldades que o país passava na época. Tampouco é cabível afirmar que o socialismo ruiu e isso fez URSS agir da forma que agiu. O socialismo e a URSS não estavam condenados ao fracasso nem fracos demais a ponto de não poderem continuar agindo similar a anteriormente. Não foi a crise doméstica que fez Gorbachev acelerar o fim da Guerra Fria. A crise doméstica contribui para aproximação no sentido de ter sido mais um motivo para Gorbachev e seus aliados quererem a redução de tensão e da corrida armamentista.

Também foi visto ao longo do trabalho que Washington não buscou se aproximar de Moscou consideravelmente. A iniciativa partiu de Moscou, Washington percebendo as vantagens que poderia obter, aceitou; tendo ganhos grandes e oferecendo pouco. Sim, a administração Reagan, como visto no capítulo 2, tinha a estratégia de negociar a partir de uma posição de força. Contudo, os EUA não eram

muito mais fortes entre 1985-1989 que entre 1981-1985 (a SDI continuava um projeto de facticidade questionável). A URSS, por sua vez, não estava muito mais problemática ao menos até os resultados da perestroika começaram a ter força e Gorbachev já na Islândia mostrou estar disponível a fazer ofertas cativantes. O fato de as relações melhorarem com o tempo é mais uma questão de as ofertas soviéticas serem mais ousadas com o amadurecimento do Novo Pensamento e a obstinação de Gorbachev e seus aliados de garantirem que seu projeto de nova política não morra nas mãos da velha guarda soviética ou por falta de apoio ocidental.

A teoria construtivista ajuda a confirmar que a estrutura, a crise econômica, os EUA de Reagan não foram os causadores da mudança soviética. Tais fatores, no máximo, podem ser considerados como permissivos que a URSS mudasse sua identidade e seus interesses. De jeito nenhum é adequado dizer que Gorbachev foi obrigado a fazer a URSS mudar. O Novo Pensamento é uma política cuidadosamente planejada, uma escolha racional que, na interpretação daqueles que o planejou, traria mais benefícios que custos ao país.

Foi visto no capítulo 3 que o sucessor de Brejnev, Andropov, optou por responder a dureza de Reagan com mais dureza e devido a seu histórico, sua linha de raciocínio, via os EUA como uma ameaça e de um jeito que Gorbachev não via. Chernenko busca praticamente dar continuidade ao legado de Brejnev. Brejnev por mais que corretamente (e a détente é dissertada neste trabalho) seja lembrado pela détente, não era um estadista que aceitava negociar com os EUA em posição de grande desigualdade. Entre Andropov e Gorbachev (que era apoiado por Andropov) há um espaço de tempo de pouco mais que um ano. Não há uma diferença colossal entre a URSS que Andropov deixa e a URSS que Gorbachev assume para que se possa afirmar que a conjuntura obrigava Gorbachev ou que Reagan finalmente havia conseguido a tal almejada posição de força a ponto de poder impor a vontade americana. Também foi visto que a SDI (uma das maiores preocupações que os líderes soviéticos tinham naquela época) foi lançada em 1983. O próximo secretário-geral eleito pelo Politburo foi Chernenko em 1984. Logo, não parece correto afirmar que Gorbachev foi eleito por um Politburo acuado. Na verdade, se o Politburo soubesse de antemão o que Gorbachev iria fazer nos anos seguintes, o russo possivelmente jamais seria secretário-geral.

Foi visto, ainda no capítulo dedicado a URSS, que Gorbachev queria mudanças de fato. Com o tempo, abandonou a fórmula de Stálin de dois campos, retirando a imagem que havia sobre os EUA de imperialistas, aceitando e incentivando a interdependência. Também abandonava a visão de luta de classes internacional, assim, não haveria mais uma grande razão para uma luta contra os EUA. Também queria mudanças internas para a URSS, afastando o país (isso já depois, pela metade de seu governo) do ideal comunista e aproximando de um ideal socialdemocrata.

No capítulo 4 pôde-se perceber que enquanto a URSS replicava a dureza de Reagan e mantinha uma imagem dos EUA como uma grande ameaça como durante o governo Andropov, a relação entre os países piorava. Chernenko aceita a retomada das negociações que Andropov havia contido, os EUA começam (muito modestamente, quase invisível) a ficarem menos duros. Com Gorbachev se pondo disposto a negociar e a ceder e mostrando que não tinha uma visão como de Andropov, os EUA vão abrandando o discurso e aceitando negociar até chegar ao ponto de Reagan dizer que a URSS já não era o império do mal. O objetivo do trabalho não é discutir se foi vantajoso para a URSS agir assim, mas entender o porquê da redução de tensão. Ao longo do trabalho, foi possível notar que era necessário entender a ação da URSS na Era Gorbachev para entender o motivo. Ao final, foi possível confirmar que o governo Gorbachev e suas ações foram os maiores responsáveis pela redução de tensão nas relações entre EUA e URSS.

REFERÊNCIAS

BILSLAND, James. **The President, the State and the Cold War**: Comparing the foreign policies of Truman and Reagan. Nova Iorque: Routledge, 2015. 236 p.

BLANTON, Thomas; SAVRANSKAYA, Svetlana. **The Moscow Summit 20 Years Later**. 2008. National Security Archive Electronic Briefing Book No. 251. Disponível em: <<http://nsarchive2.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB251/index.htm>>. Acesso em: 24 out. 2017.

BOWKER, Mike. Brezhnev and Superpower Relations. In: BACON, Edwin; SANDLE, Mark. **Brezhnev Reconsidered**. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2002. Cap. 5. p. 90-109.

BROWN, Archie. The Soviet Succession: From Andropov to Chernenko. **The World Today**, Londres, v. 40, n. 4, p.134-141, abr. 1984. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/40395598>>. Acesso em: 11 set. 2017.

_____. **The Gorbachev Factor**. Oxford: Oxford University Press, 1996. 406 p.

_____. Perestroika and the End of the Cold War. **Cold War History**, Londres, v. 7, n. 1, p.1-17, fev. 2007. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14682740701197631>>. Acesso em: 11 jun. 2017.

BUSCH, Andrew E.. Ronald Reagan and the Defeat of the Soviet Empire. **Presidential Studies Quarterly**, Washington, v. 27, n. 3, p.451-466, jun. 1997. Disponível em: <<https://www.questia.com/library/journal/1G1-20084320/ronald-reagan-and-the-defeat-of-the-soviet-empire>>. Acesso em: 04 maio 2017.

DOBSON, Alan. Ronald Reagan's Strategies and Policies: Of Ideology, Pragmatism, Loyalties, and Management Style. **Diplomacy & Statecraft**, Boston, v. 27, n. 4, p.746-765, dez. 2016. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09592296.2016.1238705?scroll=top&neededAccess=true>>. Acesso em: 10 maio 2017.

DONALDSON, Robert; NOGEE, Joseph. **The Foreign Policy of Russia**: changing systems, enduring interests. 3. ed. Armonk: M.E. Sharp, 2005. 419 p.

FISCHER, Beth A.. **The Reagan Reversal: Foreign Policy and the End of the Cold War**. Columbia: University Of Missouri Press, 2000. 192 p.

GORBACHEV, Mikhail. **Politburo Session; December 17, 1987**. 2007. Discurso para o Politburo em 17 dezembro 1987. Disponível em: <<http://nsarchive2.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB238/russian/Final1987-12-17PolitburoSession.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2017.

_____. **Politburo, February 25, 1988 On the outcomes of Shultz' visit to the USSR**. 1988. Fala de Gorbachev na sessão do Politburo em 25 de fevereiro de 1988. Disponível em: <<http://nsarchive2.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB251/2.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2017.

_____. **Gorbachev's Speech to the U.N. December 7, 1988**. 1988b. Discurso na ONU em 7 de dezembro de 1988. Disponível em: <https://astro.temple.edu/~rimmerma/gorbachev_speech_to_UN.htm>. Acesso em: 24 out. 2017.

JACKSON, William D.. Soviet Reassessment of Ronald Reagan, 1985-1988. **Academy Of Political Science**, Nova Iorque, p.617-644, dez. 1998. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2658247?seq=1&cid=pdfreference#references_tab_contents>. Acesso em: 27 jun. 2017.

JENTLESON, Bruce W.. **American foreign policy: the dynamics of choice in the 21st century**. Nova Iorque: W. W. Norton & Company, 2010. 768 p.

JOHNSTON, David Bradford. **Ronald Reagan's Race to Space: American Atomic Diplomacy and SDI in the Age of Reykjavik**. 2013. 163 f. Tese (Doutorado) - Curso de Culturas Mundiais, Universidade da Califórnia, Merced, Merced, 2013. Disponível em: <<http://escholarship.org/uc/item/2539h6p7>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

KENNAN, George F.. The G.O.P. Won the Cold War? Ridiculous. **The New York Times**. Nova Iorque. 28 out. 1992. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1992/10/28/opinion/the-gop-won-the-cold-war-ridiculous.html>>. Acesso em: 22 out. 2017.

LOBO, Carlos Eduardo Riberi; CORTEZ, Ana Claudia Salgado. O Programa "Guerra nas Estrelas" e o governo Reagan. **Cadus: Revista de História, Política e Cultura**, São Paulo, v. 1, n. 1, p.39-50, jul. 2015. Disponível em:

<<https://revistas.pucsp.br//index.php/polithicult/article/view/23724>>. Acesso em: 16 maio 2017.

LUNDESTAD, G.. 'Imperial Overstretch', Mikhail Gorbachev, and the End of the Cold War. **Cold War History**, London, v. 1, n. 1, p.1-20, jan. 2000. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/loi/fcwh20>>. Acesso em: 26 jun. 2017.

MCCORMICK, James M.. **American Foreign Policy and Process**. Boston: Wadsworth, 2010. 677 p.

PATMAN, Robert G.. Reagan, Gorbachev and the Emergence of 'New Political Thinking'. **Review Of International Studies**, Cambridge, v. 25, n. 4, p.577-601, 1999. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/20097623>>. Acesso em: 23 jun. 2017.

REAGAN, Ronald. **Address at Commencement Exercises at Eureka College, Eureka, Illinois May 9, 1982. 1982b**. Discurso proferido em 9 de maio de 1982. Disponível em: <<https://www.reaganlibrary.archives.gov/archives/speeches/1982/50982a.htm>>. Acesso em: 20 set. 2017.

_____. **Address to Members of the British Parliament**. 1982. Discurso proferido em 08 junho 1982. Disponível em: <<https://reaganlibrary.archives.gov/archives/speeches/1982/60882a.htm>>. Acesso em: 21 ago. 2017.

_____. **Question-and-Answer Session With Reporters on Domestic and Foreign Policy Issues March 29, 1983. 1983**. Coletiva de imprensa realizada em 29 março 1983. Disponível em: <<https://www.reaganlibrary.archives.gov/archives/speeches/1983/32983a.htm>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

_____. **Remarks at a Dinner Marking the 10th Anniversary of the Heritage Foundation**. 1983. Discurso proferido em 3 outubro 1983. Disponível em: <<https://www.reaganlibrary.archives.gov/archives/speeches/1983/100383h.htm>>. Acesso em: 23 ago. 2017.

_____. **President Ronald Reagan Letter to General Secretary Mikhail Gorbachev March 11, 1985**. 1985. Carta de Reagan a Gorbachev, 11 de março de

1985. Disponível em: <<http://nsarchive2.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB172/Doc2.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2017.

SAVRANSKAYA, Svetlana; BLANTON, Tom. **To the Geneva Summit: Perestroika and the Transformation of U.S.-Soviet Relations**. 2005. Disponível em: <<http://nsarchive2.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB172/index.htm>>. Acesso em: 15 out. 2017.

_____. **The Reykjavik File Previously Secret Documents from U.S. and Soviet Archives on the 1986 Reagan-Gorbachev Summit**. 2006. National Security Archive Electronic Briefing Book No. 203. Disponível em: <<https://nsarchive2.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB203/>>. Acesso em: 13 out. 2017.

_____. **The INF Treaty and the Washington Summit: 20 Years Later**. 2007. National Security Archive Electronic Briefing Book No. 238 Editado por Svetlana Savranskaya e Thomas Blanton; também possui um compilado de documentos relacionados ao encontro de Washington de 1987. Disponível em: <<http://nsarchive2.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB238/index.htm>>. Acesso em: 20 out. 2017

_____. **Reagan, Gorbachev and Bush at Governor's Island**. 2008b. National Security Archive Electronic Briefing Book No. 261. Disponível em: <<http://nsarchive2.gwu.edu//NSAEBB/NSAEBB261/index.htm>>. Acesso em: 24 out. 2017.

SCHALLER, Michael. Reagan and the Cold War. In: LONGLEY, Kyle et al. **Deconstructing Reagan: Conservative Mythology and America's Fortieth President**. Armonk: M.E.Sharpe, 2007. p. 3-40.

SCOTT, James M.. **Deciding to Intervene: The Reagan Doctrine and American Foreign Policy**. Londres: Duke University Press, 1996. 352 p.

SILVA, Rodrigo Candido da. AS GUERRAS DE REAGAN: ascensão do conservadorismo e os desdobramentos da política externa dos EUA na Era Reagan (1981-1989). **Revista Eletrônica História em Reflexão**, Dourados, v. 8, n. 15, p.1-27, 2014. Disponível em: <[http://ojs.ufgd.edu.br/ojs/index.php?journal=historiaemreflexao&page=article&op=view&path;\[\]=3353](http://ojs.ufgd.edu.br/ojs/index.php?journal=historiaemreflexao&page=article&op=view&path;[]=3353)>. Acesso em: 13 mar. 2017.

SURI, Jeremi. Explaining the End of the Cold War: A New Historical Consensus?. **Journal of Cold War Studies**, Boston, v. 4, n. 4, p.60-92, maio 2002. Disponível em: <<http://www.mitpressjournals.org/doi/abs/10.1162/15203970260209518>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

THE NATIONAL SECURITY ARCHIVE. **The Reykjavik File**: Previously Secret Documents from U.S. and Soviet Archives on the 1986 Reagan-Gorbachev Summit. 2006. A página possui um compilado de arquivos e documentos relacionados ao Encontro na Islândia de 1986. Disponível em: <<http://nsarchive2.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB203/>>. Acesso em: 15 out. 2017.

TSYGANKOV, Andrei P.. **Russia's Foreign Policy**: Change and Continuity in National Identity. 3. ed. Plymouth: Rowman & Littlefield Publishers, Inc, 2013. 280 p.

UNITED STATES NATIONAL SECURITY COUNCIL. **National Security Decision Directive 75**. 1983. Documento desclassificado. Disponível em: <<https://fas.org/irp/offdocs/nsdd/nsdd-75.pdf>>. Acesso em: 21 ago. 2017.

WATSON, William D.. Trust, but Verify: Reagan, Gorbachev, and the INF Treaty. **The Hilltop Review**, Kalamazoo, v. 5, n. 1, p.22-39, dez. 2011. Disponível em: <<http://scholarworks.wmich.edu/hilltopreview/vol5/iss1/5>>. Acesso em: 20 out. 2017.

WENDT, Alexander. **Social Theory of International Politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. 429 p.

_____. ANARQUIA É O QUE OS ESTADOS FAZEM DELA: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA POLÍTICA DE PODER. **Monções**, Dourados, v. 2, n. 3, p.420-473, jun. 2013. Artigo originalmente publicado em 1992. Versão traduzida por Rodrigo Duque Estrada. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/moncoes/article/view/2188>>. Acesso em: 07 out. 2017.

WILSON, James Graham. How Grand was Reagan's Strategy, 1976–1984? **Diplomacy & Statecraft**, Londres, v. 18, n. 4, p.773-803, jun. 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/09592290701807234>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

_____. Did Reagan Make Gorbachev Possible? **Presidential Studies Quarterly**, Washington, v. 38, n. 3, p.456-475, set. 2008. Disponível em:

<https://www.jstor.org/stable/41219690?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 13 jun. 2017.

ZUBOK, Vladislav. **FAILED EMPIRE: THE SOVIET UNION IN THE COLD WAR FROM STALIN TO GORBACHEV**. Chapel Hill: The University Of North Carolina Press, 2007. 467 p.

